INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS – *CAMPUS* OURO PRETO
CURSO DE TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Jéssica Barbosa Queiroz

CONSERVAÇÃO E PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO:
reflexões a partir do Museu Casa Guignard

OURO PRETO/MG
2026

JESSICA BARBOSA QUEIROZ

CONSERVAÇÃO E PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO:
reflexões a partir do Museu Casa Guignard

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Tecnologia em Conservação e Restauro do Instituto Federal de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto.
Orientadora: Savilly Aimee Teixeira Buttros

OURO PRETO/MG
2026

Q3c

Queiroz, Jéssica Barbosa.
Conservação e patrimônio cultural edificado [manuscrito] : reflexões a partir do Museu Casa Guignard / Jéssica Barbosa Queiroz. – 2026.
173 f. : il.

Orientadora: Savilly Aimee Teixeira Buttros.
Trabalho de Conclusão de Curso (tecnologia) - Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2026.

1. Patrimônio cultural - Proteção. 2. Diagnóstico. 3. Conservação histórica. I. Buttros, Savilly Aimee Teixeira. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. III. Título.

CDU: 719

Catalogação: Kelly Cristiane Santos Morais - CRB-6/3217

Jéssica Barbosa Queiroz

CONSERVAÇÃO E PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO:
reflexões a partir do Museu Casa Guignard

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Tecnologia em Conservação e Restauro do Instituto Federal de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto.

Aprovado em: 01 / 09 / 2026 pela banca examinadora:

gov.br Documento assinado digitalmente
SAVILLY AIMEE TEIXEIRA BUTTROS
Data: 28/09/2026 20:17:42-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Me. Savilly Aimee Teixeira Buttros – IFMG/OP (orientadora)

gov.br Documento assinado digitalmente
REGIS EDUARDO MARTINS
Data: 08/09/2026 15:46:36-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Régis Eduardo Martins – IFMG/OP (membro interno)

gov.br Documento assinado digitalmente
WILLI DE BARROS GONCALVES
Data: 05/09/2026 16:12:25-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Willi de Barros Gonçalves – UFMG/BH (membro externo)

AGRADECIMENTOS

Início este agradecimento com o olhar voltado a mim, por ter a coragem de iniciar uma nova fase da vida dedicada a aprofundar os aprendizados no campo do patrimônio. Isso só se tornou realidade com a força e estabilidade que minha mãe, Gessi, me ofereceu durante esse percurso. Agradeço a todas as oportunidades que essa trajetória me ofertou, desde os momentos no curso até os vividos na cidade de Ouro Preto. Ao meu namorado, Flávio, que me acompanhou, ouviu e me ajudou em todos os momentos, sem exceção.

Agradeço aos professores do curso que se demonstraram atenciosos e acolhedores. Em especial à Savilly, minha orientadora, que embarcou comigo no desenvolvimento deste trabalho de forma a deixar todo o processo muito mais tranquilo. Ao Régis, pelas ótimas observações; à Larissa, por despertar a curiosidade sobre a temática; à Bárbara, pelas conversas que nortearam o desenvolvimento inicial do TCC II; à Mônica, que ajudou com as informações obtidas no IEPHA.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à Catarina, pela amizade e pelo auxílio na elaboração gráfica dos mapa-chaves; à Elenice, do Arquivo Público Municipal, pelo auxílio no levantamento histórico da edificação em estudo; e, principalmente, ao Breno e a todos os trabalhadores do Museu Casa Guignard, por me receberem e disponibilizarem informações cruciais para o desenvolvimento deste trabalho.

[...] todo monumento histórico
é também um monumento de arte [...]
(RIEGL, 2014, p.33).

RESUMO

A conservação do patrimônio edificado constitui uma importante estratégia para reduzir a ocorrência e o avanço de processos de deterioração. Nesse contexto, este trabalho teve como objetivo propor um Plano de Conservação para a edificação do Museu Casa Guignard, localizado em Ouro Preto, Minas Gerais. A pesquisa caracteriza-se como aplicada, de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de estudo de caso e com caráter predominantemente descritivo. Para seu desenvolvimento, foram realizados levantamento bibliográfico e documental, visitas técnicas, diagnóstico do estado de conservação da edificação e análise dos dados obtidos. Os resultados evidenciaram diferentes manifestações de deterioração na edificação, como problemas relacionados à umidade, à colonização biológica e ao estado de conservação de determinados elementos construtivos, evidenciando que a sistematização por meio de um plano de conservação, do monitoramento e das ações de conservação é indispensável para minimizar o avanço dos processos de deterioração. Diante dessas constatações, foi elaborado um Plano de Conservação com orientações voltadas à inspeção, limpeza, manutenção e monitoramento da edificação.

Palavras-chave: Patrimônio edificado. Diagnóstico. Plano de conservação. Ouro Preto.

ABSTRACT

The conservation of built heritage is an important strategy for reducing the occurrence and progression of deterioration processes. In this context, this study aimed to propose a Conservation Plan for the building of the Museu Casa Guignard, located in Ouro Preto, Minas Gerais, Brazil. The research is characterized as applied, with a qualitative approach, developed through a case study and predominantly descriptive in nature. To carry out the study, a bibliographic and documentary survey, technical visits, an assessment of the building's state of conservation, and an analysis of the data obtained were conducted. The results revealed different manifestations of deterioration in the building, such as problems related to moisture, biological colonization, and the state of conservation of certain building elements, demonstrating that the systematization of conservation measures through a conservation plan, monitoring, and conservation actions is essential to minimizing the progression of deterioration processes. Based on these findings, a Conservation Plan was developed, providing guidelines for the inspection, cleaning, maintenance, and monitoring of the building.

Keywords: Built heritage. Diagnosis. Conservation plan. Ouro Preto.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 21
2 BASES CONCEITUAIS DA CONSERVAÇÃO 25
2.1 Definições iniciais: conservação, conservação preventiva, conservação curativa e restauração 25
2.2 Desenvolvimento histórico: da Restauração à conservação 27
2.3 O edifício como parte do sistema de preservação 30
3 O MUSEU CASA GUIGNARD 34
3.1 Alberto da Veiga Guignard 34
3.2 A edificação 35
3.2.1 Uso atual 39
3.2.2 Sistema construtivo e materiais 41
3.3 Proteção legal existente 53
4 DIAGNÓSTICO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO 55
4.1 Caracterização do contexto ambiental e fatores externos 55
4.2 Condições ambientais internas 59
4.3 Analise do estado de conservação por cômodos 61
4.3.1 Cobertura 61
4.3.2 Fachadas 63
4.3.2.1 Frontal 63
4.3.2.2 Posterior 66
4.3.3 Primeiro pavimento 70
4.3.3.1 Recepção 70
4.3.3.2 Sala de Retratos 73
4.3.3.3 Sala Guignard Ilustrador 78
4.3.3.4 Circulação – Passos de Guignard 82
4.3.3.5 Sala de Fotografias 86
4.3.3.6 Sala de Vídeo 90
4.3.3.7 Copa 93
4.3.4 Segundo pavimento 101
4.3.4.1 Hall e escada 101
4.3.4.2 Sala Exposição Permanente 104
4.3.4.3 Sala de Cartões para Amalita 108
4.3.4.4 Sala Administrativa 111

4.3.4.5 Sala da Direção 114
4.3.5 Subsolo 119
4.3.5.1 Sala de apoio 119
4.3.5.2 Exposições temporárias e Setor Educativo 122
4.3.5.3 Átrio 125
4.3.5.4 Ambiente de acesso ao Jardim 129
4.3.5.5 Banheiro 132
4.3.5.6 Jardim 134
5 PROPOSTA DE PLANO DE CONSERVAÇÃO 139
5.1 Edifício 142
5.2 Jardim 146
5.3 Orientações complementares 147
5.3.1 Elementos de madeira 147
5.3.2 Fissuras e trincas em vedações e muros 148
5.3.3 Remoção de agentes biológicos 148
5.3.4 Secagem de superfícies de argamassa 148
6 REFLEXÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS 149

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fachada do Museu Casa Guignard e seus respectivos confrontantes 36
Figura 2 – Posse do imóvel em nome de José Batista de Figueiredo 38
Figura 3 – Posse do imóvel em nome de Coronel Candido Viana 38
Figura 4 - Posse do imóvel em nome de Joaquim Candido da Costa Sena 38
Figura 5 - Posse do imóvel em nome de Joaquim Candido da Costa Sena 38
Figura 6 - Posse do imóvel em nome dos filhos de Cordélia Sena 38
Figura 7 - Posse do imóvel em nome da Fundação Instituto Estadual 38
Figura 8 – Exemplo de forro saia-e-camisa 42
Figura 9 – Exemplo de forro com rodateto de acabamento 42
Figura 10 – Exemplo de piso tabuado corrido em madeira maciça 43
Figura 11 – Exemplo de piso cerâmico 43
Figura 12 – Exemplo de piso lajeado em quartzito 43
Figura 13 – Exemplo de piso tipo pé de moleque 44
Figura 14 – Modelo de janela de verga reta tipo guilhotina na face externa e abertura giro com duas folhas na face interna da esquadria 45
Figura 15 – Modelo de janela de verga reta com duas 45
Figura 16 – Modelo de janela de duas folhas com acabamento 46
Figura 17 – Modelo de janela de verga reta com 46
Figura 18 – Modelo de janela com verga reta 46
Figura 19 – Modelo de janela dupla de verga reta com 47
Figura 20 – Modelo de janela de verga reta 47
Figura 21 – Modelo de porta de verga alteada, com duas 47
Figura 22 - Modelo de porta de verga em arco abatido, ... 48
Figura 23 - Modelo de porta de verga reta, com 48
Figura 24 - Modelo de porta de verga reta, com duas folhas 48
Figura 25 - Modelo de porta de verga reta 49
Figura 26 - Modelo de porta de verga reta 49
Figura 27 - Modelo de porta de verga reta 49
Figura 28 - Modelo de porta de verga em arco 50
Figura 29 - Modelo de porta de verga reta com folha 50
Figura 30 - Modelo de porta de verga reta com folha 50
Figura 31 - Modelo de porta com ombreira compartilhada 51
Figura 32 – Modelo de portão com bandeira superior 51

Figura 33 – Guarda-corpo da Sacada 52
Figura 34 – Guarda-corpo Sala de Vídeo 52
Figura 35 – Escada de acesso ao segundo pavimento 53
Figura 36 – Escada de acesso ao subsolo 53
Figura 37 - Climograma com médias mensais de..... 56
Figura 38 – Carta solar (latitude 20º Sul) da fachada..... 58
Figura 39 – Esquadria de acesso à cobertura..... 62
Figura 40 – Escada de acesso 62
Figura 41 – Cavidades no madeiramento e fiação elétrica exposta..... 62
Figura 42 – Deslocamento da telha, potencial ponto de infiltração 62
Figura 43 – Pontos de incidência solar, sacos pretos e tábuas avulsas sobre a estrutura do forro 63
Figura 44 – Madeiramento aparentemente pertencente à cobertura desde seu início, e telhas avulsas sobre a estrutura do forro 63
Figura 45 – Vista da fachada 64
Figura 46 – Fixação de panfleto porta de acesso ao subsolo..... 64
Figura 47 – Destacamento do reboco próximo à divisa lateral esquerda (Restaurante Escadabaixo)..... 65
Figura 48 – Intervenção inadequada com material cimentício no embasamento de pedra 65
Figura 49 – Perda de material na porção inferior do cunhal, possivelmente associado a fungos apodrecedores e lixo 65
Figura 50 – Perda de material do cunhal próximo a sacada, possivelmente associado a fungos apodrecedores 65
Figura 51 – Fixação inadequada da campainha na ombreira da porta..... 65
Figura 52 – Fenda superficial na face interna da ombreira da porta de acesso 65
Figura 53 – Deformação na alvenaria próximo a sacada..... 66
Figura 54 – Desplacamento da camada pictórica da alvenaria e alteração cromática da camada pictórica das esquadrias..... 66
Figura 55 – Vista da fachada posterior..... 67
Figura 56 – Proliferação de fungos e biodeterioração do beiral..... 67
Figura 57 – Fixação de vegetação à estrutura em pedra e fiação aparente..... 68
Figura 58 – Deposição inadequada de objetos 68
Figura 59 – Destacamento do reboco devido raízes de vegetação fixada à alvenaria..... 68
Figura 60 – Colonização biológica e perda de material na alvenaria..... 68

Figura 61 – Eflorescência pontual na base em pedra 68
Figura 62 – Presença de vegetação e colonização biológica 69
Figura 63 – Erosão superficial, crosta e presença de luva descartável na alvenaria em pedra. 69
Figura 64 – Perda de material na base da alvenaria de pedra 69
Figura 65 – Destacamento da camada pictórica e manchas escuras por proliferação de fungos 69
Figura 66 – Corrosão na canaleta metálica de água pluvial e intervenção inadequada (cabide) 69
Figura 67 – Destacamento da camada pictórica da esquadria e da canaleta, com fiação aparente disposta rente à canaleta 69
Figura 68 – Vista do ambiente a partir da porta de acesso 72
Figura 69 – Vista do ambiente a partir da parte de trás da mesa da recepção 72
Figura 70 – Janela de prospecção e destacamento pontual do revestimento na parede a frente da escada 72
Figura 71 - Deformação na parede próximo ao forro e perda de massa pontual na parte superior da ombreira 72
Figura 72 – Proliferação de fungos (pontinhos amarelos) e destacamento da camada pictórica no canto do forro 73
Figura 73 – Trinca na borda do degrau e desgaste superficial no piso e espelho 73
Figura 74 – Manchas escuras nas extremidades do piso 73
Figura 75 – Perda de material da soleira em pedra no encontro com o piso de madeira 73
Figura 76 – Régua de extensão elétrica fixada na parede 73
Figura 77 – Sujidade e lacuna pontual no rodapé 73
Figura 78 – Vista da porta de acesso ao ambiente e janelas 76
Figura 79 – Vista a partir das janelas 76
Figura 80 – Trincas nas junções e pontos de destacamento da camada pictórica do forro próximo a verga das janelas 76
Figura 81 – Fissuras na junção do forro e parede 76
Figura 82 – Destacamento da camada pictórica do forro 76
Figura 83 – Intervenção para passagem de fiação elétrica externa 77
Figura 84 – Intervenção para passagem de fiação elétrica para recepção e tomada de piso 77
Figura 85 – Trinca na parede próximo a esquadria 77
Figura 86 – Janela de prospecção, fissura vertical e acabamento irregular da massa corrida 77
Figura 87 – Desgaste superficial do piso 77

Figura 88 – Piso em pedra contornando parte do tabuado corrido 77
Figura 89 – Vista a partir da porta de acesso ao ambiente 80
Figura 90 – Vista a partir da porta bloqueada por corrente plástica sinalizadora 80
Figura 91 – Acabamento irregular da pintura, resquício de fiação e fissura na junção entre as ripas do forro 81
Figura 92 – Acabamento irregular da pintura, trinca entre viga e forro, e parafuso tipo gancho fixado ao forro 81
Figura 93 – Fissura na parte baixa da verga da janela 81
Figura 94 – Fissura e descolamento do rodapé associado ao rebaixamento do piso 81
Figura 95 – degradação pontual na base de uma das janelas 81
Figura 96 – Orifícios decorrentes de ataque de inseto xilófago na parte inferior da janela 81
Figura 97 – Placa de sinalização de emergência fixada em local inadequado 82
Figura 98 – Porta de acesso ao depósito 82
Figura 99 – Registro do quadro geral de energia por câmera termográfica 82
Figura 100 - Vista do ambiente a partir da porta de acesso 84
Figura 101 - Vista da abertura na vedação em madeira maciça 84
Figura 102 – Camada pictórica anterior em tonalidade azul 85
Figura 103 – Lascamento da madeira do batente da bandeira fixa 85
Figura 104 - Vestígios de ataque inativo de insetos xilófagos na base da ombreira 85
Figura 105 – Base da folha da porta danificada por prego utilizado para travamento da porta 85
Figura 106 – Sujidade e acabamento irregular da janela 85
Figura 107 – Manchas escuras nas extremidades do piso 85
Figura 108 – Perda de material na esquadria com indícios de ataque de insetos xilófagos 86
Figura 109 – Perda parcial da massa de fixação dos vidros da janela 86
Figura 110 – Vista a partir da porta de acesso à copa (início do ambiente) 88
Figura 111 – Vista a partir da porta bloqueada por corrente plástica sinalizadora 88
Figura 112 – Deformação na parede 89
Figura 113 – Acabamento da massa corrida mal executada e sujidade na parede 89
Figura 114 – Intervenção inadequada na bandeira da porta de acesso bloqueado 89
Figura 115 – Arame como dispositivo improvisado para manter a porta aberta 89
Figura 116 – Intervenção inadequada para fixação da dobradiça 89
Figura 117 - Vestígios de galeria e excrementos granulares de cupim 89
Figura 118 – Fissuras na camada pictórica da vedação em madeira 90

Figura 119 – Perda de material do piso 90
Figura 120 – Vista a partir da abertura de acesso ao ambiente 92
Figura 121 – Vista a partir da televisão 92
Figura 122 – Mancha na junção do forro e próximo a parede, sugestiva de umidade 93
Figura 123 – Fissura entre ripas e proliferação de fungo no forro 93
Figura 124 – uso de régua de energia, adaptador para tomada e ausência de rodapé 93
Figura 125 – Trinca pontual na junção das ripas do guarda-corpo, destacamento da camada pictórica 93
Figura 126 – Vista a partir da porta de acesso do primeiro cômodo 97
Figura 127 – Perda de material do piso 97
Figura 128 – Manchas na parede possivelmente de umidade e sujidade 97
Figura 129 – Proliferação de fungo e fissura em algumas ripas e nas junções do forro 97
Figura 130 – Janela do primeiro cômodo com ausência de uma folha 97
Figura 131 – Perda pontual de massa no marco da janela do primeiro cômodo 97
Figura 132 – Vista a partir do acesso ao cômodo de transição 98
Figura 133 – Vista do cômodo de transição a partir da porta desativada 98
Figura 134 – Resíduo de fita adesiva fixado ao piso nas proximidades da porta desativada 98
Figura 135 – Perda pontual de material na base da ombreira da porta desativada 98
Figura 136 – Vista a partir da porta de acesso à cozinha 98
Figura 137 – Vista da cozinha a partir do fundo 98
Figura 138 – Perda pontual de material no revestimento, junto ao encontro com o piso, e fiação sem acondicionamento adequado 99
Figura 139 – Desgaste superficial do piso e vazamento no sifão 99
Figura 140 – Vista do banheiro a partir da porta de aceso 99
Figura 141 – Vista do banheiro a partir da janela 99
Figura 142 – Ataque de inseto xilófago na viga estrutural de madeira 99
Figura 143 – Proliferação de fungo e soquete da lâmpada com fixação comprometida 99
Figura 144 – Sujidade, acabamento irregular da pintura e fissura vertical próximo ao piso 100
Figura 145 – Ausência pontual de vidro e vegetação fixada externamente na janela 100
Figura 146 – Vista da janela a partir do banheiro desativado 100
Figura 147 – Vista da porta de acesso do banheiro desativado 100
Figura 148 – Soquete danificado 100
Figura 149 – Proliferação de fungo no revestimento da parede 100
Figura 150 – Acesso a escada para o segundo pavimento 102

Figura 151 – Vista da escada a partir do hall e viga estrutural do segundo pavimento 102
Figura 152 – Manchas possivelmente decorrentes de oxidação 103
Figura 153 – Perdas pontuais de material 103
Figura 154 – Fixação protuberante ao piso 103
Figura 155 – Claraboia, iluminação artificial e mancha pontual na junção das ripas 103
Figura 156 – Canaleta fixada à parede próximo ao forro e dispositivo de alarme 103
Figura 157 – Sujidade devida ausência de corrimão nesta parede 103
Figura 158 – Trincas na horizontal da parede, possível destacamento do reboco 104
Figura 159 – Trincas na vertical acima da verga 104
Figura 160 – Janelas de prospecções na parede no decorrer da escada 104
Figura 161 – Vista da porta de acesso do ambiente 106
Figura 162 – Vista dos fundos do ambiente 106
Figura 163 – Trinca na junção do forro e intervenção para passagem de fiação elétrica 107
Figura 164 - Manchas retilíneas decorrentes de intervenção mal executada e fixação de elementos não identificados 107
Figura 165 – Fissuras vertical na extremidade da verga da porta 107
Figura 166 – Trinca vertical na extensão do cunhal e fissura na horizontal 107
Figura 167 – Fissuras vertical na alvenaria 107
Figura 168 – Intervenção inadequada para passagem de fiação 107
Figura 169 – Dano mecânico decorrente de desgaste do piso por atrito 108
Figura 170 – Adesivo fixado nos vidros para impedir passagem de iluminação externa 108
Figura 171 – Folga na trava do trinco de fechamento do postigo 108
Figura 172 – Perda de massa na base da ombreira (porta sacada) 108
Figura 173 – acabamento irregular da pintura na porta de acesso ao ambiente 110
Figura 174 – Dano mecânico e perda de massa pontual na base da ombreira 110
Figura 175 – Vista do ambiente a partir da porta de acesso 111
Figura 176 – Vista do ambiente a partir da parede perpendicular à janela 111
Figura 177 – Trinca vertical e horizontal abaixo da janela 111
Figura 178 – Incidência solar no ambiente 111
Figura 179 – Desgaste do tecido fixado ao piso 111
Figura 180 – Ataque de insetos xilófagos no marco da janela 111
Figura 181 – Vista do ambiente a partir da porta de acesso 113
Figura 182 – Vista da porta de acesso do ambiente 113
Figura 183 – Desgaste mecânico do piso 114

Figura 184 – Destacamento do reboco 114
Figura 185 – Fissura vertical na alvenaria, manchas de umidade na tábua substituída e fiação exposta 114
Figura 186 – Canaletas rente a esquadria 114
Figura 187 – Móvel sobreposto à janela de prospecção 114
Figura 188 – Fissuras e destacamento da camada pictórica no madeiramento 114
Figura 189 – Vista do ambiente a partir dos fundos 117
Figura 190 – Fiação exposta e uso de adaptador de tomada 117
Figura 191 – Destacamento da camada pictórica e proliferação de fungo 117
Figura 192 – Proliferação de fungo visível por manchas amarelas 117
Figura 193 – Mancha na junção do forro, possível infiltração. E destacamento da camada pictórica a cima da verga 118
Figura 194 – Marcas de escorrimento, possível infiltração 118
Figura 195 – Sujidade e vão acima do espelho da tomada 118
Figura 196 – Desgaste mecânico do piso 118
Figura 197 – Vista do banheiro a partir da porta de acesso 118
Figura 198 – Mancha na alvenaria por umidade inadequada e soquete solto 118
Figura 199 – Vista do ambiente a partir da janela 121
Figura 200 – Vista do ambiente a partir da escada 121
Figura 201 – Fissuras na contra-verga da janela 121
Figura 202 – Destacamento da camada pictórica da janela 121
Figura 203 – Manchas na coloração rosa, possível proliferação de microrganismo 121
Figura 204 – Perda de material na porção inferior das ombreiras 121
Figura 205 – Intervenção inadequada por parafusos 122
Figura 206 – Ausência de roseta (acabamento) 122
Figura 207 – Vista do ambiente a partir da porta de acesso 124
Figura 208 – Vista do espaço destinado às atividades do Setor Educativo 124
Figura 209 – Vista do último espaço do ambiente a partir dos degraus 124
Figura 210 – Alteração cromática na tábua, possível umidade 124
Figura 211 – Perda de material e fixação de fita antiderrapante nos degraus 124
Figura 212 – Perda de material no degrau da porta que acessa a fachada fontal 124
Figura 213 – Perfurações e galerias, indicando indícios de ataque de insetos xilófagos 125
Figura 214 – Manchas brancas que indicam proliferação de fungos 125
Figura 215 – Intervenção na ombreira para passagem de cano 125

Figura 216 – Vista a partir da porta de acesso 127
Figura 217 – Barrote com indícios de ataque de inseto xilófago e proliferação de fungo 127
Figura 218 – Colonização biológica na alvenaria de pedra 128
Figura 219 – Destacamento da camada pictórica e fiação elétrica exposta 128
Figura 220 – Destacamento da camada pictórica e fixação de antena de internet 128
Figura 221 – Indício de proliferação de fungo apodrecedor 128
Figura 222 – Fissura e perda pontual da alvenaria 128
Figura 223 – Fiação exposta, pontos de oxidação e perda pontual de material 128
Figura 224 – Perda de material, indício de fungo apodrecedor no beiral 129
Figura 225 – Oxidação e destacamento da camada pictórica 129
Figura 226 – Vista do ambiente a partir do átrio 131
Figura 227 – proliferação de fungos e colonização biológica 131
Figura 228 – Perfurações e galerias, indicando indícios de ataque de insetos xilófagos, e manchas esbranquiçadas, indicando possível proliferação de fungos 131
Figura 229 – Deformação na porção superior da alvenaria e colonização biológica 131
Figura 230 – Cano de ferro fundido e em pvc 131
Figura 231 – Vista do ambiente a partir da porta de acesso 133
Figura 232 – Vista para as duas alvenarias com acabamento em pintura 133
Figura 233 – Fissura e trinca vertical com perda da película protetora da cerâmica 134
Figura 234 – Dano mecânico na maçaneta 134
Figura 235 – Escultura Samaritana 135
Figura 236 – Montagem de como seria o chafariz com a escultura 135
Figura 237 – Vista do ambiente a partir da janela da copa 137
Figura 238 – Vista do ambiente a partir dos fundos do lote 137
Figura 239 – Erosão e fixação de vegetação 137
Figura 240 – Deposição inadequada de objetos 137
Figura 241 – Chafariz localizado junto ao muro de divisa posterior 137
Figura 242 – Abertura não identificada no piso 137
Figura 243 – Colonização biológica próximo ao chafariz 138
Figura 244 – Colonização biológica com aspecto alaranjado 138

LISTA DE DESENHOS

Desenho 1 - Localização do Museu Casa Guignard na 36
Desenho 2 - Implantação do Museu e seus confrontantes 37
Desenho 3 - Plantas do Museu Casa Guignard 40
Desenho 4 - Mapa-chave Recepção 70
Desenho 5 - Mapa-chave Sala de Retratos 74
Desenho 6 - Mapa-chave Sala Guignard Ilustrador 78
Desenho 7 - Mapa-chave Passos de Guignard 83
Desenho 8 - Mapa-chave Sala de Fotografias 86
Desenho 9 - Mapa-chave Sala de Vídeo 90
Desenho 10 - Mapa-chave Copa 93
Desenho 11 - Mapa-chave Hall e Escada 101
Desenho 12 - Mapa-chave Sala Exposição Permanente 104
Desenho 13 - Mapa-chave Sala de Cartões para Amalita 109
Desenho 14 - Mapa-chave Sala Administrativa 112
Desenho 15 - Mapa-chave Sala da Direção 115
Desenho 16 - Mapa-chave Sala de apoio 119
Desenho 17 - Mapa-chave Exposições temporárias e Setor educativo 122
Desenho 18 - Mapa-chave Átrio 126
Desenho 19 - Mapa-chave ambiente de acesso ao Jardim 129
Desenho 20 - Mapa-chave Banheiro 132
Desenho 21 - Mapa-chave Jardim 134

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Instrumentos legais de proteção 54
Tabela 2 - Períodos aproximados de incidência solar 57
Tabela 3 - Registros de temperatura e umidade relativa interna do Museu 60

1 INTRODUÇÃO

A conservação do patrimônio cultural consolidou-se, ao longo do século XX, como um campo de atuação profissional e de reflexão teórica, marcado pela progressiva sistematização de seus princípios, procedimentos e responsabilidades éticas. Nesse processo, a conservação passou a se diferenciar de abordagens de restauração orientadas predominantemente pela dimensão estética, incorporando uma preocupação mais ampla com a salvaguarda da integridade e dos valores culturais dos bens.

Como aponta Clavir (1998), a consolidação da conservação profissional esteve associada a uma mudança na compreensão da responsabilidade diante dos bens culturais. Nesse contexto, o Código de Ética Canadense, citado pela autora, define a conservação como: [...] "todas as ações visando a salvaguarda dos bens culturais para o futuro. O propósito da conservação é estudar, registrar, reter e restaurar as qualidades culturalmente significativas do objeto com a menor intervenção possível" (CLAVIR,1998, p.1).

Para Clavir (1998), a consolidação da conservação profissional está relacionada à adoção de uma abordagem sistemática para a compreensão dos bens culturais e dos processos que podem afetá-los. O conhecimento das características materiais, das causas e dos mecanismos de deterioração constitui, assim, fundamento para a tomada de decisões e para a definição de intervenções compatíveis com o bem. Nesse contexto, princípios como a mínima intervenção e a fundamentação técnica e histórica assumem importância na prática da conservação.

Essa compreensão amplia o campo de atuação da conservação para além do tratamento direto dos objetos, abrangendo também as condições que contribuem para sua preservação. No caso dos museus instalados em edifícios históricos, essa abordagem envolve não apenas os acervos, mas também a própria edificação, seus materiais, sistemas construtivos, condições ambientais e formas de uso e manutenção. O edifício, nesse contexto, constitui parte integrante do patrimônio e, simultaneamente, desempenha papel fundamental na salvaguarda dos bens culturais que abriga.

A conservação dessas edificações requer, portanto, uma abordagem sistemática, capaz de considerar a interação entre as características físicas do imóvel, as condições ambientais, os usos, as práticas de manutenção e os demais fatores que podem contribuir para sua deterioração. É nesse contexto que se insere o Museu Casa Guignard, localizado no centro histórico de Ouro Preto, Minas Gerais. Instalado em uma edificação de características da arquitetura luso-brasileira, situada na Rua Conde de Bobadela, nº 110, conhecida como Rua Direita, o museu abriga um acervo dedicado à vida e à obra de Alberto da Veiga Guignard

(1896–1962), importante representante da arte moderna brasileira, cuja produção possui estreita relação com a paisagem e a cultura de Ouro Preto.

A escolha do Museu Casa Guignard como objeto de estudo justifica-se por sua relevância histórica, arquitetônica e cultural. Além de preservar a memória de Guignard, a edificação constitui importante testemunho material da formação urbana de Ouro Preto. Conforme Riegl (2014, p. 32-35), os monumentos podem reunir simultaneamente valores históricos e artísticos, aos quais se somam o valor de antiguidade (p. 49-65) e o valor de uso (p. 66-68), cuja coexistência reforça a necessidade de sua preservação.

Embora o museu adote rotinas de limpeza e manutenção como parte de sua gestão cotidiana, essas ações ocorrem de forma pontual e não integram um Plano de Conservação capaz de orientar, de maneira sistemática, o monitoramento das condições da edificação, a identificação dos agentes de deterioração, a avaliação dos riscos e a definição de procedimentos voltados à sua preservação em longo prazo. Essa lacuna pode comprometer gradativamente a integridade física do edifício e influenciar diretamente as condições de conservação do acervo museológico, favorecendo a ocorrência de danos que poderiam ser minimizados ou evitados por meio de ações preventivas.

Por essa razão, o presente trabalho tem como objetivo elaborar um Plano de Conservação para a edificação do Museu Casa Guignard, a partir da caracterização de suas condições físicas e ambientais, da identificação dos principais agentes e fatores de risco e da proposição de medidas de conservação compatíveis com suas características construtivas e com a realidade institucional do museu.

A abordagem adotada parte da compreensão de que a conservação de um edifício museal não se restringe às suas características físicas, mas envolve também os aspectos ambientais, institucionais e operacionais que interferem em sua preservação. Nesse sentido, Froner, (2008) destaca:

> Tendo em vista a natureza multifacetada de um museu, a metodologia para o diagnóstico de conservação [...] reflete uma abordagem estratégica da gestão ambiental. Ela abrange uma extensa gama de questões ligadas à conservação que afetam as coleções e o edifício do museu, além de levar em conta a missão, funções, atividades e recursos institucionais (Froner, 2008, p. 7).

A partir dessa perspectiva, a pesquisa foi estruturada em etapas voltadas à caracterização da edificação, ao diagnóstico de suas condições de conservação, à análise dos fatores de risco e, por fim, à elaboração do Plano de Conservação.

Quanto à sua natureza, a pesquisa caracteriza-se como aplicada, por resultar na elaboração de um instrumento de conservação destinado ao Museu Casa Guignard. Apresenta abordagem qualitativa, uma vez que busca compreender as condições de conservação da edificação a partir da análise de seus aspectos físicos, construtivos e ambientais. Quanto aos procedimentos, desenvolve-se como um estudo de caso, de caráter predominantemente descritivo, por meio da caracterização do estado de conservação do edifício e da identificação dos fatores de risco que podem comprometer sua preservação.

A metodologia fundamentou-se em materiais brasileiros de conservação. Durante o levantamento bibliográfico, observou-se que todos os materiais selecionados compartilhavam o uso do protocolo de diagnóstico desenvolvido pelo Getty Conservation Institute (GCI), instituição que promove práticas de conservação em nível global desde 1985. Desde então, o GCI desenvolve pesquisas científicas, metodologias e diretrizes técnicas aplicadas à conservação, além de projetos-modelo implementados em diferentes regiões do mundo, como Ásia, África, Oriente Médio, Europa e Américas.

Com base nessa abordagem metodológica, foram adotados como principais referências o Plano de Conservação Preventiva para o Pavilhão Mourisco da Fiocruz (COELHO et al., 2019), Metodologia e tecnologia na área de manutenção e conservação de bens edificados: o caso do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (PINHEIRO et al., 2009), Instruções Técnicas: uma ferramenta para conservação de edifícios históricos (CARVALHO; PASSOS; FONSECA, 2020), o Roteiro de Avaliação e Diagnóstico em Conservação (SOUZA; FRONER, 2008), o Diagnóstico do entorno e envoltórias do edifício da Biblioteca Central da UFMG (GONÇALVES et al., 2020) e o Manual de Conservação Preventiva de Edificações, do Programa Monumenta (KLÜPPEL; SANTANA, s.d.). Essas referências foram utilizadas de forma complementar ao longo das diferentes etapas da pesquisa, contribuindo para a estruturação do levantamento e do diagnóstico das condições de conservação, para a análise dos dados e para a elaboração do Plano de Conservação e de seus procedimentos de inspeção, limpeza e manutenção.

O desenvolvimento do trabalho ocorreu em quatro etapas principais. Na primeira etapa, foi realizado o levantamento de informações sobre a edificação do museu, incluindo seu histórico de uso e documentação técnica e institucional, como registros de jurisdição, plantas arquitetônicas, diagnósticos anteriores, inventários, registros fotográficos e informações sobre intervenções realizadas ao longo do tempo. Essa etapa teve como objetivo reunir dados preliminares para a caracterização da edificação e subsidiar o desenvolvimento das etapas seguintes da pesquisa.

Na segunda etapa, foram realizadas visitas técnicas ao museu para o levantamento das condições de conservação da edificação, com o auxílio da ficha de caracterização elaborada para a pesquisa e das referências metodológicas anteriormente apresentadas. Foram observados aspectos relacionados às condições ambientais, como temperatura, umidade relativa do ar, precipitação e incidência de radiação solar, além das características do entorno, dos materiais e sistemas construtivos e do estado de conservação dos elementos da edificação. Também foram realizadas entrevistas com funcionários, com o objetivo de compreender as rotinas de funcionamento, as políticas institucionais e os procedimentos de conservação adotados pelo museu.

Na terceira etapa, as informações obtidas durante o levantamento e o diagnóstico foram sistematizadas em uma matriz de diagnóstico, desenvolvida para organizar e analisar os dados coletados. A partir dessa sistematização, buscou-se relacionar as manifestações de deterioração identificadas aos possíveis agentes e mecanismos envolvidos, permitindo reconhecer os principais fatores de risco para a conservação da edificação e estabelecer prioridades para as ações de conservação.

Na quarta e última etapa, foi elaborado o Plano de Conservação, fundamentado nos resultados obtidos nas etapas anteriores e nas referências adotadas para a pesquisa. O Plano estabelece recomendações e procedimentos voltados à conservação preventiva da edificação, contemplando ações de inspeção, limpeza, manutenção e monitoramento de seus diferentes elementos, organizadas de acordo com sua periodicidade. Também são indicadas situações que demandam atenção e avaliação por profissional especializado, buscando contribuir para a identificação precoce de processos de deterioração e para a conservação da edificação.

2 BASES CONCEITUAIS DA CONSERVAÇÃO

Para a compreensão dos conceitos abordados neste capítulo, adota-se a distinção terminológica proposta por Muñoz Viñas (2021, p. 22) entre Restauração, grafada com inicial maiúscula, e restauração, com inicial minúscula. O primeiro termo é empregado em sentido amplo, para designar o campo de atuação relacionado à intervenção sobre os bens culturais, enquanto o segundo corresponde à restauração entendida em sentido específico, distinguindo-se da conservação e de outras operações de intervenção.

Essa diferenciação será mantida ao longo do trabalho, de modo a delimitar os diferentes sentidos atribuídos ao termo e evitar ambiguidades na discussão teórica.

2.1 Definições iniciais: conservação, conservação preventiva, conservação curativa, restauração e manutenção.

Antes de abordar o tema da conservação, faz-se necessário estabelecer as distinções conceituais entre a conservação e restauro. A necessidade dessa definição decorre da diversidade terminológica historicamente empregada no campo da conservação, o que frequentemente gerou ambiguidades e dificuldades de comunicação entre profissionais e instituições. Diante desse contexto, durante a XV Conferência Trienal do Comitê Internacional para Conservação do Conselho Internacional de Museus (ICOM-CC), realizada em Nova Déli, em 2008, foi proposta uma terminologia unificada para a conservação do patrimônio cultural.

As definições propostas pelo ICOM-CC (2008) são apresentadas a seguir:

A conservação constitui o conceito mais abrangente no campo da preservação do patrimônio cultural, reunindo todas as medidas e ações destinadas à sua salvaguarda. Seu objetivo é garantir a permanência e a transmissão dos bens culturais às gerações presentes e futuras, respeitando seus valores históricos, artísticos, culturais e materiais. Nesse contexto, a conservação preventiva, a conservação curativa e a restauração não representam práticas independentes, mas modalidades complementares que integram uma mesma estratégia de preservação.

> Todas aquellas medidas o acciones que tengan como objetivo la salvaguarda del patrimonio cultural tangible, asegurando su accesibilidad a generaciones presentes y futuras. La conservación comprende la conservación preventiva, la conservación curativa y la restauración. Todas estas medidas y acciones deberán respetar el significado y las propiedades físicas del bien cultural en cuestión (ICOM-CC, 2008, p.1).

A conservação preventiva caracteriza-se pela adoção de medidas planejadas para controlar os agentes de deterioração antes que estes provoquem danos aos bens culturais. Dessa forma, prioriza o monitoramento das condições ambientais, o uso adequado dos espaços, a manutenção periódica e a gestão dos riscos, reduzindo a necessidade de intervenções diretas e contribuindo para a preservação da integridade física e dos valores culturais do patrimônio.

> Todas aquellas medidas y acciones que tengan como objetito evitar o minimizar futuros deterioros o pérdidas. Se realizan sobre el contexto o el área circundante al bien, o más frecuentemente un grupo de bienes, sin tener en cuenta su edad o condición. Estas medidas y acciones son indirectas – no interfieren con los materiales y las estructuras de los bienes. No modifican su apariencia (ICOM-CC, 2008, p.1).

Ao contrário da conservação preventiva, a conservação curativa é empregada quando o processo de deterioração já está instalado e exige intervenções para estabilizar o bem cultural. Seu objetivo é interromper ou retardar a evolução dos danos, garantindo a permanência e a estabilidade do patrimônio, ainda que, em determinadas situações, sejam necessárias alterações pontuais em sua matéria.

> Todas aquellas acciones aplicadas de manera directa sobre un bien o un grupo de bienes culturales que tengan como objetivo detener los procesos dañinos presentes o reforzar su estructura. Estas acciones sólo se realizan cuando los bienes se encuentran en un estado de fragilidad notable o se están deteriorando a un ritmo elevado, por lo que podrían perderse en un tiempo relativamente breve. Estas acciones a veces modifican el aspecto de los bienes (ICOM-CC, 2008, p.2).

A restauração diferencia-se das demais modalidades por buscar recuperar a legibilidade e a compreensão do bem cultural quando seus valores foram comprometidos ao longo do tempo. Por envolver intervenções diretas, deve fundamentar-se em critérios técnicos e éticos que respeitem a autenticidade, a integridade e os valores históricos, artísticos e culturais do patrimônio.

> Todas aquellas acciones aplicadas de manera directa a un bien individual y estable, que tengan como objetivo facilitar su apreciación, comprensión y uso. Estas acciones sólo se realizan cuando el bien ha perdido una parte de su significado o función a través de una alteración o un deterioro pasados. Se basan en el respeto del material original. En la mayoría de los casos, estas acciones modifican el aspecto del bien (ICOM-CC, 2008, p.2).

A fim de complementar as definições apresentadas, incorpora-se o conceito de manutenção estabelecido pela Carta de Burra (2013), que a define como o cuidado protetivo contínuo de um local e de seu entorno, incluindo ações como inspeção e limpeza regular. No contexto do patrimônio edificado, essas ações contribuem para o acompanhamento contínuo

das condições do bem e para a identificação de alterações que possam comprometer sua conservação.

> *Maintenance* means the continuous protective care of a *place*, and its *setting*. Maintenance is to be distinguished from repair which involves *restoration* or *reconstruction*. Examples include regular inspection and cleaning of a place, e.g. mowing and pruning in a garden (AUSTRALIA ICOMOS, 2013, p.2).

2.2 Desenvolvimento histórico: da Restauração à conservação

A conservação dos bens culturais tornou-se uma questão importante desde os primórdios da civilização, embora sua compreensão e abordagem tenham evoluído significativamente ao longo do tempo. O panorama histórico configura-se na Pré-História, quando objetos como ferramentas de pedra eram os primeiros vestígios materiais da atividade humana. No entanto, esses objetos só passaram a ser estudados sistematicamente entre os séculos XV e XVII, por colecionadores e arqueólogos que aprenderam a descrever, classificar e datar esses artefatos, estabelecendo os períodos históricos da Idade da Pedra, Bronze e Ferro. (FRONER, 2007, p.2).

Para compreender a origem da conservação, se faz necessário tomar como partido os conceitos da Restauração, visto que a conservação deriva da restauração. A transição da restauração para a conservação representa uma das transformações mais significativas na teoria e prática do patrimônio arquitetônico. Esta evolução não foi linear, mas sim um processo complexo que refletiu mudanças nas atitudes culturais, avanços científicos e debates filosóficos sobre a natureza e o valor dos monumentos históricos.

O desenvolvimento da conservação como disciplina distinta emergiu das limitações e contradições inerentes às primeiras teorias de restauração do século XIX. Enquanto a restauração inicial focava na renovação e melhoria das obras, a conservação moderna desenvolveu-se como uma resposta mais científica e respeitosa ao patrimônio histórico. Os primeiros preceitos genéricos sobre restauração de monumentos aparecem na França já no século XVIII. O exercício teórico das reconstituições, por sua vez, era algo com tradição, fazendo parte do trabalho dos pensionistas na Academia de França em Roma (KÜHL, 2006, p. 119).

O primeiro teórico a estabelecer fundamentos acerca da restauração foi Eugène-Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879), viveu a pós revolução Francesa e sua teoria concebia a restauração como uma reconstrução ideal, imaginando o que teria sido feito caso todos os conhecimentos técnicos da época original tivessem sido aplicados, e assim não simplesmente conservar ou reparar, mas restabelecer o edifício em um estado ideal, que pode não ter existido literalmente em um momento específico da história. (KÜHL, 2006, p. 133)

Paralelamente às formulações de Viollet-le-Duc, John Ruskin (1819–1900), na Inglaterra, publicou *The Seven Lamps of Architecture*, obra que critica as práticas de restauração. Ruskin sintetizou um movimento que defendia o respeito pela integridade dos materiais originais e reconhecia as transformações pelas quais uma obra passa ao longo do tempo. Nessa perspectiva, priorizava-se a conservação como forma de retardar a deterioração, respeitando o processo natural de envelhecimento da obra e evitando intervenções que alterassem sua materialidade (KÜHL, 2006, p. 138).

Já Camillo Boito (1836-1914) foi o teórico que adotou uma postura mediadora entre Viollet-Le-Duc e John Ruskin, formulando princípios que culminaram na promulgação de uma nova Lei Italiana em 1902. Esses princípios servem como uma estrutura para a preservação de artefatos e monumentos históricos.

Diante das profundas perdas culturais causadas pela ação humana, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, a comunidade internacional passou a reconhecer a importância de salvaguardar o patrimônio cultural. No contexto social do pós-guerra, consolidou-se uma forte preocupação com a preservação efetiva dos bens culturais, especialmente no que se refere à sua salvaguarda física como patrimônio de interesse coletivo.

Nesse contexto, diversos simpósios e encontros internacionais contribuíram para a elaboração e consolidação de importantes documentos e instrumentos de referência nos campos da conservação, da restauração e da salvaguarda dos bens culturais. As Cartas Patrimoniais constituem parte significativa desse conjunto de documentos, resultantes dos debates e das reflexões desenvolvidos no âmbito desses encontros e de organismos voltados à proteção do patrimônio cultural.

A Carta de Atenas (1931) foi elaborada durante o I Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos em Monumentos, consolida as bases teóricas e práticas da conservação de monumentos históricos, reconhecendo o patrimônio como componente essencial da memória coletiva e identidade cultural. Enfatiza a importância da manutenção regular dos edifícios históricos para a sua conservação e orienta profissionais e autoridades a valorizar intervenções responsáveis e científicas, priorizando a conservação de estruturas originais e defendendo a autenticidade contra intervenções inadequadas ou destrutivas (LOPES; CORREIA, 2014, p. 59-62).

Por sua vez, a Carta de Veneza (1964), elaborada durante o II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, consolidou princípios fundamentais para a conservação e a restauração dos monumentos históricos. Ao estabelecer diretrizes relacionadas à manutenção, à preservação da autenticidade, ao respeito à ambiência

e à documentação das intervenções, o documento representou um importante avanço na sistematização das práticas de conservação, influenciando as teorias e os documentos patrimoniais desenvolvidos nas décadas seguintes.

Os artigos 4º ao 8º apresentam princípios diretamente relacionados à conservação dos monumentos. O artigo 4º estabelece que "a conservação dos monumentos impõe, antes de tudo, uma manutenção permanente", reconhecendo a manutenção contínua como condição indispensável para sua preservação. O artigo 5º dispõe que a conservação é favorecida pela destinação dos monumentos a uma função útil à sociedade, desde que essa utilização não altere sua disposição ou decoração. O artigo 6º determina que a conservação compreende também a preservação da ambiência do monumento, enquanto o artigo 7º afirma que ele é inseparável da história da qual é testemunho e do meio em que se insere. Por fim, o artigo 8º estabelece que os elementos de escultura, pintura ou decoração integrantes do monumento somente poderão ser separados dele quando essa medida constituir o único meio de assegurar sua conservação (ICOMOS, 1964, p. 1-2).

Além desses princípios, a Carta de Veneza reforça o caráter científico da conservação ao estabelecer, em seu artigo 16º, que "os trabalhos de conservação, de restauração e de escavação serão sempre acompanhados da elaboração de documentação precisa, constituída por relatórios analíticos e críticos, ilustrados com desenhos e fotografias". O documento determina ainda que todas as etapas da intervenção sejam registradas e arquivadas em instituições públicas, assegurando a produção, a preservação e a difusão das informações técnicas relativas aos bens culturais (ICOMOS, 1964, p. 3).

Após a consolidação dos princípios internacionais estabelecidos pela Carta de Veneza (1964), novas discussões passaram a ampliar a compreensão sobre a conservação dos bens culturais. Nesse contexto, o ICOMOS de Austrália elaborou a Carta de Burra, inicialmente adotada em 1979. O documento passou por revisões em 1981, 1988, 1999 e 2013, acompanhando transformações nas concepções e práticas de conservação. Entre essas versões, a revisão de 1988 representa um momento importante para o desenvolvimento de procedimentos voltados à aplicação dos princípios da conservação, ao estabelecer orientações relacionadas à prática, ao escopo e ao desenvolvimento e implementação de políticas de conservação.

Um dos aspectos centrais dessa abordagem consiste na necessidade de compreender o significado cultural do lugar como fundamento para a tomada de decisões. Assim, a definição das intervenções não deve partir exclusivamente das limitações econômicas, funcionais ou operacionais existentes, mas de uma compreensão prévia dos valores e significados que

justificam a conservação do bem. A partir desse entendimento, podem ser avaliadas as alternativas de intervenção, uso, manutenção e gestão mais adequadas.

Essa perspectiva contribui para deslocar a conservação de uma abordagem centrada exclusivamente na intervenção física para uma compreensão mais ampla, na qual o conhecimento do lugar, a identificação de seus valores e a definição de políticas orientam as decisões de conservação. Nesse sentido, a Carta de Burra estabelece uma relação entre conhecimento, avaliação, planejamento e gestão, aspectos que posteriormente se mostram relevantes para a elaboração de instrumentos de planejamento da conservação.

De acordo com Caldeira (2005, p.97), a Carta Italiana, apresentada em 1987 no Congresso Internacional sobre Bens Culturais e Ambientais, estabelece definições fundamentais para a conservação preventiva, como conservação, prevenção, salvaguarda, manutenção e restauração. O documento ressalta a complementaridade entre conservação e restauração e afirma que um programa de restauração deve estar associado a ações de salvaguarda, manutenção e prevenção.

Caldeira (2005, p.97-99) ainda enfatiza que, no Brasil, assim como em outros países, a conservação preventiva ganhou força a partir da institucionalização de políticas públicas. Nesse contexto, destaca documentos importantes, como o Compromisso de Brasília (1970) e o Compromisso de Salvador (1971), ambos fundamentais por reforçarem a necessidade de formação profissional especializada, da atuação interdisciplinar e da destinação adequada de recursos financeiros voltados à manutenção física do patrimônio. A autora observa ainda que a conservação preventiva se consolidou como campo de trabalho e pesquisa científica a partir da década de 1980, sobretudo nos Estados Unidos, sendo concebida como um conjunto de ações sistemáticas destinadas a retardar os processos de deterioração e a prevenir danos aos bens culturais. Tais ações se fundamentam principalmente na provisão de condições ambientais e humanas adequadas.

2.3 O edifício como parte do sistema de preservação

Ao discutir o conceito de conservação em ambientes de museus, deve-se considerar três pontos: a estrutura arquitetônica, a acervo e o público. As peças museológicas sofrem influência direta da condição de armazenamento, sendo que ambientes inadequados podem provocar danos significativos. A estabilidade ambiental nas áreas de guarda e exposição é, portanto, um fator essencial para a preservação das coleções. Nesse sentido, torna-se indispensável que o edifício que abriga o acervo esteja em bom estado de conservação (CARVALHO, [s.d.], p.4).

O Guia para o Estudo Metodológico dos Monumentos e de suas Causas de Deterioração, elaborado pelo ICCROM, classifica os agentes de degradação das edificações a em dois grupos. O primeiro refere-se às causas intrínsecas, vinculadas às características próprias do edifício, como sua implantação e constituição física. Entre elas destacam-se fatores como orientação solar, regime de ventos e condições do solo, que podem desencadear problemas como recalques estruturais, deterioração de argamassas e comprometimento da durabilidade dos materiais. O segundo grupo compreende as causas extrínsecas, relacionadas a agentes externos que atuam sobre a edificação, incluindo umidade, processos de oxidação, ação de organismos biológicos, crescimento de vegetação parasitária e intervenções humanas (PATISSI; NEVES, 2023, p.161).

Verifica-se que, em inúmeros casos, edificações históricas que passaram por restaurações de grande porte tornam a demandar novas intervenções igualmente significativas em intervalos de tempo relativamente curtos. Tal circunstância ocorre em razão da ausência de um planejamento de conservação pós-intervenção, capaz de orientar ações contínuas de acompanhamento e manutenção. Observa-se ainda que, muitas vezes, os responsáveis pela edificação não possuem conhecimento técnico suficiente para lidar corretamente com patologias construtivas, adotando soluções equivocadas que, em vez de resolver, acabam por agravar os processos de degradação (CARVALHO et al., 2020, p.8-9).

Diante disso, evidencia-se que a compreensão dos agentes de degradação e de sua atuação sobre as edificações é fundamental para orientar estratégias eficazes de conservação preventiva. Além de permitir o diagnóstico e a antecipação de danos, essa abordagem favorece ações mais planejadas e contínuas, capazes de reduzir a necessidade de intervenções corretivas mais complexas e onerosas. Nesse sentido, um plano de conservação preventiva também se revela relevante do ponto de vista econômico, pois, embora possa demandar investimentos iniciais significativos, tende a representar economia quando comparado ao tratamento posterior dos danos, além de contribuir para a sustentabilidade da preservação em longo prazo (CARVALHO, [s.d.], p. 6).

A gestão das instituições museológicas é orientada por instrumentos de planejamento que articulam suas funções, espaços, acervos e atividades. No âmbito federal, a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, estabelece, no Capítulo II, Seção III, o Plano Museológico como instrumento de planejamento e gestão das instituições. O documento deve considerar a realidade de cada instituição e orientar a definição de ações compatíveis com suas necessidades, recursos e objetivos, sendo de responsabilidade dos museus sua elaboração e implementação. Entre os programas previstos, destacam-se aqueles relacionados diretamente à

edificação, como os programas arquitetônico-urbanístico, de segurança e de acessibilidade. A legislação estabelece, ainda, que sua elaboração seja, preferencialmente, participativa, envolvendo funcionários, especialistas, parceiros, usuários e consultores externos, de acordo com as especificidades de cada instituição.

O Art. 21 estabelece que os museus devem garantir a conservação e a segurança de seus acervos, cabendo a cada instituição estabelecer programas, normas e procedimentos voltados à preservação, conservação e restauração, em conformidade com a legislação vigente. O Art. 23 também estabelece a necessidade de condições de segurança para a proteção dos bens culturais, dos usuários, dos funcionários e das próprias instalações. Dessa forma, a conservação dos bens musealizados está relacionada não apenas às características dos objetos, mas também às condições dos espaços e da edificação que os abriga.

O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) disponibiliza orientações para a estruturação do Plano Museológico por meio da publicação “Subsídios para a elaboração de Planos Museológicos”. A relação entre o planejamento institucional e o espaço físico também é abordada no “Guia para Projetos de Arquitetura de Museus”, que orienta a compreensão dos espaços museológicos a partir de suas diferentes funções e necessidades. Nesse contexto, o edifício deve responder às demandas relacionadas aos acervos, aos públicos, às atividades institucionais, à segurança, à acessibilidade e às condições necessárias à preservação. Assim, o programa arquitetônico não se restringe à organização física dos ambientes, mas também contribui para o funcionamento e a conservação da instituição.

Essa perspectiva é complementada pela publicação “Gestão de Riscos ao Patrimônio Musealizado Brasileiro”, também do IBRAM, que apresenta a identificação e o gerenciamento de riscos como elementos fundamentais para a preservação do patrimônio musealizado. A abordagem de gestão de riscos contribui para reconhecer os agentes capazes de provocar danos aos acervos e às instalações, bem como para estabelecer medidas de prevenção, monitoramento e controle. Dessa maneira, a gestão de riscos atua de forma complementar às ações de conservação.

No âmbito estadual, a Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais (SECULT-MG), por meio do Sistema Estadual de Museus de Minas Gerais, disponibiliza o Plano Museológico do Museu Casa Guignard como estabelecido nacionalmente. Entretanto, não foi possível acessar o documento durante o período de desenvolvimento deste trabalho, em razão da indisponibilidade do site no período eleitoral de 2026.

Nesse sentido, a análise desses instrumentos permite compreender que a conservação da edificação integra um conjunto mais amplo de ações de gestão museológica. As condições

físicas e ambientais dos espaços, os sistemas construtivos, a segurança, a acessibilidade, a manutenção e os fatores de risco interferem nas condições de preservação e no funcionamento da instituição. Assim, o diagnóstico das condições da edificação e a proposição de medidas de conservação desenvolvidas neste trabalho podem ser compreendidos como ações complementares aos instrumentos de planejamento e gestão museológica.

3 O MUSEU CASA GUIGNARD

3.1 Alberto da Veiga Guignard

Alberto da Veiga Guignard (1896–1962) foi um dos principais pintores do modernismo brasileiro, destacando-se tanto pela qualidade de sua produção artística quanto pela influência exercida na formação de diversas gerações de artistas. Nascido em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, em 25 de fevereiro de 1896, perdeu o pai ainda na infância e, após o casamento de sua mãe com o barão Frederico von Schilgen, mudou-se para a Alemanha em 1907.

Durante sua permanência na Europa, viveu também na Suíça e na França, onde iniciou sua formação artística e teve contato com importantes centros culturais. Estudou nos liceus de Bagnères-de-Bigorre, nos Altos Pirineus, e de Tarbes, nos Baixos Pirineus, além de frequentar escolas em Nice. Posteriormente, concluiu o ensino básico em Munique e ingressou em um internato localizado em uma fazenda-escola na cidade de Freising, onde estudou Agronomia e Zootecnia.

Em 1917, ingressou na Academia Real de Belas Artes de Munique, onde estudou com Hermann Groeber e Adolf Hengeler. Entre 1925 e 1928, aperfeiçoou sua formação artística em Florença. Nesse período, participou do Salão de Outono, em Paris, ocasião em que conheceu Pablo Picasso e Maurice Utrillo, além de expor na Bienal de Veneza. Em 28 de fevereiro de 1923, casou-se com a estudante de música Annie Döering, união que durou pouco tempo.

Após o falecimento de sua irmã, Guignard retornou definitivamente ao Brasil em 1929, estabelecendo residência no Rio de Janeiro. Na década de 1930, participou ativamente dos principais salões nacionais de arte, conquistando importantes premiações e consolidando seu reconhecimento no cenário artístico brasileiro. Nesse período, aproximou-se do movimento modernista e iniciou sua atuação como professor de desenho e pintura na Fundação Osório, no Rio de Janeiro. Também conheceu a pianista Amalita Fontenelle, para quem produziu, ao longo de cinco anos, um álbum de cartões ilustrados.

Em 1944, foi convidado por Juscelino Kubitschek para dirigir um curso livre de desenho e pintura em Belo Horizonte, Minas Gerais. A iniciativa deu origem à Escola de Belas Artes, que, após sua morte, passou a ser conhecida como Escola Guignard, consolidando-se como um dos mais importantes centros de formação artística do país. Guignard permaneceu vinculado à instituição até o fim de sua vida. Nesse mesmo período, iniciou temporadas de trabalho nas cidades históricas mineiras, especialmente em Sabará e Ouro Preto.

Como professor, destacou-se por estimular a liberdade criativa, a observação da natureza e o desenvolvimento da expressão individual de seus alunos, formando artistas que posteriormente se tornariam importantes referências da arte brasileira.

Ao longo de sua trajetória, realizou diversas exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior, recebeu importantes premiações e intensificou sua relação com Ouro Preto. Encantado pela cidade, passou a retratá-la em inúmeras pinturas, produzindo algumas de suas obras mais conhecidas, entre elas “Paisagem Imaginária de Minas”. Nessa composição, reuniu elementos característicos das cidades históricas de Minas Gerais em uma paisagem poética e idealizada. Atualmente, a obra integra o acervo do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto.

Alberto da Veiga Guignard faleceu em Belo Horizonte, em 25 de junho de 1962, sendo sepultado no Cemitério da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, em cumprimento ao seu desejo de ser enterrado na cidade mineira com a qual manteve profunda ligação ao longo de sua trajetória artística.

3.2 A edificação

O Museu Casa Guignard localiza-se na Rua Conde de Bobadela, nº 110, tradicionalmente conhecida como Rua Direita, uma das principais vias estruturadoras do núcleo histórico de Ouro Preto e elemento fundamental na conformação do cenário urbano da cidade Os sobrados vizinhos apresentam, predominantemente, uso comercial, com destaque para lojas de artesanato, restaurantes e joalherias.

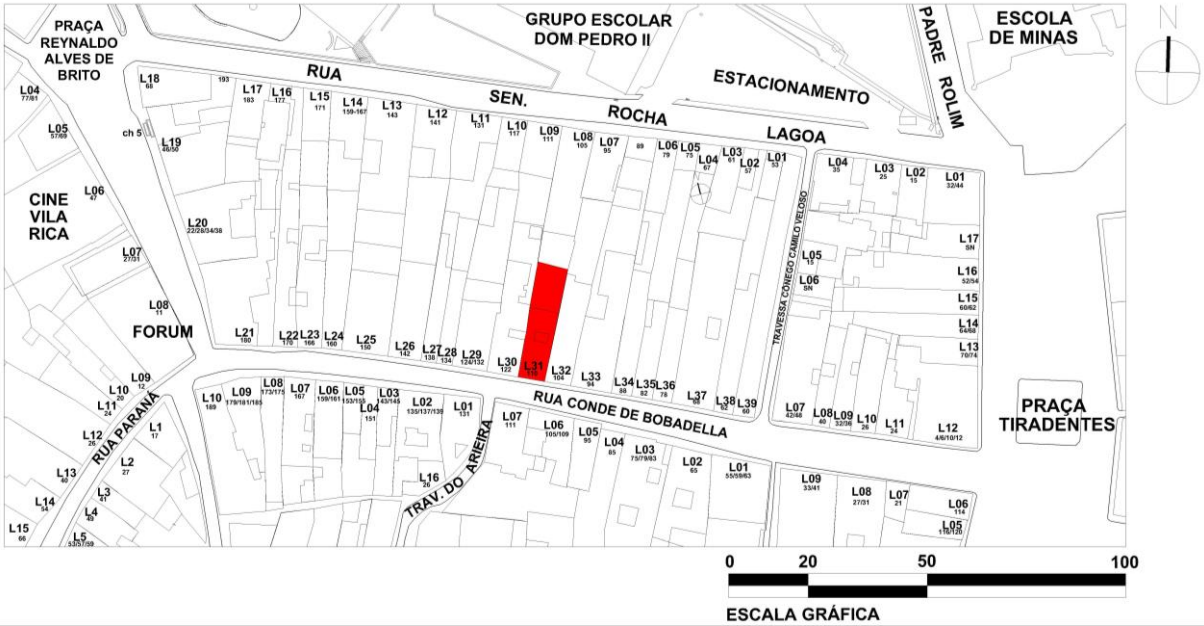
A edificação é geminada, confrontando, à direita, com a área destinada ao café da manhã da Pousada Clássica Ouro Preto e, à esquerda, com o restaurante Escadabaixo, no pavimento térreo, e com a Pousada Guignard, no pavimento superior. Ressalta-se que, embora utilize o nome "Guignard", esta última não possui vínculo com o Museu Casa Guignard.

Figura 1 – Fachada do Museu Casa Guignard e seus respectivos confrontantes



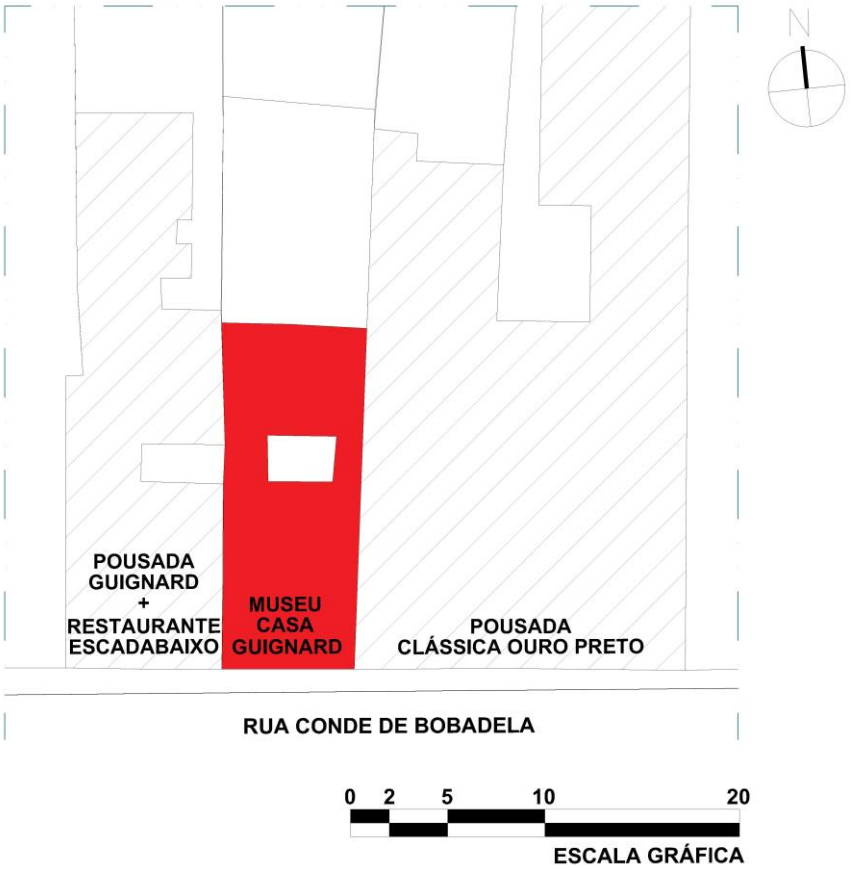
Fonte: Autora, 2026.

Desenho 1 - Localização do Museu Casa Guignard na quadra urbana do Centro Histórico de Ouro Preto



Fonte: Recorte do Inventário Nacional de Bens Imóveis e Sítios Urbanos Tombados: Ouro Preto e Mariana (UFMG, 2001–2002). Adaptação da autora, 2026.

Desenho 2 - Implantação do Museu e seus confrontantes



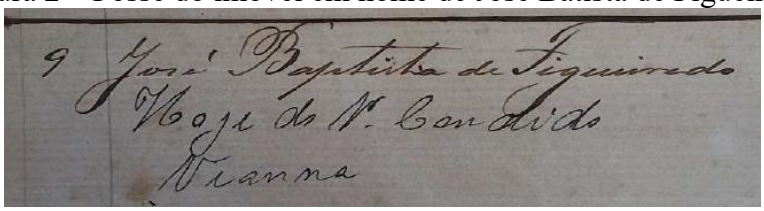
Fonte: Recorte do Inventário Nacional de Bens Imóveis e Sítios Urbanos Tombados: Ouro Preto e Mariana (UFMG, 2001–2002). Adaptação da autora, 2026.

De acordo com as Leis Complementares nº 29, de 2006, e nº 91 e nº 93, de 2011, a edificação está inserida na Zona de Proteção Especial (ZPE), categoria de zoneamento que estabelece diretrizes voltadas à preservação dos valores culturais e à conservação do conjunto urbano tombado, reconhecendo a importância histórica e paisagística desse setor da cidade (OURO PRETO, 2012, p. 611-640).

Ao que parece, o edifício teve originalmente função residencial. Pesquisas realizadas no Arquivo Público Municipal de Ouro Preto, por meio dos livros de liquidação de dívidas e recebimento de foros, permitiram recuar até o ano de 1858, limite temporal alcançado pela documentação consultada. Ressalta-se, entretanto, que essa data não corresponde à origem da edificação, mas ao registro mais antigo identificado durante a pesquisa. Naquele momento, o imóvel encontrava-se sob a posse de José Batista Figueiredo. Ao longo do tempo, a propriedade pertenceu ao Coronel Cândido Viana, a Joaquim Cândido da Costa Sena e, posteriormente, a sua esposa Cordélia Medrado da Costa Sena e seus filhos Maria Cândida da Costa Sena e Joaquim Cândido da Costa Sena. Em 1974, o imóvel passou para a propriedade

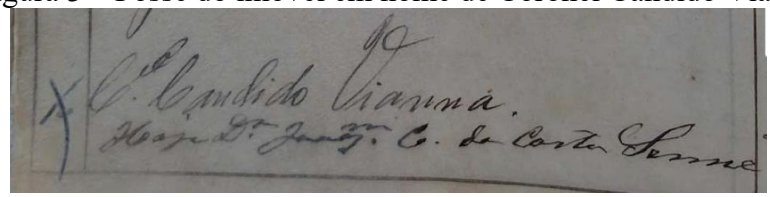
do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG), seu atual proprietário.

Figura 2 – Posse do imóvel em nome de José Batista de Figueiredo



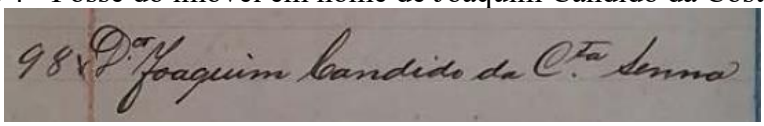
Fonte: Arquivo Público Municipal de Ouro Preto. Livro de lançamento de dívida ativa de foros (1830-1888) – Freguesia de Ouro Preto. Registro n.º 0781, p. 11. Fotografia da autora, 2026.

Figura 3 – Posse do imóvel em nome de Coronel Candido Viana



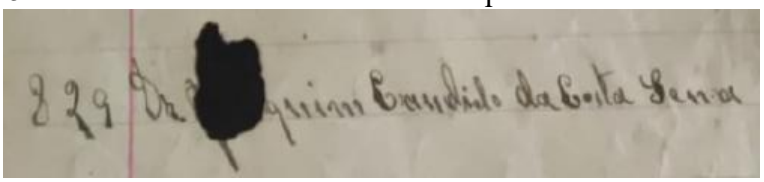
Fonte: Arquivo Público Municipal de Ouro Preto. Livro de recebimento de Foro (1887). Registro n.º 292, p. 73. Fotografia da autora, 2026.

Figura 4 - Posse do imóvel em nome de Joaquim Candido da Costa Sena



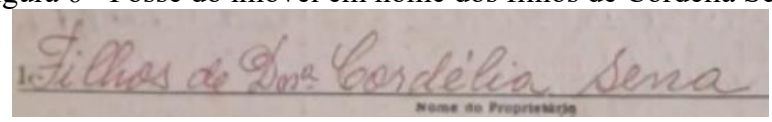
Fonte: Arquivo Público Municipal de Ouro Preto. Livro de tombo de terrenos (1892). Registro n.º 0945, p. 26. Fotografia da autora, 2026.

Figura 5 - Posse do imóvel em nome de Joaquim Candido da Costa Sena



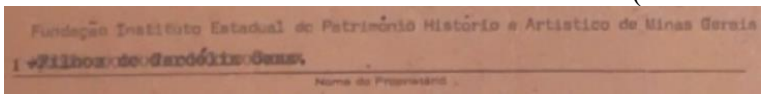
Fonte: Arquivo Público Municipal de Ouro Preto. Livro de registro de foros (1912-1937). Registro n.º 01135, p. 100. Fotografia da autora, 2026.

Figura 6 - Posse do imóvel em nome dos filhos de Cordélia Sena



Fonte: Arquivo Público Municipal de Ouro Preto. Ficha de Cadastro e Lançamento Predial e Territorial Urbano (1974). Registro n.º 01183. Fotografia da autora, 2026.

Figura 7 - Posse do imóvel em nome da Fundação Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG)



Fonte: Arquivo Público Municipal de Ouro Preto. Ficha de Cadastro e Lançamento Predial e Territorial Urbano (2ª via). Registro n.º 1183. Fotografia da autora, 2026.

Em 1978, o IEPHA cedeu o edifício à Fundação Legião Brasileira de Assistência (LBA). A cessão foi encerrada em 1983, quando o Instituto iniciou a elaboração de um projeto de restauração para o imóvel. Nesse contexto, surgiu a ideia de criar no local um espaço dedicado a homenagear o artista Alberto da Veiga Guignard, um carioca profundamente ligado a Minas Gerais e às suas paisagens. As obras de restauração tiveram início em 4 de março de 1985 e foram concluídas em 1987, ano em que ocorreu a inauguração do Museu Casa Guignard (OURO PRETO, 2012, p. 611-640).

3.2.1 Uso atual

Atualmente, o imóvel desempenha funções expositivas, administrativas e educativas, recebendo fluxo contínuo de visitantes e funcionários. O Museu Casa Guignard é composto por três pavimentos, sendo um deles ao nível de subsolo. No primeiro pavimento (térreo) localizam-se a recepção (01), a Sala de Retratos (02), a Sala Guignard Ilustrador (03), Depósito (03A), a circulação que abriga a exposição Passos de Guignard (04), a Sala de Fotografias (05), Sala de Vídeo (06) e a Copa (07), uma área de acesso restrito aos funcionários, equipada com cozinha (07C) e dois sanitários (07A e 07B).

O segundo pavimento abriga um Hall (08), a Sala de Exposição Permanente (09), a Sala Cartões para Amalita (10), e mais uma área de acesso restrito, sendo uma Sala Administrativa (11), Sala da Direção com sanitário (12).

No subsolo encontram-se uma sala de apoio (13), os espaços destinados às exposições temporárias e às atividades desenvolvidas pelo Setor Educativo (14), um Átrio que auxilia na iluminação e ventilação central do edifício (15), ambiente de acesso ao Jardim (16) e um banheiro unissex destinado aos visitantes (17). Nos fundos do imóvel, há ainda um jardim e chafariz remanescentes, que integraram a configuração da edificação enquanto residência (18 e 18A).

Administrativamente, o Museu integra a estrutura da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais (SECULT), estando vinculado à Superintendência de Bibliotecas, Museus e Economia da Criatividade (SBMEC) e à Diretoria de Museus (DIMUS). A instituição é uma das sete unidades museológicas administradas pela Diretoria de Museus do Estado de Minas Gerais.

Desenho 3 - Plantas do Museu Casa Guignard



Fonte: Inventário Nacional de Bens Imóveis e Sítios Urbanos Tombados: Ouro Preto e Mariana (UFMG, 2001–2002). Adaptação da autora, 2026.

O fluxo de visitantes do museu totalizou 9.912 visitantes ao longo de 2024. Em 2025, até o mês de maio, foram registrados 4.462 visitantes. Esses dados permitem compreender a dinâmica de uso da edificação e constituem um importante subsídio para o planejamento das ações de conservação, uma vez que a intensidade da visitação influencia diretamente o desgaste dos elementos construtivos (MUSEU CASA GUIGNARD, 2025).

3.2.2 Sistema construtivo e materiais

Antes de abordar os elementos construtivos do edifício, é importante compreender que o Museu Casa Guignard se insere na tradição da casa corrente luso-brasileira. Segundo Martins (2021, p.24-28), essa denominação refere-se às habitações urbanas comuns das vilas mineiras, caracterizadas pela repetição de soluções formais, funcionais e construtivas, em contraposição às edificações monumentais ou às residências senhoriais individualizadas. Essas habitações constituem uma tipologia básica recorrente, marcada pela regularidade e pela uniformidade decorrentes da tradição construtiva portuguesa.

De acordo com o autor, as edificações mineiras foram executadas a partir da combinação de técnicas e materiais oriundos da tradição construtiva portuguesa, adaptados às condições locais. Entre os principais sistemas empregados destacam-se as estruturas autônomas em madeira, as alvenarias de pedra, as vedações em pau a pique, os tabiques, os adobes e as coberturas em telhas cerâmicas (MARTINS, 2021, p. 376–379), elementos que conferem unidade e identidade à arquitetura tradicional mineira e são visivelmente encontrados no Museu Casa Guignard.

O edifício do Museu Casa Guignard apresenta as seguintes características:

- *Cobertura*

Telhado com estrutura em madeira maciça e cobertura em telhas cerâmicas tipo colonial (capa e bica), com estrutura de beiral do tipo cachorro. Na fachada frontal, apresenta cimalha com acabamento pintado.

- *Estrutura*

Embasamento em pedra argamassada, visível nas fachadas frontal e posterior. Cunhais, esteiros, colunas, pilares, vigas e barrotes são executados em madeira maciça, com exceção dos pilares em pedra argamassada localizados no subsolo.

- *Vedações*

As vedações internas são constituídas por pau a pique, adobe e tabique de madeira. Os muros de externos são construídos em pedra argamassada, com acabamento com pintura, enquanto, no subsolo, as pedras permanecem aparentes, sem revestimento (OURO PRETO, 2012, p. 636).

- *Forros*

Forros em madeira maciça, com acabamento do tipo saia e camisa com pintura na mesma tonalidade das vedações (Figura 8 e Figura 9).

Figura 8 – Exemplo de forro saia-e-camisa



Fonte: autora, 2026

Figura 9 – Exemplo de forro com rodateto de acabamento



Fonte: autora, 2026

- *Pisos*

No primeiro e no segundo pavimentos, os pisos são constituídos por tabuado corrido em madeira maciça (Figura 10), com exceção dos banheiros do segundo pavimento e subsolo, que possuem revestimento cerâmico (Figura 11). No subsolo e no jardim, os pisos são executados em lajotas irregulares de quartzito (Figura 12). No jardim, há trechos com pavimentação que se assemelha ao tipo pé de moleque (Figura 13).

Figura 10 – Exemplo de piso tabuado corrido em madeira maciça



Fonte: Autora, 2026

Figura 11 – Exemplo de piso cerâmico



Fonte: Autora, 2026

Figura 12 – Exemplo de piso lajeado em quartzito



Fonte: Autora, 2026

Figura 13 – Exemplo de piso tipo pé de moleque



Fonte: Autora, 2026

- *Esquadrias*

Todas as esquadrias são confeccionadas em madeira maciça, com acabamento com pintura nas cores vermelha e/ou branca. E algumas apresentam vidro translúcido em suas folhas.

Foram identificadas as seguintes tipologias de janelas:

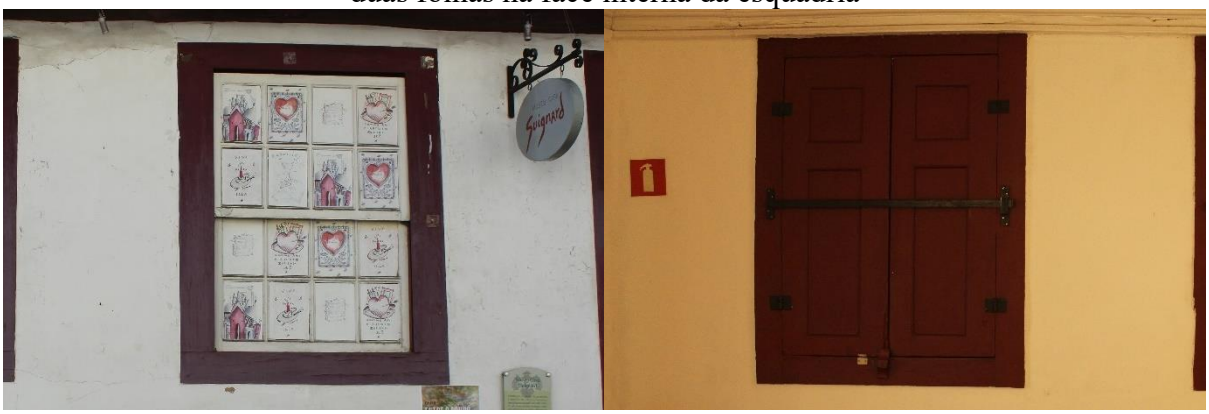
- tipo guilhotina com vidro translúcido (Figura 18) e tipo guilhotina com duas folhas na face interna (Figura 14);
- de duas folhas com vidro translúcido e martelado (Figura 15) (Figura 17), com as folhas articuladas (Figura 19), com acabamento superior em arco e vidro translúcido (Figura 16) e com ventilação permanente fixa (Figura 20). Com exceção da tipologia com acabamento superior em arco, todas apresentam verga reta. E o sistema de abertura é predominantemente em giro, exceto nas janelas do tipo guilhotina.

Quanto às portas, foram observadas as seguintes tipologias:

- de uma folha, com variações de verga alteada (Figura 21), em arco abatido (Figura 22) e reta (Figura 23), com bandeira superior fixa (Figura 24) e;
- de duas folhas, com verga reta (Figura 25) (Figura 26) (Figura 27) ou em arco abatido (Figura 28), algumas também com bandeira superior fixa (Figura 29) (Figura 30). Identificou-se, ainda, uma tipologia com ombreira compartilhada (Figura 31). E todas as portas apresentam abertura em giro.

Já o portão apresenta a seguinte tipologia: com bandeira superior fixa e duas folhas com abertura giro (Figura 32).

Figura 14 – Modelo de janela de verga reta tipo guilhotina na face externa e abertura giro com duas folhas na face interna da esquadria



Fonte: Autora, 2026

Figura 15 – Modelo de janela de verga reta com duas folhas com vidro translúcido e abertura giro



Fonte: Autora, 2026

Figura 16 – Modelo de janela de duas folhas com acabamento superior em arco, vidro translúcido e abertura giro



Fonte: Autora, 2026

Figura 17 – Modelo de janela de verga reta com duas folhas, vidro martelado e abertura giro



Fonte: Autora, 2026

Figura 18 – Modelo de janela com verga reta tipo guilhotina com vidro translúcido



Fonte: Autora, 2026

Figura 19 – Modelo de janela dupla de verga reta com duas folhas articuladas e abertura giro



Fonte: Autora, 2026

Figura 20 – Modelo de janela de verga reta com ventilação permanente fixa



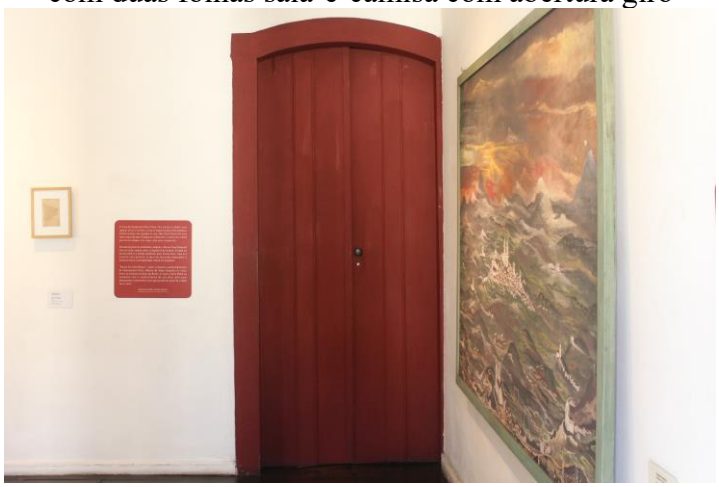
Fonte: Autora, 2026

Figura 21 – Modelo de porta de verga alteada, com duas folhas almofadadas e postigo com abertura giro



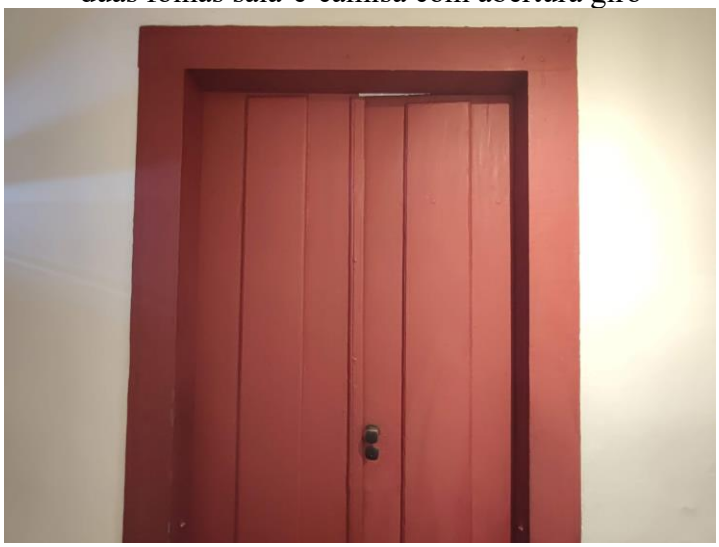
Fonte: Autora, 2026

Figura 22 - Modelo de porta de verga em arco abatido, com duas folhas saia-e-camisa com abertura giro



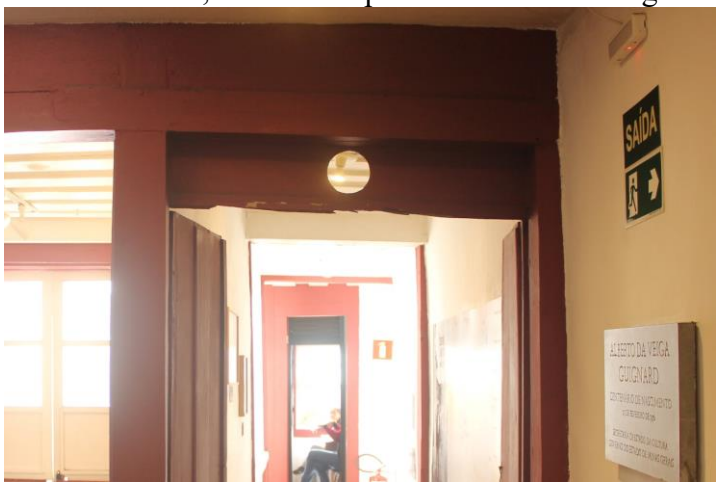
Fonte: Autora, 2026

Figura 23 - Modelo de porta de verga reta, com duas folhas saia-e-camisa com abertura giro



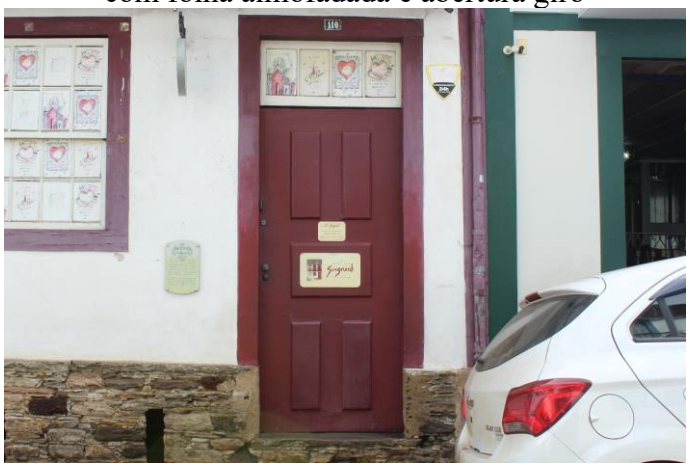
Fonte: Autora, 2026

Figura 24 - Modelo de porta de verga reta, com duas folhas saia-e-camisa, bandeira superior fixa e abertura giro



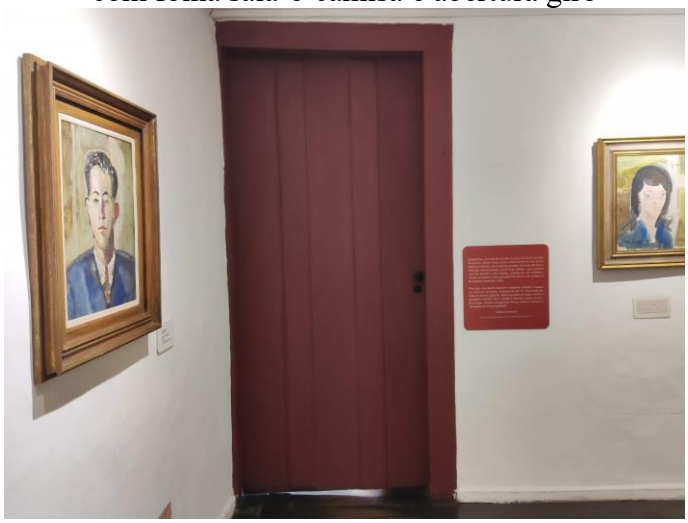
Fonte: Autora, 2026

Figura 25 - Modelo de porta de verga reta
com folha almofadada e abertura giro



Fonte: Autora, 2026

Figura 26 - Modelo de porta de verga reta
com folha saia-e-camisa e abertura giro



Fonte: Autora, 2026

Figura 27 - Modelo de porta de verga reta
com folha treliçada e abertura giro



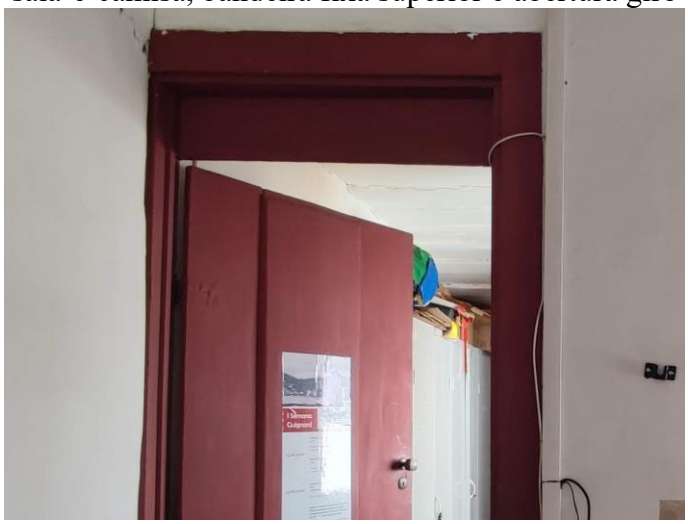
Fonte: Autora, 2026

Figura 28 - Modelo de porta de verga em arco abatido com folha saia-e-camisa e abertura giro



Fonte: Autora, 2026

Figura 29 - Modelo de porta de verga reta com folha saia-e-camisa, bandeira fixa superior e abertura giro



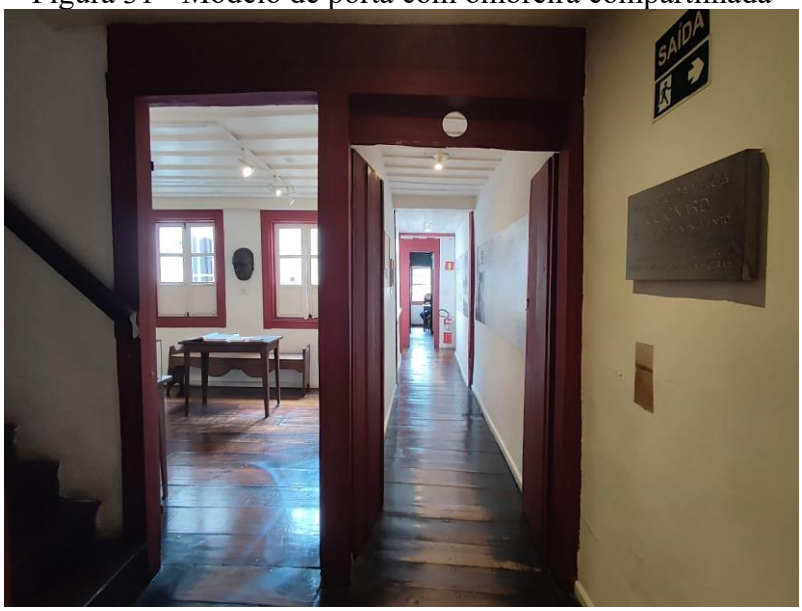
Fonte: Autora, 2026

Figura 30 - Modelo de porta de verga reta com folha saia-e-camisa, bandeira fixa superior e abertura giro



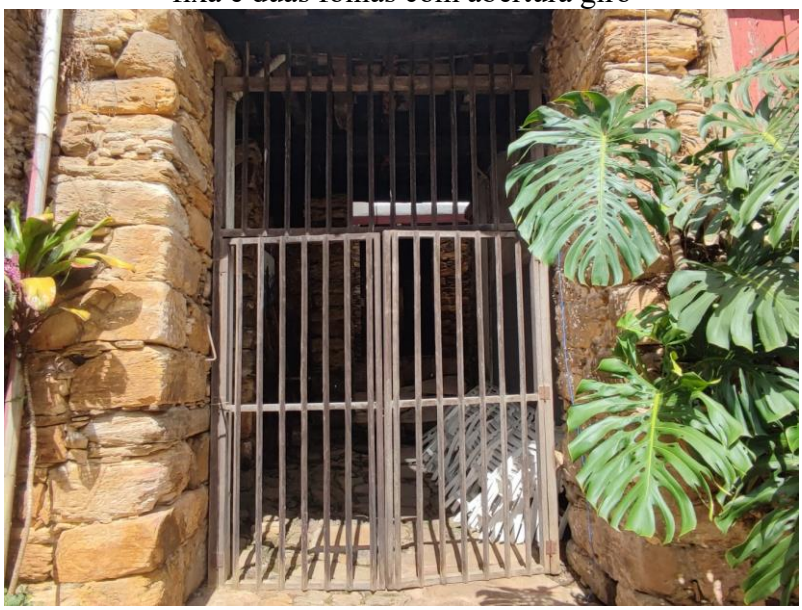
Fonte: Autora, 2026

Figura 31 - Modelo de porta com ombreira compartilhada



Fonte: Autora, 2026

Figura 32 – Modelo de portão com bandeira superior fixa e duas folhas com abertura giro



Fonte: Autora, 2026

- *Guarda-corpo*

O guarda-corpo da sacada é confeccionado em ferro fundido com acabamento com pintura (Figura 33), enquanto o guarda-corpo da Sala de Vídeo é executado em madeira maciça (Figura 34), também com acabamento pintado.

Figura 33 – Guarda-corpo da Sacada



Fonte: Autora, 2026

Figura 34 – Guarda-corpo Sala de Vídeo



Fonte: Autora, 2026

- *Escadas*

A escada de acesso ao segundo pavimento é executada em madeira maciça (Figura 35), e a escada de acesso ao porão é em alvenaria de pedra insossa revestida com lajotas de quartzito (Figura 36).

Figura 35 – Escada de acesso ao segundo pavimento



Fonte: Autora, 2026

Figura 36 – Escada de acesso ao subsolo



Fonte: Autora, 2026

3.3 Proteção legal existente

O Museu Casa Guignard está inserido em um amplo sistema de proteção patrimonial, constituído por instrumentos legais nas esferas municipal e federal. No âmbito municipal, a proteção da edificação deu-se início com o Decreto Municipal nº 13, de 19 de setembro de 1931, assinado pelo prefeito João Velloso com o objetivo de conservar o aspecto colonial da cidade de Ouro Preto (MAGALHÃES, 2017, p. 251). Posteriormente, um novo perímetro foi delimitado pelo Decreto nº 2.239, de 14 de janeiro de 2010.

Na esfera federal, o imóvel integra o Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto, tombado pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), por meio do Processo nº 70-T-38. O conjunto encontra-se inscrito nos Livros do Tombo das Belas Artes (Inscrição nº 39, de 20 de abril de 1938), Histórico (Inscrição nº 512, de 15 de setembro de 1986) e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (Inscrição nº 98, de 15 de setembro de 1986), evidenciando o reconhecimento dos múltiplos valores patrimoniais atribuídos ao sítio.

Além das medidas de tombamento, o imóvel está inserido na Zona de Proteção Especial (ZPE), conforme estabelecido pela Lei Complementar nº 29/2006 (Plano Diretor) e pela Lei Complementar nº 93/2011 (Lei de Uso, Ocupação e Parcelamento do Solo), estando também localizado no perímetro de tombamento federal. Esses instrumentos complementam a proteção do bem ao estabelecer diretrizes para a ocupação urbana, as intervenções arquitetônicas e a preservação da paisagem cultural, contribuindo para a salvaguarda de suas características históricas, arquitetônicas e ambientais (OURO PRETO, 2012, p. 637).

Tabela 1 - Instrumentos legais de proteção

Esfera	**Instrumento legal**	**Ano**	**Abrangência**
Municipal	Decreto nº 13 (ratificado pelo Decreto nº 2.239/2010)	1931	Proteção municipal do imóvel
Federal	Processo nº 70-T-38 – Livros do Tombo	1938/1986	Integra o Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto
Urbanística	Lei Complementar nº 29/2006 (Plano Diretor)	2006	Inserção em Zona de Proteção Especial (ZPE)
Urbanística	Lei Complementar nº 93/2011	2011	Uso, Ocupação e Parcelamento do Solo

Fonte: Autora, 2026.

4 DIAGNÓSTICO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

A compreensão das condições de conservação de uma edificação requer considerar sua relação com o contexto no qual está inserida. Gonçalves et al. (2020, p. 24) destacam que aspectos externos, como o clima local, a configuração morfológica e geográfica, a topografia, a vegetação circundante, a inserção urbana e a implantação arquitetônica, podem influenciar as condições de conservação, devendo ser analisados em associação às características da própria edificação.

Considerando que a localização, a implantação e as características do entorno imediato do Museu Casa Guignard foram apresentadas no capítulo 3.2, neste capítulo são analisadas as características climáticas, a precipitação, a incidência solar, a topografia, a vegetação circundante e as possíveis interferências das edificações vizinhas.

As edificações vizinhas também devem ser consideradas na análise, uma vez que suas condições de conservação e manutenção podem exercer influência sobre o Museu, especialmente nos trechos em que há contato ou proximidade entre as construções, podendo dificultar a identificação da origem de determinadas manifestações de deterioração e representar possíveis fatores de risco para a edificação.

Para complementar essa análise, foram realizados contatos com o Restaurante Escadabaixo e a Pousada Guignard, confrontantes à esquerda do Museu, e com a Pousada Clássica Ouro Preto, confrontante à direita. Embora tenha sido autorizado o acesso aos imóveis confrontantes à esquerda, não foi possível realizar a visita em razão do prazo para conclusão deste trabalho. Quanto à Pousada Clássica Ouro Preto, não houve retorno ao contato realizado. Essas limitações impossibilitaram uma análise mais aprofundada das possíveis interferências provenientes das edificações vizinhas, constituindo uma lacuna do diagnóstico que deverá ser considerada em avaliações futuras.

4.1 Caracterização do contexto ambiental e fatores externos

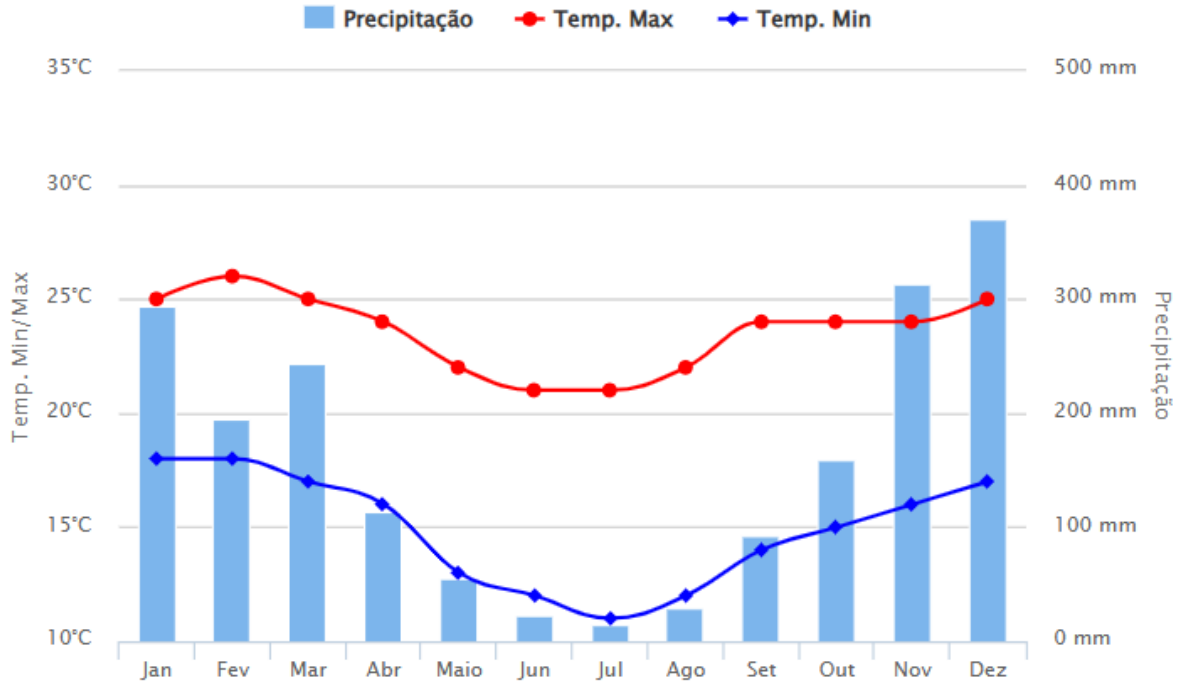
Como visto anteriormente, o museu está localizado no município de Ouro Preto, situado na Serra do Espinhaço, inserido na região do Quadrilátero Ferrífero, nas coordenadas geográficas de 20º 23’ 28” de latitude Sul e 43º 30’ 20” de longitude Oeste. A sede municipal encontra-se a aproximadamente 1.150 metros de altitude e apresenta clima tropical de altitude (OURO PRETO, 2026).

Considerando que o município de Ouro Preto não dispõe de uma estação meteorológica do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) para o levantamento dos dados necessários a esta pesquisa, utilizou-se das informações meteorológica disponibilizados pelo

Climatempo, que apresentam as médias com base na análise de 30 anos, permitindo identificar os períodos de maior e menor temperatura no município (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**). É importante ressaltar que a análise climática referente aos últimos 30 anos permite compreender as condições às quais a edificação esteve submetida ao longo desse período. Entretanto, a utilização de dados mais recentes também se mostra necessária, diante das variações nas condições climáticas observadas nos últimos anos, que podem repercutir diretamente nos materiais que compõe a edificação.

O climograma evidencia uma sazonalidade bem definida, com um período mais quente e chuvoso e outro mais frio e seco. As chuvas concentram-se entre outubro e março, com maior precipitação em dezembro (370 mm), enquanto entre maio e agosto os índices são reduzidos, atingindo o mínimo em julho (15 mm). As temperaturas são mais elevadas entre dezembro e março, com máximas médias de 25 °C a 26 °C, e diminuem gradualmente até julho, quando atingem cerca de 11 °C de mínima e 21 °C de máxima. Esse comportamento indica maior umidade no período chuvoso e condições mais secas nos meses de menor precipitação.

Figura 37 - Climograma com médias mensais de temperatura e precipitação no período de 30 anos



Fonte: Climatempo, 2026.

Tomando como referência a latitude de Ouro Preto, de 20º 23’ 28” Sul (OURO PRETO, 2026), adota-se a carta solar correspondente à latitude 20º Sul (Figura 38), por meio da qual é possível compreender o percurso aparente do Sol ao longo do ano. No período da

manhã, a incidência solar varia entre nordeste (NE) e sudeste (SE) – posição leste do museu –, enquanto, no período da tarde, varia entre noroeste (NW) e sudoeste (SW) – posição oeste do museu. A face norte (N) – fachada posterior do museu – apresenta incidência solar ao longo do ano, com maior período de exposição durante o inverno, quando a trajetória solar se desenvolve predominantemente no setor norte. A face sul (S) – fachada frontal do museu –, por sua vez, apresenta menor exposição ao longo do ano, podendo receber incidência direta no período próximo ao verão, com destaque para o mês de dezembro, quando a exposição se estende aproximadamente durante todo o dia.

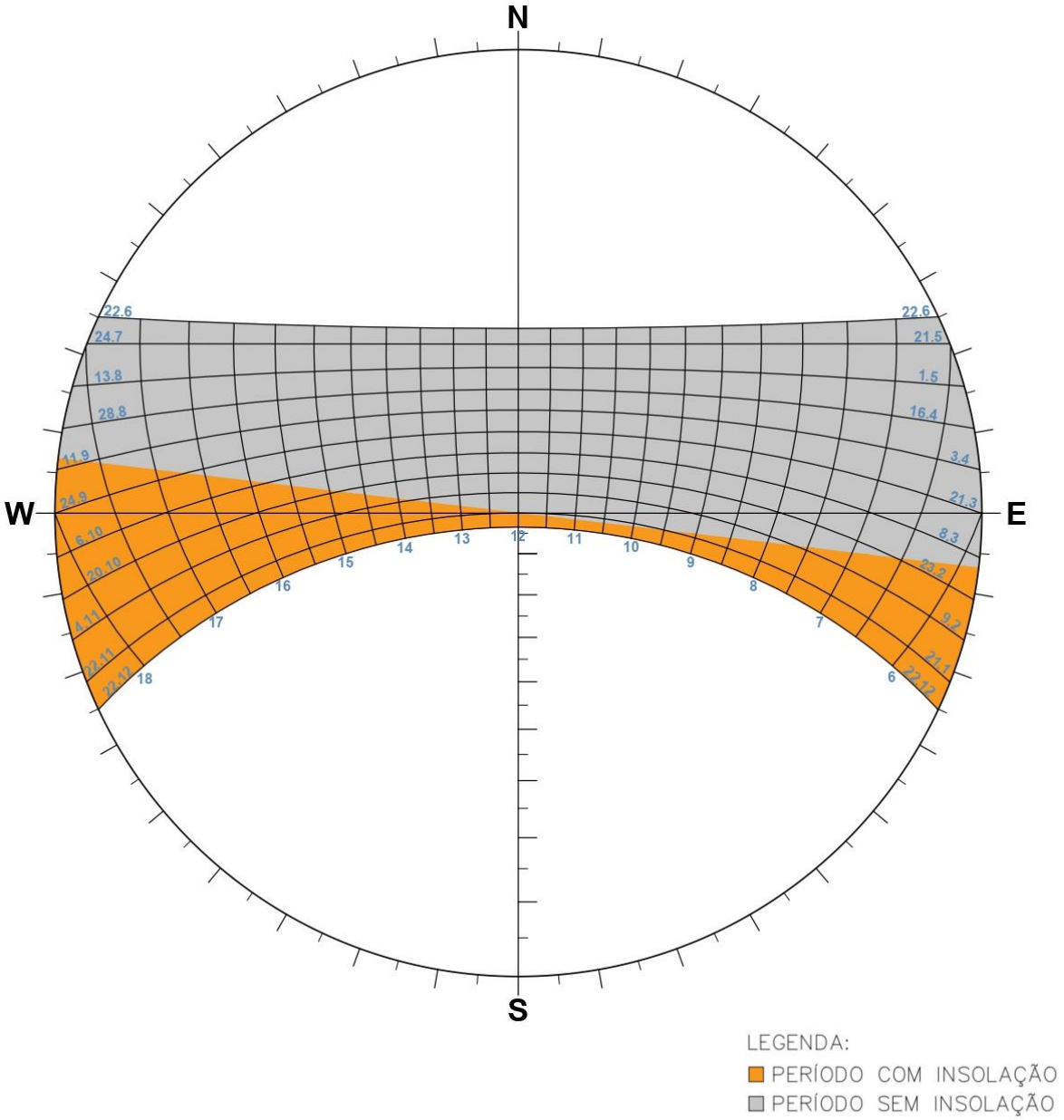
A análise da carta solar indica variação significativa da incidência solar direta sobre a fachada principal do Museu Casa Guignard ao longo do ano. Nos meses de janeiro e dezembro, observa-se o maior período de exposição, com incidência ao longo de grande parte do dia. Entre março e abril, a exposição concentra-se no período da tarde, enquanto, entre maio e agosto, não se observa incidência solar direta sobre a fachada. A partir de setembro, a incidência retorna gradualmente no período vespertino, ampliando-se nos meses seguintes até dezembro.

Tabela 2 - Períodos aproximados de incidência solar direta na fachada principal do Museu Casa Guignard ao longo do ano

Mês	**Horário aproximado de incidência solar direta**
Janeiro	6h00 às 9h30 e 12h00 às 18h
Fevereiro	6h00 às 7h30 e 13h30 às 18h
Março	15h30 às 18h00
Abril	17h30 às 18h00
Maio	Sem incidência solar direta
Junho	Sem incidência solar direta
Julho	Sem incidência solar direta
Agosto	Sem incidência solar direta
Setembro	16h30 às 18h00
Outubro	15h00 às 18h00
Novembro	12h00 às 18h00
Dezembro	6h00 às 18h00

Fonte: Elaborado pela autora a partir da análise da carta solar da fachada principal/frontal, 2026.

Figura 38 – Carta solar (latitude 20º Sul) da fachada principal/frontal do Museu Casa Guignard



Fonte: Elaborado pela autora a partir do desenho técnico do Laboratório de Conforto Ambiental e Eficiência Energética no Ambiente Construído (LABCON) da UFMG, 2026.

Em relação à topografia, a Rua Conde de Bobadela apresenta declive a partir da Praça Tiradentes, condição acompanhada pela implantação da edificação no terreno. Em decorrência dessa conformação, parte do Museu encontra-se abaixo do nível da rua, correspondendo ao pavimento denominado subsolo. Essa condição deve ser considerada na

análise do estado de conservação, especialmente na observação de possíveis manifestações relacionadas à presença de umidade nesse pavimento.

Quanto à vegetação circundante, não foi identificada presença significativa de vegetação no entorno imediato da edificação. No próprio lote, entretanto, destaca-se o jardim localizado na porção posterior, com presença de vegetação junto aos muros de divisa e próxima ao edifício. Essa condição deve ser considerada no diagnóstico em conjunto com a incidência solar, a ventilação e a umidade do local, especialmente diante da ocorrência de colonização biológica identificada em elementos do jardim.

4.2 Condições ambientais internas

As condições ambientais internas constituem um dos principais fatores relacionados à conservação da edificação e de seus acervos, uma vez que influenciam diretamente os processos de deterioração dos materiais. Nesse contexto, foram analisados os parâmetros de temperatura, umidade relativa do ar, iluminação e ventilação do Museu Casa Guignard, buscando identificar situações que possam representar riscos à preservação da edificação e dos bens culturais abrigados em seu interior.

O Museu não realiza o monitoramento sistemático da temperatura e da umidade relativa do ar em seus ambientes. Em razão da ausência de equipamento específico para essa finalidade, optou-se pela realização de medições pontuais em um dos cômodos da edificação, utilizando um termo-higrômetro digital com sensor externo para uma melhor precisão dos dados. Em conjunto com Breno Alves, coordenador do museu, a Sala de Vídeo foi selecionada como o primeiro ambiente de monitoramento por apresentar menor circulação de visitantes, reduzindo o risco de manipulação do equipamento durante o período de coleta de dados. Pelo fato da Sala de Vídeo estar voltada para a fachada norte da edificação e receber incidência solar ao longo de todo o dia, optou-se também pelo monitoramento da Sala de Retratos, localizada na fachada sul, onde não há incidência direta de radiação solar. Dessa forma, buscou-se avaliar o comportamento ambiental de dois espaços com condições distintas de exposição solar. Ressalta-se que as medições realizadas possuem caráter indicativo e não substituem um programa contínuo de monitoramento ambiental.

A coleta dos dados teve início em 15 de julho de 2026 e estendeu-se até 18 de agosto de 2026. Como o termo-higrômetro utilizado não possui sistema de registro automático ou armazenamento contínuo das medições, a obtenção dos dados foi realizada manualmente, por meio de leituras periódicas durante o período de monitoramento. Segue tabela com as informações levantadas.

Tabela 3 - Registros de temperatura e umidade relativa interna do Museu

Ambiente	Data	Horário	Temperatura (Cº)	Umidade relativa (%)
Recepção	15/07/26	11:31	16,2	61
Sala de Vídeo	22/07/26	17:54	21,1	60
Sala de Vídeo	24/07/26	17:36	20,6	62
Sala de Vídeo	27/07/26	16:46	20,1	71
Sala de Vídeo	30/07/26	15:57	23,1	53
Sala de Retratos	03/08/26	16:34	20,1	56
Sala de Retratos	06/08/26	16:43	22,1	60
Sala de Retratos	13/08/26	17:16	23,5	63
Sala de Retratos	18/08/26	11:21	19,2	68

Fonte: Autora, 2026.

Os registros realizados indicaram temperaturas entre 20,1 °C e 23,1 °C na Sala de Vídeo, enquanto a umidade relativa variou entre 53% e 71%. Na Sala de Retratos, foram registradas temperaturas entre 19,2 °C e 23,5 °C e umidade relativa entre 56% e 68%.

Segundo Klüppel e Santana (s.d., p. 140), temperaturas acima de 20 °C associadas à umidade relativa superior a 60% constituem condições propícias ao desenvolvimento de micro-organismos. Durante o período de monitoramento, essa combinação foi observada na maior parte das medições, sendo que apenas nos dias 30 de julho e 3 de agosto a umidade relativa permaneceu abaixo de 60%, com registros de 53% e 56%, respectivamente. Devido ao caráter pontual das medições, realizadas em dias e horários distintos, não foi possível estabelecer uma relação direta entre a exposição solar dos ambientes e as variações de temperatura e umidade relativa. Os resultados reforçam, portanto, a necessidade de um monitoramento sistemático das condições ambientais internas, de modo a compreender seu comportamento e suas variações ao longo do tempo.

A interpretação desses dados, entretanto, não deve se restringir à comparação com faixas fixas de temperatura e umidade relativa. Gonçalves (2016, p. 16) aponta as limitações de análises baseadas exclusivamente na verificação do atendimento ou não a valores preestabelecidos, destacando que o gerenciamento ambiental contemporâneo considera também as flutuações das condições ambientais e a vulnerabilidade dos materiais. Nesse sentido, os valores registrados devem ser compreendidos em conjunto com as características construtivas da edificação, as condições ambientais externas e as manifestações de deterioração identificadas durante o diagnóstico.

Além disso, o gerenciamento ambiental de espaços museais envolve a compatibilização entre as necessidades dos usuários, dos bens culturais e da própria edificação,

que nem sempre são coincidentes. Em edificações históricas, essa questão torna-se particularmente relevante, uma vez que as estratégias adotadas devem considerar as condições efetivamente possíveis no edifício, conciliando as necessidades de conservação com suas características e limitações (GONÇALVES, 2016, p. 14).

Além da temperatura e da umidade relativa, foram observadas as condições de iluminação e ventilação dos ambientes internos. A iluminação do Museu ocorre pela combinação de luz natural e artificial, variando conforme as características e o uso de cada ambiente. Alguns espaços recebem iluminação natural por meio das aberturas, enquanto outros dependem predominantemente da iluminação artificial. As janelas envidraçadas possuem vidros translúcidos, sendo que algumas apresentam adesivos que reduzem a entrada de luz.

Quanto à ventilação, esta ocorre exclusivamente de forma natural, por meio da abertura de portas e janelas, não havendo sistemas de ventilação mecânica nos ambientes.

4.3 Análise do estado de conservação por cômodos

A análise dos ambientes do Museu Casa Guignard foi realizada com o propósito de identificar as principais manifestações patológicas, alterações, intervenções e fatores de risco que incidem sobre a edificação. Para tanto, foram analisados os elementos construtivos e de acabamento de cada ambiente, como pisos, paredes, forros, esquadrias e demais componentes arquitetônicos, permitindo compreender as condições de conservação do imóvel. Os resultados obtidos subsidiam a proposição das diretrizes que compõem o Plano de Conservação, apresentadas no capítulo seguinte.

Para facilitar a organização e a compreensão da análise, os ambientes foram agrupados em cinco conjuntos: cobertura, fachadas, primeiro pavimento, segundo pavimento e subsolo.

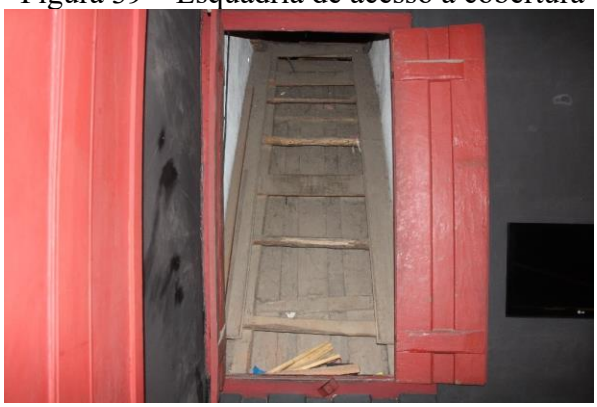
4.3.1 Cobertura

O acesso à cobertura ocorre por meio de uma porta elevada localizada na Sala Cartões para Amalita, sendo necessário utilizar uma escada em madeira com degraus espaçados, o que dificulta o acesso ao local (Figura 39). A estrutura é constituída integralmente por madeira maciça, com cobertura em telhas cerâmicas do tipo capa e bica amarradas. Em razão da dificuldade de acesso e, sobretudo, por solicitação da coordenação do museu, não foi autorizada a circulação sobre a estrutura do entreforro, impossibilitando uma análise mais detalhada de suas condições de conservação.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes manifestações:

- tábuas de fechamento da empena com manchas possivelmente por concentração de umidade;
- peças com características visuais de cavidade indicando possível ataque xilófago;
- fiação elétrica exposta e sem fixação adequada, aumentando o risco de acidentes e comprometendo a segurança da edificação;
- materiais avulsos como tábuas de madeira, telhas, presença de sacos pretos e decoração de São João sobre o forro, favorecer a proliferação de agentes de deterioração;
- telhas deslocadas, destacando potencial ponto de infiltração de água pluvial;
- proliferação de fungos nas telhas e estruturas de madeira;
- caixa d'água de amianto sobre o forro configurando fator de risco grave devido à possibilidade de vazamentos, infiltrações e sobrecarga.

Figura 39 – Esquadria de acesso à cobertura



Fonte: Autora, 2026.

Figura 40 – Escada de acesso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 41 – Cavidades no madeiramento e fiação elétrica exposta



Fonte: Autora, 2026.

Figura 42 – Deslocamento da telha, potencial ponto de infiltração



Fonte: Autora, 2026.

Figura 43 – Pontos de incidência solar, sacos pretos e tábuas avulsas sobre a estrutura do forro



Fonte: Autora, 2026.

Figura 44 – Madeiramento aparentemente pertencente à cobertura desde seu início, e telhas avulsas sobre a estrutura do forro



Fonte: Autora, 2026.

4.3.2 Fachadas

4.3.2.1 Frontal

A fachada é composta por embasamento em pedra argamassada, no qual apresenta duas seteiras com gradil em ferro e uma porta de acesso direto ao subsolo. O corpo da edificação é constituído por alvenaria com acabamento em pintura na cor branca.

As esquadrias encontram-se distribuídas de forma uniforme, com três vãos em cada pavimento, apresentando acabamento em pintura nas cores vermelha e branca. No primeiro pavimento, possuem verga reta. As janelas são do tipo guilhotina, enquanto a porta principal de acesso ao museu é composta por folha única com sistema de abertura de giro e bandeira fixa superior.

No segundo pavimento, as esquadrias apresentam verga alteada com acabamento em pintura na cor amarela e são constituídas por duas folhas almofadadas com sistema de abertura de giro. Destaca-se, ainda, a presença de uma sacada única, cujo guarda-corpo é em ferro fundido, com motivos ornamentais simples com pintura na cor preta e detalhes em amarelo, encimado por pau-de-peito em madeira maciça com bordas arredondadas e acabamento em pintura na cor vermelha. O piso da sacada é em tabuado de madeira maciça.

O coroamento da edificação é composto por cimalha com acabamento em pintura na cor branca e calha semicircular com acabamento em pintura na cor vermelha, com caimento para as laterais direita e esquerda da edificação.

Por fim, a fachada frontal está voltada ao sul da edificação, não recebendo incidência direta de radiação solar ao longo do dia.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes manifestações:

- destacamento da camada pictórica em toda extensão da alvenaria e cimalha;
- proliferação de fungos na cimalha e piso da sacada;
- alteração cromática na camada pictórica das esquadrias;
- intervenção inadequada com material cimentício no embasamento de pedra, próximo a porta de acesso ao museu;
- fixação de panfleto na porta de acesso ao subsolo;
- perda de material na porção inferior do cunhal próximo ao restaurante Escadabaixo, possivelmente associado a fungos apodrecedores;
- presença de lixo em vãos e lacunas de estruturas da edificação;
- destacamento do reboco próximo à divisa lateral esquerda (Restaurante Escadabaixo);
- perda de material do cunhal próximo a sacada, possivelmente associado a fungos apodrecedores;
- deformação na alvenaria próximo a sacada, possivelmente devida a esforços estruturais;
- fixação inadequada de campainha, gancho adesivo e panfleto;
- fenda superficial na ombreira da porta de acesso ao museu.

Figura 45 – Vista da fachada



Fonte: Autora, 2026.

Figura 46 – Fixação de panfleto porta de acesso ao subsolo



Fonte: Autora, 2026.

Figura 47 – Destacamento do reboco próximo à divisa lateral esquerda (Restaurante Escadabaixo)



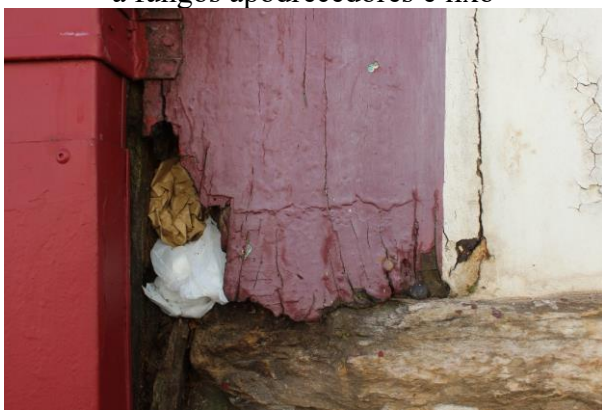
Fonte: Autora, 2026.

Figura 48 – Intervenção inadequada com material cimentício no embasamento de pedra



Fonte: Autora, 2026.

Figura 49 – Perda de material na porção inferior do cunhal, possivelmente associado a fungos apodrecedores e lixo



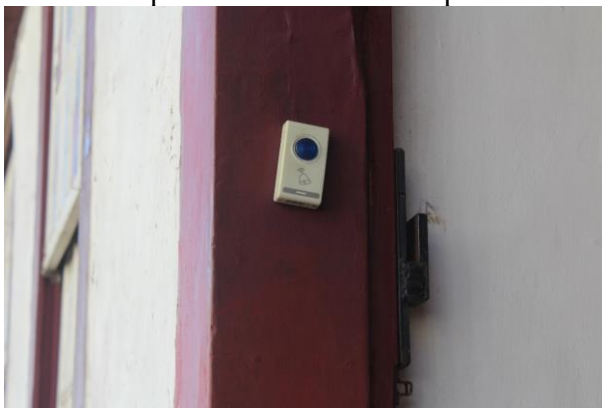
Fonte: Autora, 2026.

Figura 50 – Perda de material do cunhal próximo a sacada, possivelmente associado a fungos apodrecedores



Fonte: Autora, 2026.

Figura 51 – Fixação inadequada da campainha na ombreira da porta



Fonte: Autora, 2026.

Figura 52 – Fenda superficial na face interna da ombreira da porta de acesso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 53 – Deformação na alvenaria próximo a sacada



Fonte: Autora, 2026.

Figura 54 – Desplacamento da camada pictórica da alvenaria e alteração cromática da camada pictórica das esquadrias



Fonte: Autora, 2026.

4.3.2.2 Posterior

A fachada posterior é visível a partir do jardim, sendo possível observar apenas o subsolo e o primeiro pavimento da edificação. À direita, é possível visualizar parte da cobertura correspondente ao banheiro da Sala da Direção, localizado no segundo pavimento.

A fachada é composta por embasamento e pilares estruturais em pedra argamassada, enquanto o corpo da edificação é constituído por alvenaria com acabamento em pintura na cor branca. As esquadrias apresentam vergas retas.

No subsolo, observa-se um portão tipo gradil em madeira, composto por duas folhas com sistema de abertura de giro e bandeira fixa superior, com acabamento em pintura na cor preta, além de duas janelas em madeira maciça, inseridas em um mesmo vão e separadas por montante vertical, com acabamento em pintura na cor vermelha. Já o primeiro pavimento, as três janelas são do tipo guilhotina.

O coroamento da edificação é composto por beiral do tipo cachorro, em madeira maciça com acabamento em pintura na cor branca, e calha semicircular com acabamento em pintura na cor vermelha, com caimento para as laterais direita e esquerda da edificação.

Por estar voltada para a fachada norte, a fachada posterior recebe incidência direta de radiação solar ao longo de todo o período do dia.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes manifestações:

- proliferação de fungos e biodeterioração do beiral;
- fixação de vegetação à estrutura de pedra e destacamento do reboco provocado pelas raízes aderidas à alvenaria;

- deposição inadequada de objetos, como cavalete, embalagens plásticas, pulverizador de inseticida, luva descartável, entre outros;
- eflorescência pontual no embasamento de pedra;
- presença de vegetação e colonização biológica;
- erosão superficial e formação pontual de crosta no pilar estrutural de alvenaria de pedra;
- perda de material na base da alvenaria de pedra;
- destacamento da camada pictórica e presença de manchas escuras associadas à proliferação de fungos;
- corrosão na canaleta metálica de águas pluviais;
- cabide de roupas fixado no marco da janela;
- destacamento da camada pictórica da esquadria e da canaleta;
- fiação aparente sem fixação adequada próximo a vegetação (costela de adão) e rente a canaleta de descida de água pluvial da lateral direita.

Figura 55 – Vista da fachada posterior



Fonte: Autora, 2026.

Figura 56 – Proliferação de fungos e biodeterioração do beiral



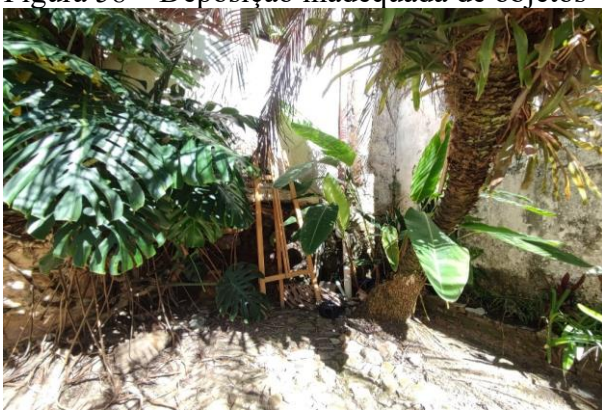
Fonte: Autora, 2026.

Figura 57 – Fixação de vegetação à estrutura em pedra e fiação aparente



Fonte: Autora, 2026.

Figura 58 – Deposição inadequada de objetos



Fonte: Autora, 2026.

Figura 59 – Destacamento do reboco devido raízes de vegetação fixada à alvenaria



Fonte: Autora, 2026.

Figura 60 – Colonização biológica e perda de material na alvenaria



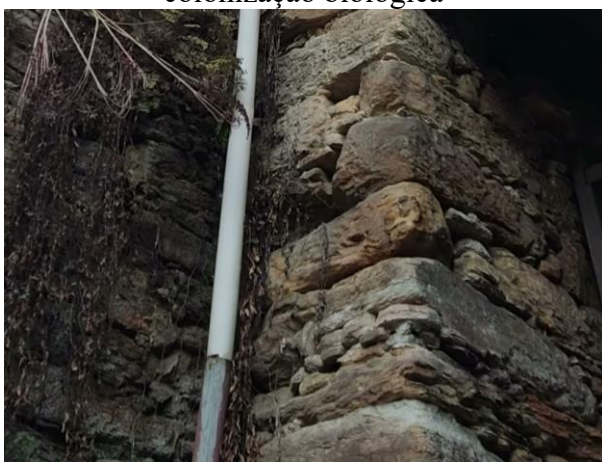
Fonte: Autora, 2026.

Figura 61 – Eflorescência pontual na base em pedra



Fonte: Autora, 2026.

Figura 62 – Presença de vegetação e colonização biológica



Fonte: Autora, 2026.

Figura 63 – Erosão superficial, crosta e presença de luva descartável na alvenaria em pedra



Fonte: Autora, 2026.

Figura 64 – Perda de material na base da alvenaria de pedra



Fonte: Autora, 2026.

Figura 65 – Destacamento da camada pictórica e manchas escuras por proliferação de fungos



Fonte: Autora, 2026.

Figura 66 – Corrosão na canaleta metálica de água pluvial e intervenção inadequada (cabide)



Fonte: Autora, 2026.

Figura 67 – Destacamento da camada pictórica da esquadria e da canaleta, com fiação aparente disposta rente à canaleta



Fonte: Autora, 2026.

4.3.3 Primeiro pavimento

4.3.3.1 Recepção

A recepção constitui o ambiente de acesso ao Museu, destinada ao acolhimento, orientação e controle da entrada dos visitantes.

Desenho 4 - Mapa-chave Recepção



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

O acesso é realizado através da fachada principal por uma abertura em verga reta, porta almofadada de madeira maciça, de uma folha, com abertura em giro e acabamento com pintura vermelha. Na parte superior da porta, há uma bandeira fixa com acabamento em pintura branca e vidro translúcido, sobre o qual foi aplicado um adesivo que restringe a passagem da iluminação natural. As ferragens são em ferro pintado na cor preta, e o sistema de fechamento é composto por fechadura de embutir, tranca de segurança e barra horizontal.

Para acessar a recepção, é necessário vencer uma diferença de nível de dois degraus, executados no mesmo material do piso do ambiente. Este apresenta piso em tabuado corrido de madeira maciça encerada, rodapé em madeira maciça com acabamento em pintura na cor branca, forro do tipo saia-e-camisa sem arremate, com acabamento em pintura branca, e paredes revestidas com pintura na mesma tonalidade. A entrada do ambiente possui soleira larga em pedra, apresentando perda de material em um dos cantos, junto ao encontro com o piso de madeira.

Na parede situada atrás da porta, quando esta permanece aberta, estão instalados o padrão de entrada de energia da edificação e o sistema geral de alarme. Logo acima, está instalada câmera de monitoramento e alarme. Nessa mesma parede encontra-se fixada uma

placa informativa sobre o museu. Próximo à mesa da recepção, observam-se duas janelas de prospecção, que evidenciam a presença de pintura decorativa sob a camada mais recente de acabamento.

O ambiente está orientado para a fachada sul da edificação, não recebendo incidência direta de radiação solar ao longo do dia. A iluminação é predominantemente artificial, realizada por spots direcionáveis, sendo complementada pela iluminação natural proveniente da porta de entrada, que permanece aberta durante o horário de funcionamento do museu. A ventilação ocorre exclusivamente de forma natural, por meio dessa mesma abertura.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes manifestações:

Forro:

- Destacamento da camada pictórica nas proximidades da porta de entrada e junto à iluminação artificial;
- Proliferação de fungos, caracterizada por pequenas manchas amareladas distribuídas por toda a extensão do forro;
- Algumas trincas na junção das réguas de madeira.

Paredes:

- Deformação pontual localizada junto ao encontro com o forro;
- Perda pontual de massa na porção superior da ombreira da abertura de passagem próxima à mesa da recepção;
- Intervenções para passagem da fiação elétrica;
- Duas réguas de extensão elétrica fixadas próximo à mesa da recepção;
- Presença de sujidades decorrentes do funcionamento do museu.

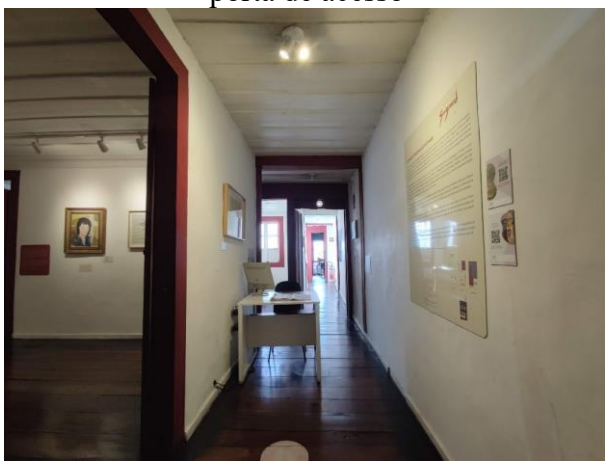
Piso e rodapé:

- Manchas escuras nas extremidades e desgaste superficial do piso de madeira decorrente do uso;
- Presença de adesivo fixado sobre o piso;
- Trinca na borda do primeiro degrau de acesso ao ambiente, acompanhada de desgaste superficial no piso e no espelho;
- Sujidade, pulverulência e lacuna pontual no rodapé;

Esquadrias:

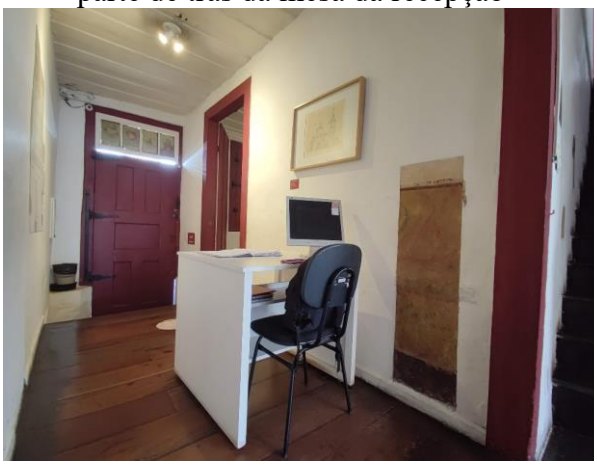
- Alteração cromática e destacamento da camada pictórica face externa;
- Segundo relato do vigia do museu, a porta principal apresenta dificuldade de abertura em períodos chuvosos, em razão do contato da folha com o piso, possivelmente relacionada à movimentação higroscópica da madeira provocada pelo aumento da umidade.

Figura 68 – Vista do ambiente a partir da porta de acesso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 69 – Vista do ambiente a partir da parte de trás da mesa da recepção



Fonte: Autora, 2026.

Figura 70 – Janela de prospecção e destacamento pontual do revestimento na parede a frente da escada



Fonte: Autora, 2026.

Figura 71 - Deformação na parede próximo ao forro e perda de massa pontual na parte superior da ombreira



Fonte: Autora, 2026.

Figura 72 – Proliferação de fungos (pontinhos amarelos) e destacamento da camada pictórica no canto do forro



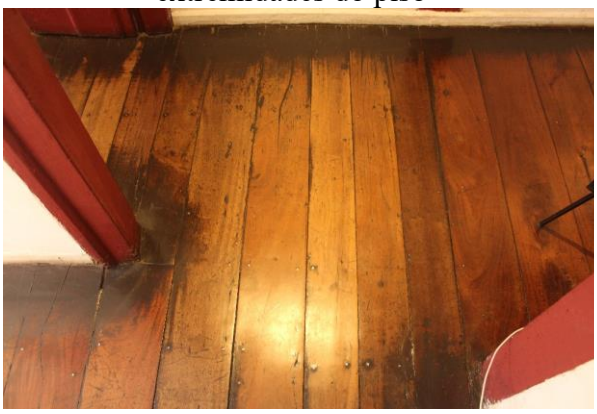
Fonte: Autora, 2026.

Figura 73 – Trinca na borda do degrau e desgaste superficial no piso e espelho



Fonte: Autora, 2026.

Figura 74 – Manchas escuras nas extremidades do piso



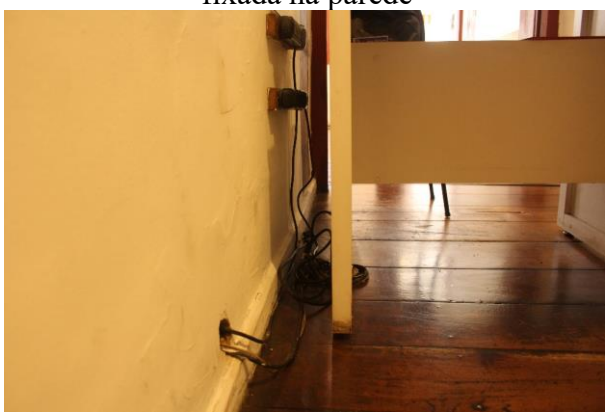
Fonte: Autora, 2026.

Figura 75 – Perda de material da soleira em pedra no encontro com o piso de madeira



Fonte: Autora, 2026.

Figura 76 – Régua de extensão elétrica fixada na parede



Fonte: Autora, 2026.

Figura 77 – Sujidade e lacuna pontual no rodapé



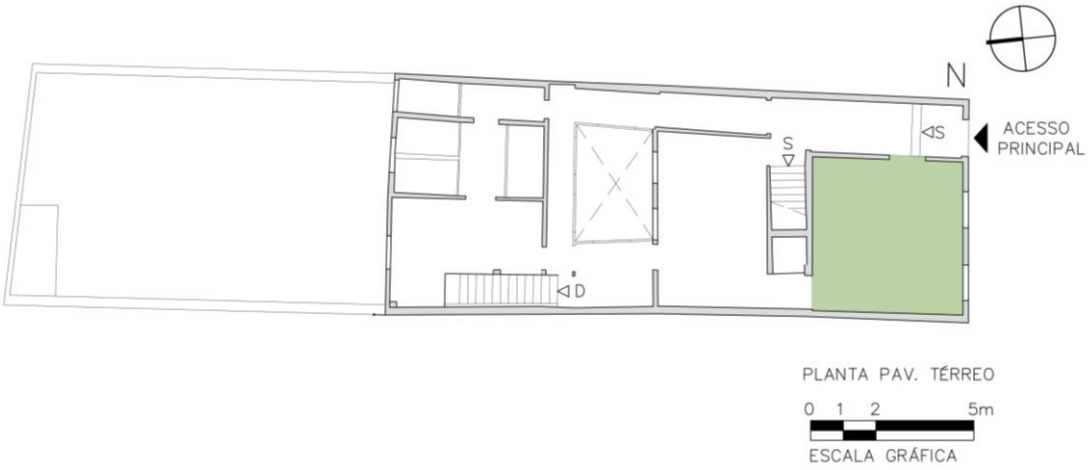
Fonte: Autora, 2026.

4.3.3.2 Sala de Retratos

Possui função museológica e é a primeira do circuito. O piso é composto por tabuado corrido em madeira maciça com acabamento encerado, rodapé em madeira maciça com

pintura na cor branca e quatro tomadas de piso. Ao longo de toda a extensão da parede da fachada e da parede perpendicular a esta, observa-se uma borda em pedra. O forro é do tipo saia-e-camisa, com rodateto e pintura na cor branca. As paredes são argamassadas com acabamento em pintura na cor branca. Verificou-se janela de prospecção em uma das paredes.

Desenho 5 - Mapa-chave Sala de Retratos



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

A porta de acesso ao ambiente é de madeira maciça de duas folhas, do tipo saia-e-camisa, com acabamento em pintura na cor vermelha, sistema de abertura de giro, dobradiças em ferro com pintura preta e sistema de travamento composto por conjunto de maçaneta tipo bola com roseta, ambos em ferro com acabamento quadrado com pintura preta, fechadura de embutir acionada por chave com lingueta e trincos superior e inferior do tipo ferrolho em uma das folhas, também em ferro com pintura preta. Além disso, dispõe de duas janelas voltadas para a fachada frontal, sendo essas de madeira maciça com duas folhas almofadadas, acabamento em pintura vermelha e abertura de giro. As ferragens são constituídas por dobradiças em ferro com pintura preta, enquanto o sistema de travamento é composto por barra horizontal em ferro com pintura preta e trinco retangular amadeirado localizado na base da esquadria, com acabamento em pintura vermelha.

A sala conta com extintor de incêndio, câmera de monitoramento e alarme. Além de fita vermelha fixada no piso para demarcação de limite de aproximação das obras.

Por fim, o ambiente está orientado para a fachada sul da edificação, não recebendo incidência direta de radiação solar ao longo do dia. A iluminação é predominantemente artificial, realizada por dois trilhos na cor branca, cada um equipado com três spots

direcionáveis voltados para os quadros expostos. A ventilação é exclusivamente natural, embora as janelas permaneçam fechadas.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes informações:

Forro:

- Destacamento da camada pictórica e fissura na junção do forro próximo a verga das janelas;
- Manchas retilíneas decorrentes de acabamento irregular da pintura, possivelmente correspondentes à antiga disposição dos trilhos de iluminação.

Paredes:

- Fissura pontual próximo ao forro;
- Fixação externa de canaletas para fiação elétrica;
- Intervenções para passagem de fiações elétricas;
- Fissura vertical e acabamento irregular da massa corrida próximo a janela de prospecção;

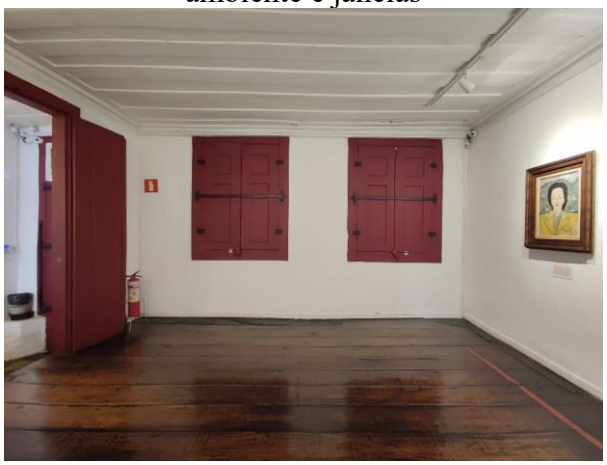
Piso e rodapé:

- Manchas escuras nas extremidades e pontos de desgaste superficial do piso decorrente do uso;
- Adesivo vermelho fixado sobre o piso para demarcação de limite de aproximação das obras;
- Sujidade e pulverulência no rodapé;
- Alteração cromática nas extremidades do piso decorrente de acúmulo de cera, aplicação incorreta de verniz ou produtos de limpeza.

Esquadrias:

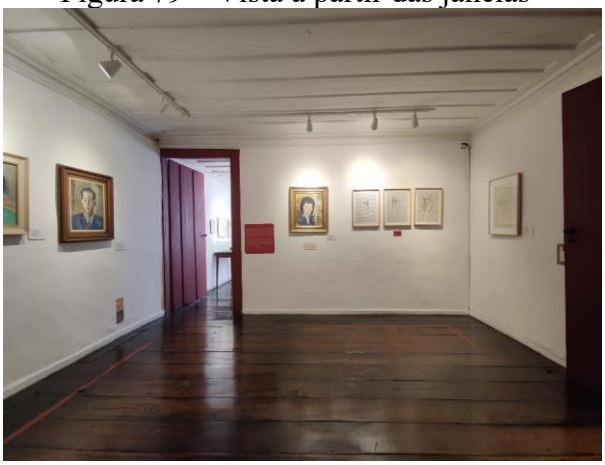
- Alteração cromática e destacamento da camada pictórica na face externa das janelas.

Figura 78 – Vista da porta de acesso ao ambiente e janelas



Fonte: Autora, 2026.

Figura 79 – Vista a partir das janelas



Fonte: Autora, 2026.

Figura 80 – Trincas nas junções e pontos de destacamento da camada pictórica do forro próximo a verga das janelas



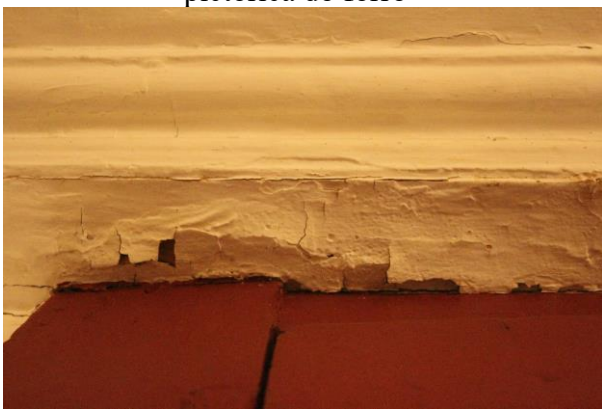
Fonte: Autora, 2026.

Figura 81 – Fissuras na junção do forro e parede



Fonte: Autora, 2026.

Figura 82 – Destacamento da camada pictórica do forro



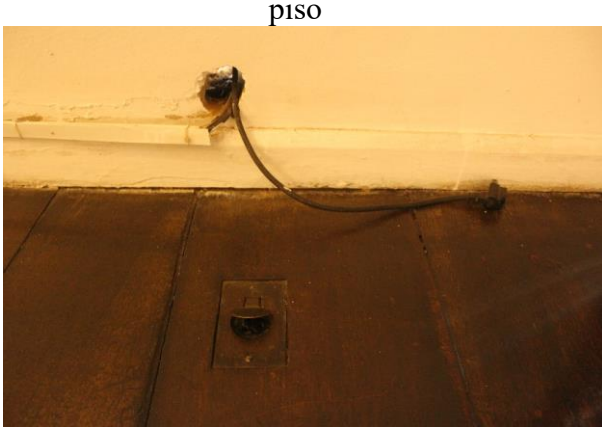
Fonte: Autora, 2026.

Figura 83 – Intervenção para passagem de fiação elétrica externa



Fonte: Autora, 2026.

Figura 84 – Intervenção para passagem de fiação elétrica para recepção e tomada de piso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 85 – Trinca na parede próximo a esquadria



Fonte: Autora, 2026.

Figura 86 – Janela de prospecção, fissura vertical e acabamento irregular da massa corrida



Fonte: Autora, 2026.

Figura 87 – Desgaste superficial do piso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 88 – Piso em pedra contornando parte do tabuado corrido

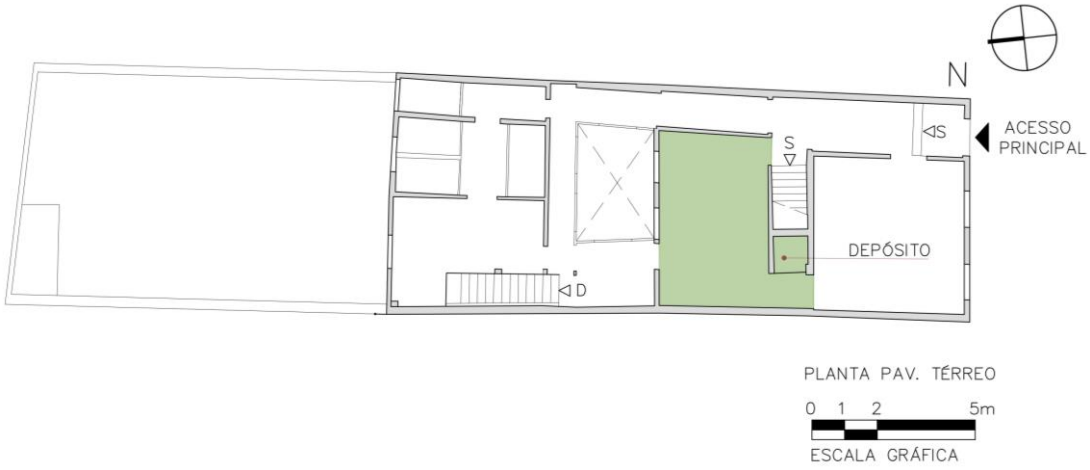


Fonte: Autora, 2026.

4.3.3.3 Sala Guignard Ilustrador

Possui função museológica, sendo a segunda do circuito. O piso é composto por tabuado corrido em madeira maciça com acabamento encerado, rodapé em madeira maciça com pintura na cor branca e duas tomadas. Na extensão da parede onde se encontra a placa de identificação do ambiente, observa-se um trecho do piso em pedra vindo da Sala de Retratos. O forro é do tipo saia-e-camisa com acabamento nas extremidades, com pintura na cor branca. As paredes com acabamento em pintura na cor branca, sendo que em uma das paredes há janela de prospecção.

Desenho 6 - Mapa-chave Sala Guignard Ilustrador



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

A porta de acesso ao ambiente é de madeira maciça com uma folha do tipo saia-e-camisa e com acabamento em pintura na cor vermelha, e apresenta sistema de abertura de giro. As dobradiças são em ferro com pintura preta e sistema de travamento composto por conjunto de maçaneta tipo bola com roseta, ambos em ferro com acabamento quadrado com pintura preta, além de fechadura de embutir acionada por chave com lingueta. A saída do ambiente ocorre por meio de um marco sem folha, que compartilha uma das ombreiras com a porta de acesso ao ambiente Passos de Guignard. O marco é constituído por madeira maciça com acabamento em pintura na cor vermelha. Observa-se ainda a permanência de parte das dobradiças, fixadas ao marco por cravos com acabamento em pintura na cor preta.

A sala conta com duas janelas de madeira maciça de duas folhas, cada uma composta por dois vidros translúcidos sem película de proteção contra a radiação solar. Os marcos das janelas possuem acabamento com pintura na cor vermelha e folhas na cor branca, com abertura em giro, dobradiças em ferro com pintura preta. Uma das esquadrias apresenta

sistema de travamento por trincos do tipo ferrolho, localizados na parte superior e inferior de uma das folhas. Por falha no funcionamento, foi interditada a abertura das janelas.

A iluminação artificial é composta por três trilhos na cor branca, cada um equipado com três spots direcionáveis voltados para os quadros expostos. O ambiente também recebe iluminação natural durante o dia por meio das janelas, mas como elas estão interditadas, a ventilação advém dos outros cômodos.

A sala também dispõe de câmera de monitoramento, sistema de alarme, iluminação e placa de emergência.

Ainda nessa mesma sala, encontra-se um pequeno depósito sob a escada de acesso ao segundo pavimento. Nesse espaço também está instalado o quadro geral de energia elétrica da edificação.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes informações:

Forro:

- manchas retilíneas decorrentes de acabamento irregular da pintura, possivelmente correspondentes à antiga disposição dos trilhos de iluminação;
- manchas decorrentes de intervenção de acabamento irregular da pintura em alguns pontos do forro e viga acima das janelas;
- proliferação de fungo em toda a extensão;
- resquício de fiação antiga, sem uso;
- fissura em ripa e junções;
- fixação de alguns parafusos tipo gancho

Paredes:

- Fissura pontual próximo ao forro;
- Fixação externa de canaletas para fiação elétrica;
- Intervenções para passagem de fiações elétricas;
- Fissura vertical e acabamento irregular da massa corrida próximo a janela de prospecção;
- Sujidade

Piso e rodapé:

- Sujidade e pulverulência no rodapé;

- Fissura horizontal e descolamento pontual do rodapé associado ao rebaixamento do piso;
- Alteração cromática nas extremidades do piso decorrente de acúmulo de cera, aplicação incorreta de verniz ou produtos de limpeza.

Esquadrias:

- alteração cromática e destacamento da camada pictórica na face externa das janelas;
- fissura em toda a extensão na parte inferior da verga amadeirada da janela;
- placa de sinalização de emergência (“saída”) fixada diretamente à madeira da verga da passagem, constituindo intervenção inadequada;
- degradação pontual na base de uma das janelas;
- orifícios decorrentes de ataque de inseto xilófago na parte inferior de uma das janelas.

Instalações elétricas:

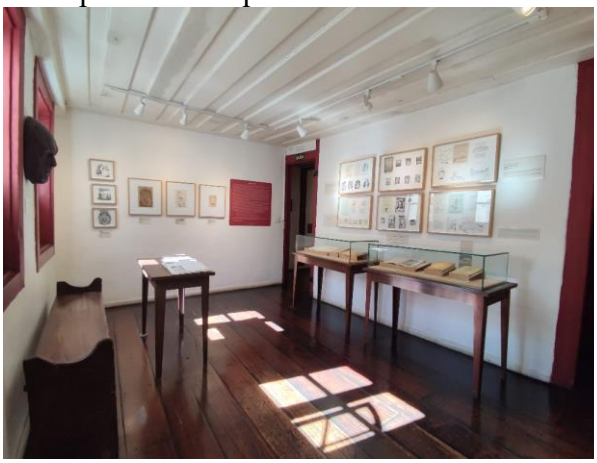
- o quadro geral de energia elétrica da edificação, localizado no depósito sob a escada, foi inspecionado com auxílio de câmera termográfica, não sendo identificadas anomalias térmicas aparentes no momento da inspeção.

Figura 89 – Vista a partir da porta de acesso ao ambiente



Fonte: Autora, 2026.

Figura 90 – Vista a partir da porta bloqueada por corrente plástica sinalizadora



Fonte: Autora, 2026.

Figura 91 – Acabamento irregular da pintura, resquício de fiação e fissura na junção entre as ripas do forro



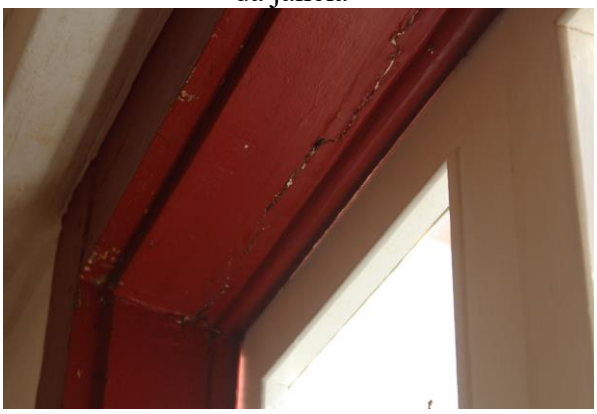
Fonte: Autora, 2026.

Figura 92 – Acabamento irregular da pintura, trinca entre viga e forro, e parafuso tipo gancho fixado ao forro



Fonte: Autora, 2026.

Figura 93 – Fissura na parte baixa da verga da janela



Fonte: Autora, 2026.

Figura 94 – Fissura e descolamento do rodapé associado ao rebaixamento do piso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 95 – degradação pontual na base de uma das janelas



Fonte: Autora, 2026.

Figura 96 – Orifícios decorrentes de ataque de inseto xilófago na parte inferior da janela



Fonte: Autora, 2026.

Figura 97 – Placa de sinalização de emergência fixada em local inadequado



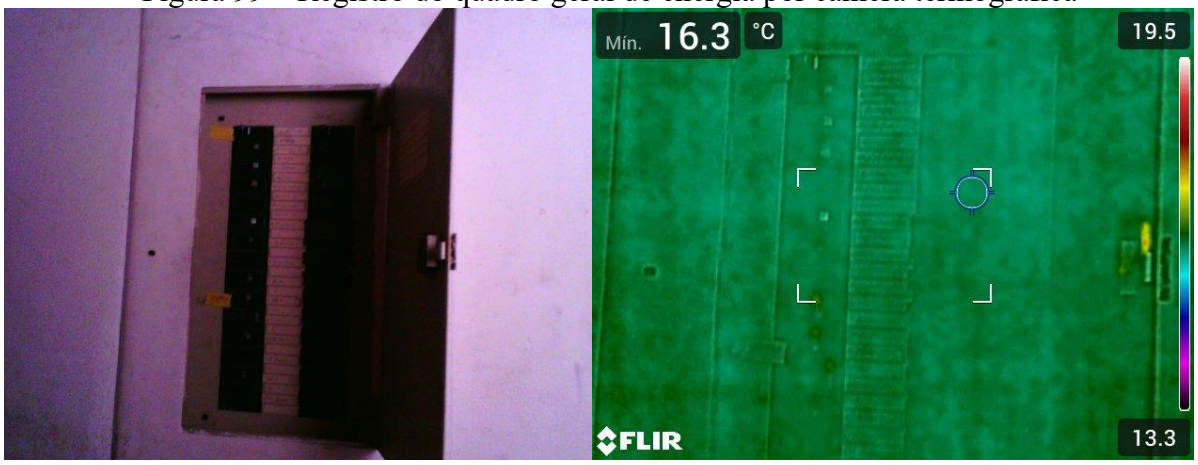
Fonte: Autora, 2026.

Figura 98 – Porta de acesso ao depósito



Fonte: Autora, 2026.

Figura 99 – Registro do quadro geral de energia por câmera termográfica



Fonte: Autora, 2026.

4.3.3.4 Circulação – Passos de Guignard

Possui função museológica e também atua como corredor de circulação. O piso é composto por tabuado corrido em madeira maciça com acabamento encerado, rodapé em madeira maciça com pintura na cor branca. O forro é do tipo saia-e-camisa, parte com acabamento nas laterais e parte sem, sendo e pintura na cor branca. As paredes apresentam acabamento em pintura na cor branca, quadros e painéis estão fixados nas paredes. A edificação possui um átrio central destinado à iluminação natural dos ambientes, cuja vedação é constituída por estrutura de madeira composta por ripas dispostas horizontalmente, com o mesmo acabamento da parede.

Desenho 7 - Mapa-chave Passos de Guignard



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

A porta de acesso compartilha uma das ombreiras com a porta de saída da Sala Guignard Ilustrador. É constituída por madeira maciça, com bandeira fixa superior e duas folhas do tipo saia-e-camisa, acabamento em pintura na cor vermelha e sistema de abertura de giro. O sistema de travamento é composto por aldrava. Dispõe de uma janela com acabamento superior em dois arcos na vedação do átrio, com duas folhas de madeira maciça na cor branca e vidro translúcido sem película protetora contra raios solares. O sistema de abertura é em giro, e as ferragens são constituídas por dobradiças em ferro com pintura na cor preta, enquanto o sistema de travamento é na parte inferior por aldrava. Além de contar com duas aberturas de passagem com pintura na cor vermelha.

O ambiente é iluminado por meio de iluminação artificial, complementada pela iluminação natural incidente através da janela. A ventilação ocorre exclusivamente de forma natural, por meio das janelas.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes informações:

Forro:

- proliferação de fungo em toda a extensão;
- fissura nas junções das ripas;
- acabamento da pintura do forro mal executada, desuniforme.

Paredes:

- destacamento pontual da pintura da parede, evidenciando camada pictórica anterior em tonalidade azul;

- Sujidade.

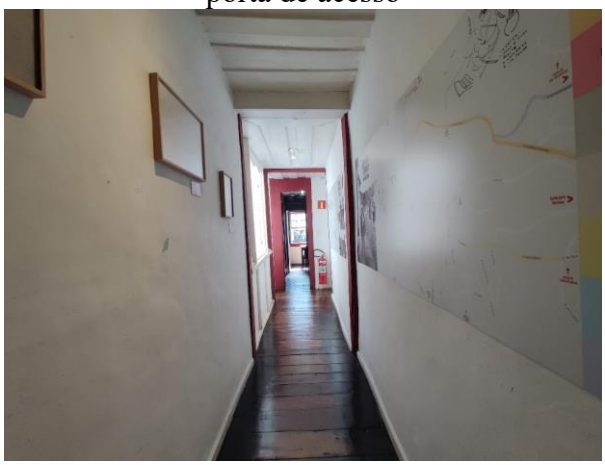
Piso e rodapé:

- Sujidade e pulverulência no rodapé;
- descolamento pontual do rodapé associado ao rebaixamento do piso;
- Alteração cromática nas extremidades do piso decorrente de acúmulo de cera ou aplicação incorreta de verniz ou produtos de limpeza.

Esquadrias:

- folhas da janela com fechamento inadequado, comprometendo a vedação;
- sujidade localizada na porção inferior da janela;
- corrosão na dobradiça da janela;
- acabamento irregular da pintura da janela;
- destacamento pontual da camada pictórica da janela;
- perda de material pontual na janela com indícios de ataque de insetos xilófagos;
- perda de material com exposição do substrato de madeira na base de uma das ombreiras da abertura de passagem, possivelmente associada a ataque inativo de insetos xilófagos;
- folhas da porta de acesso ao ambiente travadas por prego e parafuso, ocasionando danos à madeira;
- lascamento na porção inferior da bandeira fixa da porta de acesso.

Figura 100 - Vista do ambiente a partir da porta de acesso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 101 - Vista da abertura na vedação em madeira maciça



Fonte: Autora, 2026.

Figura 102 – Camada pictórica anterior em tonalidade azul



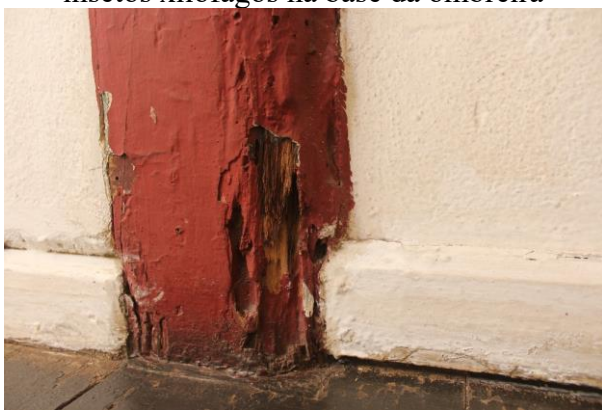
Fonte: Autora, 2026.

Figura 103 – Lascamento da madeira do batente da bandeira fixa



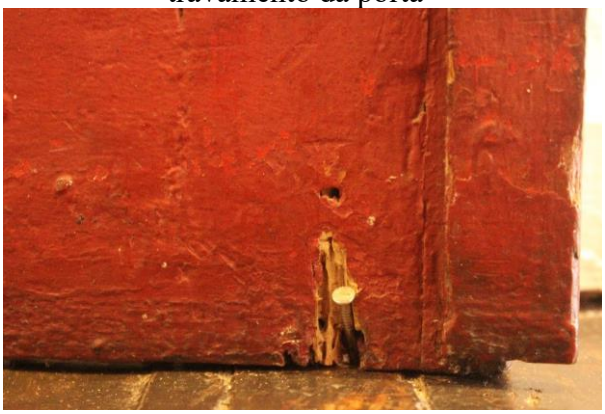
Fonte: Autora, 2026.

Figura 104 - Vestígios de ataque inativo de insetos xilófagos na base da ombreira



Fonte: Autora, 2026.

Figura 105 – Base da folha da porta danificada por prego utilizado para travamento da porta



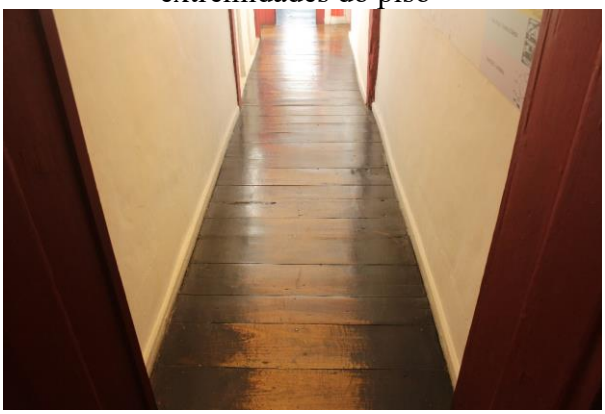
Fonte: Autora, 2026.

Figura 106 – Sujidade e acabamento irregular da janela



Fonte: Autora, 2026.

Figura 107 – Manchas escuras nas extremidades do piso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 108 – Perda de material na esquadria com indícios de ataque de insetos xilófagos



Fonte: Autora, 2026.

Figura 109 – Perda parcial da massa de fixação dos vidros da janela

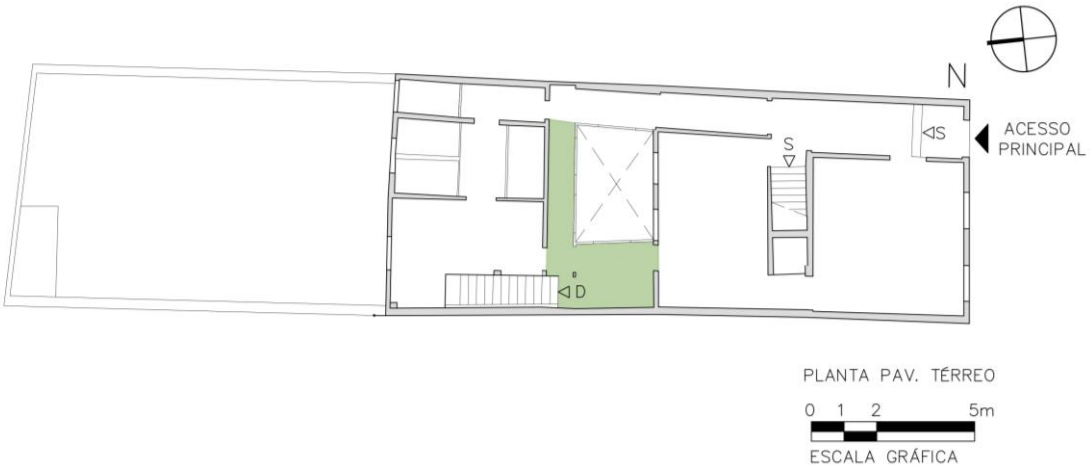


Fonte: Autora, 2026.

4.3.3.5 Sala de Fotografias

Possui função museológica e também serve como corredor de circulação. O piso é composto por tabuado corrido em madeira maciça com acabamento encerado e rodapé em madeira maciça com pintura na cor branca. O forro é do tipo saia-e-camisa, com acabamento em pintura na cor branca, e possui um alçapão de acesso de formato quadrado, dotado de travamento por trinco. As paredes apresentam acabamento em pintura na cor branca. A vedação do átrio é constituída por estrutura de madeira composta por ripas dispostas horizontalmente com o mesmo acabamento da parede.

Desenho 8 - Mapa-chave Sala de Fotografias



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

O ambiente possui uma porta de madeira maciça de duas folhas, do tipo saia-e-camisa, com acabamento em pintura na cor vermelha, sistema de abertura de giro, dobradiças em ferro com pintura preta e sistema de travamento composto por conjunto de maçaneta tipo bola com roseta, ambos em ferro com acabamento quadrado com pintura preta, além de fechadura de embutir acionada por chave com lingueta. Dispõe de três janelas iguais com acabamento superior em dois arcos na vedação do átrio, sendo cada janela com duas folhas de madeira maciça na cor branca e vidro translúcido sem película protetora contra raios solares. O sistema de abertura é em giro, e as ferragens são constituídas por dobradiças em ferro com pintura na cor preta, enquanto o sistema de travamento é na parte inferior por aldrava. Possui também, duas aberturas de passagem em madeira maciça, com acabamento em pintura na cor vermelha, sendo uma delas composta por bandeira fixa superior.

O ambiente é iluminado por meio de iluminação artificial, complementada pela iluminação natural incidente através da janela. A ventilação ocorre exclusivamente de forma natural, por meio das janelas.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes informações:

Forro:

- proliferação de fungo em toda a extensão;
- fissura na junta entre ripas, destacamento da camada pictórica e mancha branca indicando acabamento irregular da pintura;
- fixação de canaleta para passagem de fiação elétrica e trinca na borda do forro.

Paredes:

- deformação da parte superior da parede rente à escada de acesso ao subsolo;
- acabamento da massa corrida mal executada próximo ao interruptor;
- sujidades.

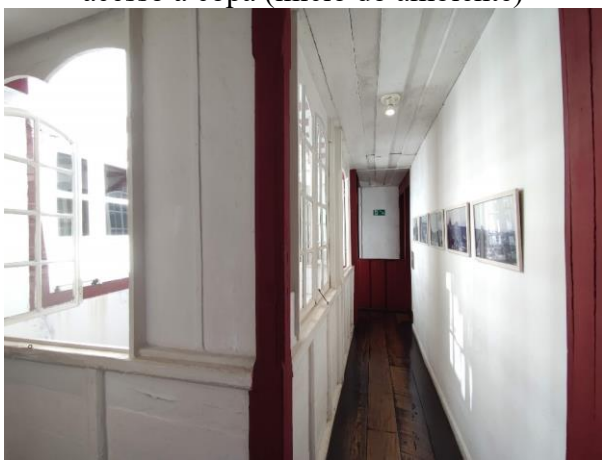
Piso e rodapé:

- sujidade e pulverulência no rodapé;
- Perda localizada de material próximo a uma das janelas;
- Alteração cromática nas extremidades do piso decorrente de acúmulo de cera, aplicação incorreta de verniz ou produtos de limpeza.

Esquadrias:

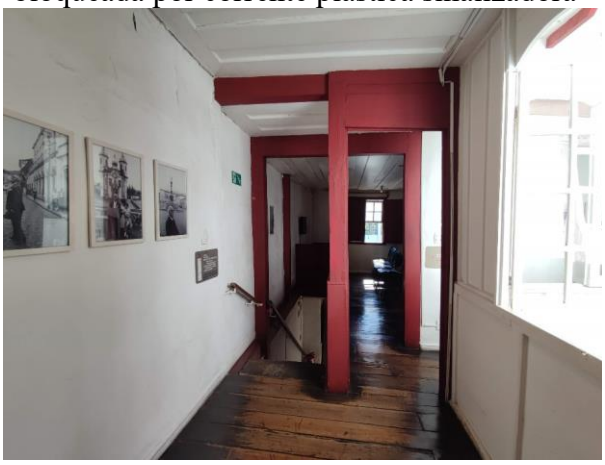
- folhas da janela com fechamento inadequado, comprometendo a vedação;
- sujidade localizada na porção inferior da janela;
- acabamento irregular da pintura da janela;
- parafuso de fixação da dobradiça de uma das janelas com comprimento incompatível, ultrapassando a vedação;
- fissuras na camada pictórica da vedação em madeira do átrio;
- intervenção inadequada na bandeira fixa da porta de acesso bloqueada, caracterizada pela fixação de tomada externa, luminária e placa de sinalização de emergência com fita adesiva e prego;
- arame fixado na janela como dispositivo improvisado para manter aberta a folha da porta de acesso bloqueado;
- vestígios de galeria e excrementos granulares de cupim de madeira seca localizado na parte inferior da bandeira fixa de uma das aberturas de passagem.

Figura 110 – Vista a partir da porta de acesso à copa (início do ambiente)



Fonte: Autora, 2026.

Figura 111 – Vista a partir da porta bloqueada por corrente plástica sinalizadora



Fonte: Autora, 2026.

Figura 112 – Deformação na parede



Fonte: Autora, 2026.

Figura 113 – Acabamento da massa corrida mal executada e sujidade na parede



Fonte: Autora, 2026.

Figura 114 – Intervenção inadequada na bandeira da porta de acesso bloqueado



Fonte: Autora, 2026.

Figura 115 – Arame como dispositivo improvisado para manter a porta aberta



Fonte: Autora, 2026.

Figura 116 – Intervenção inadequada para fixação da dobradiça



Fonte: Autora, 2026.

Figura 117 - Vestígios de galeria e excrementos granulares de cupim



Fonte: Autora, 2026.

Figura 118 – Fissuras na camada pictórica da vedação em madeira



Fonte: Autora, 2026.

Figura 119 – Perda de material do piso



Fonte: Autora, 2026.

4.3.3.6 Sala de Vídeo

Possui função educativa, destinada à exibição de conteúdos audiovisuais relacionados ao acervo e às atividades do museu. O piso é composto por tabuado corrido em madeira maciça com acabamento encerado e rodapé em madeira maciça com pintura na cor branca. O forro é do tipo saia-e-camisa com acabamento nas extremidades com pintura na cor branca. As paredes são com acabamento com pintura na cor branca.

Desenho 9 - Mapa-chave Sala de Vídeo



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

A abertura de passagem para acesso ao ambiente é em madeira maciça com acabamento em pintura na cor vermelha. O ambiente possui uma porta que acessa a copa – no momento desativada – de madeira maciça de duas folhas almofadadas com acabamento com pintura na cor vermelha, sistema de abertura de giro, dobradiças em ferro com pintura preta e sistema de travamento composto por conjunto de maçaneta tipo bola com roseta, ambos em ferro com acabamento quadrado com pintura preta, além de fechadura de embutir acionada por chave com lingueta, e trinco tipo ferrolho próximo a verga em aço inoxidável. Dispõe de uma janela de madeira maciça de duas folhas almofadadas, com acabamento em pintura na cor vermelha e sistema de abertura de giro. As ferragens são constituídas por dobradiças em ferro com pintura preta, enquanto o sistema de travamento é composto por trinco na parte superior e inferior de uma das folhas.

O ambiente está orientado para a fachada norte da edificação, recebendo incidência de radiação solar ao longo de todo o período diurno, sendo a iluminação predominantemente natural proveniente da janela, complementada à luz artificial. A ventilação ocorre exclusivamente de forma natural pela mesma abertura.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes informações:

Forro:

- proliferação de fungo em toda a extensão;
- fissura na junção entre ripas;
- mancha pontual na junção do forro e próximo a parede, sugestiva de umidade, localizada próximo à janela;
- fixação de parafusos tipo gancho.

Paredes:

- sujidade;
- canaleta fixada a parede para passagem de fiação elétrica e fiação aparente sem fixação adequada.

Piso e rodapé:

- sujidade e pulverulência no rodapé;
- piso desgastado devido ao uso;

- Alteração cromática nas extremidades do piso decorrente de acúmulo de cera, aplicação incorreta de verniz ou produtos de limpeza.

Esquadrias:

- camada pictórica desbotada na face;
- destacamento da camada pictórica, com maior ênfase na face externa
- ausência pontual de vidro;
- apenas o trinco superior está em funcionamento.

Guarda-corpo:

- Trinca pontual na junção das ripas;
- pontos de destacamento da camada pictórica com exposição da camada anterior em tonalidade verde;
- desgastes na base do guarda-corpo.

Figura 120 – Vista a partir da abertura de acesso ao ambiente



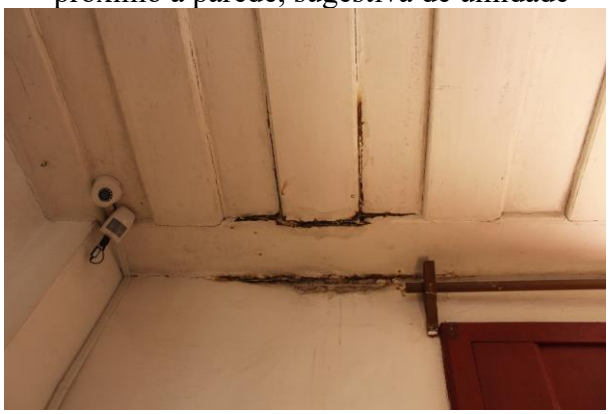
Fonte: Autora, 2026.

Figura 121 – Vista a partir da televisão



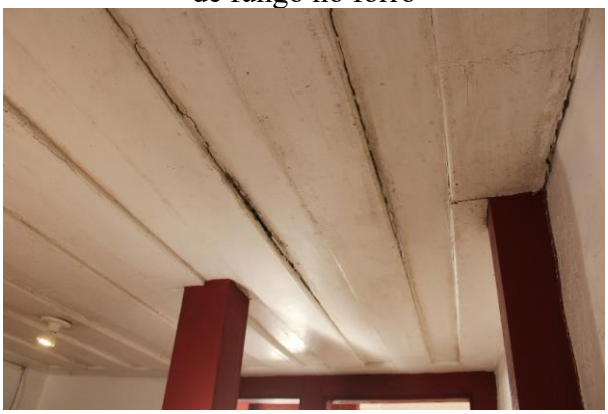
Fonte: Autora, 2026.

Figura 122 – Mancha na junção do forro e próximo a parede, sugestiva de umidade



Fonte: Autora, 2026.

Figura 123 – Fissura entre ripas e proliferação de fungo no forro



Fonte: Autora, 2026.

Figura 124 – uso de régua de energia, adaptador para tomada e ausência de rodapé



Fonte: Autora, 2026.

Figura 125 – Trinca pontual na junção das ripas do guarda-corpo, destacamento da camada pictórica



Fonte: Autora, 2026.

4.3.3.7 Copa

Possui função de apoio, sendo destinada à alimentação e ao descanso dos funcionários. O ambiente é composto por cinco cômodos.

Desenho 10 - Mapa-chave Copa



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

O primeiro corresponde ao espaço de acesso, destinado à realização de refeições e ao descanso da equipe. O segundo consiste em um cômodo de transição, onde se encontra instalado um frigobar. A partir desse espaço é possível acessar a cozinha e dois banheiros, dos quais um permanece desativado, sendo atualmente utilizado como depósito.

Todos os cômodos apresentam piso em tabuado corrido de madeira maciça com acabamento encerado. O rodapé em madeira maciça com acabamento em pintura na cor branca está presente apenas no primeiro cômodo, sendo ausente nos demais. O forro é do tipo saia-e-camisa, com acabamento em pintura na cor branca. As paredes apresentam acabamento em pintura na cor branca, sendo parte das vedações constituída por divisórias com estrutura de madeira e revestimento em fórmica na cor areia.

O acesso ao primeiro cômodo se dá por uma porta de madeira maciça com uma folha treliçada e acabamento com pintura na cor vermelha, sistema de abertura de giro, dobradiças tipo pino em aço inox e sistema de travamento composto por um trinco em madeira fixado na ombreira. O ambiente também dispõe de uma janela em madeira maciça do tipo guilhotina, com acabamento em pintura na cor branca e vidros translúcidos sem película de proteção contra a radiação solar. Na face interna, possui vedação complementar composta por duas folhas em madeira do tipo saia-e-camisa, com abertura em giro e acabamento em pintura na cor vermelha; contudo, uma das folhas encontra-se ausente.

No segundo cômodo, o acesso ocorre por uma abertura de passagem com acabamento com pintura na cor vermelha. Por ser um cômodo de transição, não possui janelas.

O acesso à cozinha e aos banheiros é realizado por meio de portas instaladas em painéis de vedação em madeira e fórmica, dotadas de abertura para ventilação permanente na porção superior. Os dois banheiros compartilham uma única janela em madeira maciça do tipo

guilhotina, com acabamento em pintura na cor branca, marco em pintura vermelha e vidros translúcidos sem película de proteção contra a radiação solar.

O ambiente está orientado para a fachada norte da edificação, recebendo incidência de radiação solar ao longo de todo o período diurno, sendo a iluminação predominantemente natural proveniente da janela do primeiro cômodo e da janela comum aos dois banheiros, complementada pela luz artificial principalmente no cômodo de transição e cozinha. A ventilação ocorre exclusivamente de forma natural, por meio dessas aberturas.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes informações:

Forro:

- apresenta algumas fissuras nas ripas e junções;
- proliferação de fungo em toda a extensão;
- perdas pontuais de material localizada principalmente próxima ao encontro com as paredes;
- Nota-se alguns pontos de afastamento entre o forro e parede.

Paredes:

- pontos de sujidade;
- pontos de proliferação de fungo, com maior incidência na parede do banheiro desativado;
- fissuras pontuais no revestimento;
- destacamentos pontuais do revestimento;
- acabamento irregular da pintura abaixo da janela do banheiro;
- perda pontual de material no revestimento junto ao encontro com o piso, localizado na cozinha;
- fórmica da divisória dos banheiros está comprometida, apresentando empenamento e lacunas.

Piso e rodapé:

- desgaste superficial generalizado do piso;
- piso desgastado pelo uso, com perda pontual de material;

- resíduo de fita adesiva fixado no piso, próximo à porta de acesso à Sala de Vídeo (porta desativada em função da configuração do layout de funcionamento do museu).
- sujidade e pulverulência no rodapé do primeiro cômodo.

Esquadrias:

- ausência pontual de vidro na janela do banheiro e presença de vegetação fixada externamente na esquadria;
- utilização inadequada da janela como suporte para secagem de pano de limpeza;
- janela do primeiro cômodo com perda pontual de massa no marco, no local onde anteriormente havia uma dobradiça. Nessa mesma esquadria, foi detectado ausência de uma das folhas.
- porta de acesso à Sala de Vídeo apresenta perda pontual de material próxima à base de uma das ombreiras, possivelmente associada a ataque de insetos xilófagos;
- ataque de insetos xilófagos na viga estrutural de madeira do banheiro e possivelmente próximo à base de uma das ombreiras da porta de acesso à Sala de Vídeo (porta desativada em função da configuração do layout de funcionamento do museu).

Instalação elétrica:

- soquete da iluminação do banheiro apresentando-se solto, enquanto o do banheiro desativado apresenta danos, com quebra;
- fiação elétrica sem acondicionamento adequado junto à tomada localizada próxima ao piso, na cozinha.

Instalações hidrossanitárias:

- vazamento pontual no sifão da pia da cozinha, com recipiente posicionado abaixo para contenção da água.

Figura 126 – Vista a partir da porta de acesso do primeiro cômodo



Fonte: Autora, 2026.

Figura 127 – Perda de material do piso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 128 – Manchas na parede possivelmente de umidade e sujidade



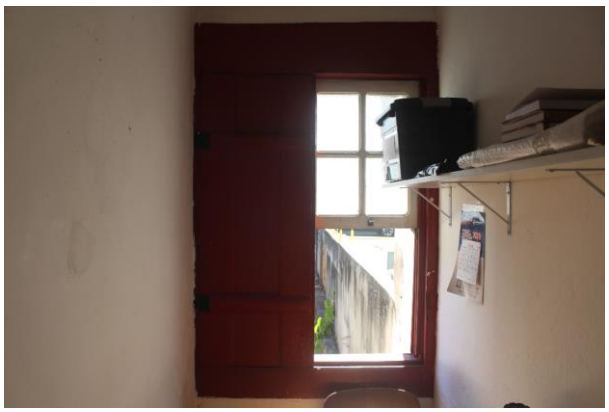
Fonte: Autora, 2026.

Figura 129 – Proliferação de fungo e fissura em algumas ripas e nas junções do forro



Fonte: Autora, 2026.

Figura 130 – Janela do primeiro cômodo com ausência de uma folha



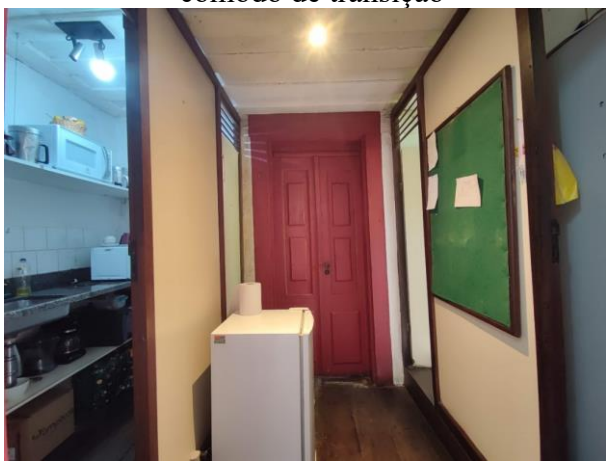
Fonte: Autora, 2026.

Figura 131 – Perda pontual de massa no marco da janela do primeiro cômodo



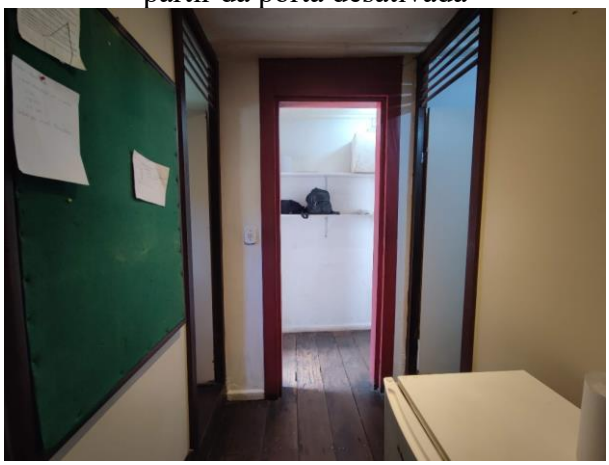
Fonte: Autora, 2026.

Figura 132 – Vista a partir do acesso ao cômodo de transição



Fonte: Autora, 2026.

Figura 133 – Vista do cômodo de transição a partir da porta desativada



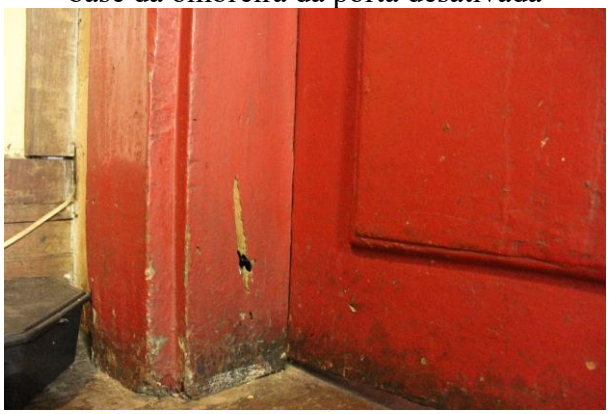
Fonte: Autora, 2026.

Figura 134 – Resíduo de fita adesiva fixado ao piso nas proximidades da porta desativada



Fonte: Autora, 2026.

Figura 135 – Perda pontual de material na base da ombreira da porta desativada



Fonte: Autora, 2026.

Figura 136 – Vista a partir da porta de acesso à cozinha



Fonte: Autora, 2026.

Figura 137 – Vista da cozinha a partir do fundo



Fonte: Autora, 2026.

Figura 138 – Perda pontual de material no revestimento, junto ao encontro com o piso, e fiação sem acondicionamento adequado



Fonte: Autora, 2026.

Figura 139 – Desgaste superficial do piso e vazamento no sifão



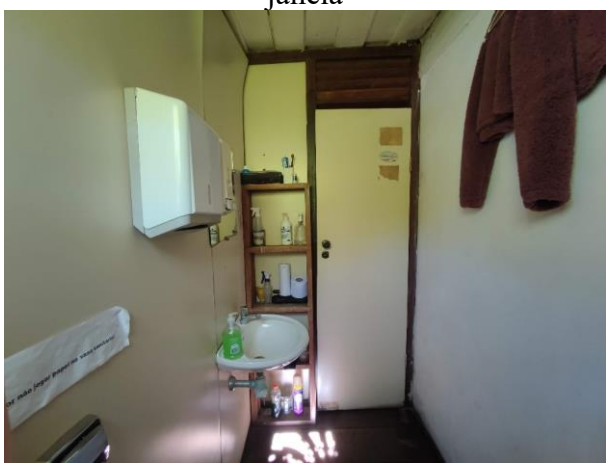
Fonte: Autora, 2026.

Figura 140 – Vista do banheiro a partir da porta de aceso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 141 – Vista do banheiro a partir da janela



Fonte: Autora, 2026.

Figura 142 – Ataque de inseto xilófago na viga estrutural de madeira



Fonte: Autora, 2026.

Figura 143 – Proliferação de fungo e soquete da lâmpada com fixação comprometida



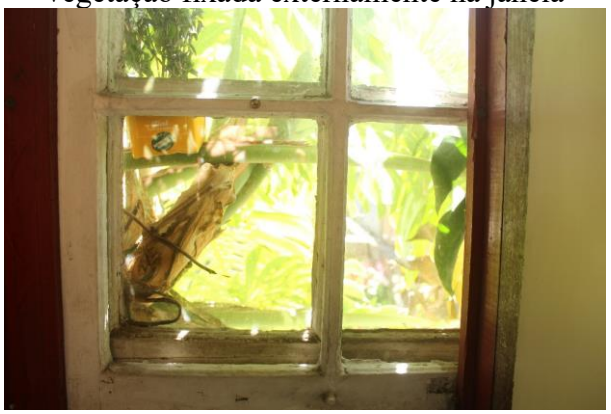
Fonte: Autora, 2026.

Figura 144 – Sujidade, acabamento irregular da pintura e fissura vertical próximo ao piso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 145 – Ausência pontual de vidro e vegetação fixada externamente na janela



Fonte: Autora, 2026.

Figura 146 – Vista da janela a partir do banheiro desativado



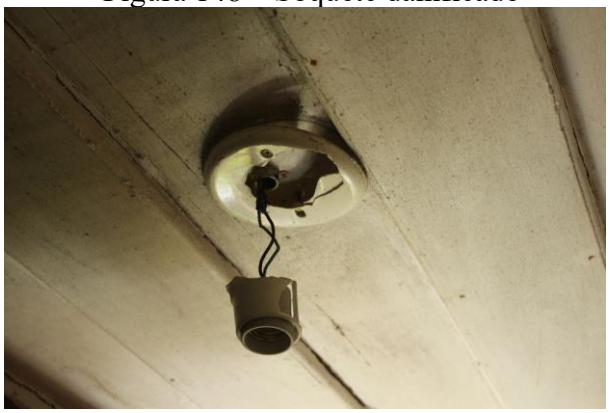
Fonte: Autora, 2026.

Figura 147 – Vista da porta de acesso do banheiro desativado



Fonte: Autora, 2026.

Figura 148 – Soquete danificado



Fonte: Autora, 2026.

Figura 149 – Proliferação de fungo no revestimento da parede



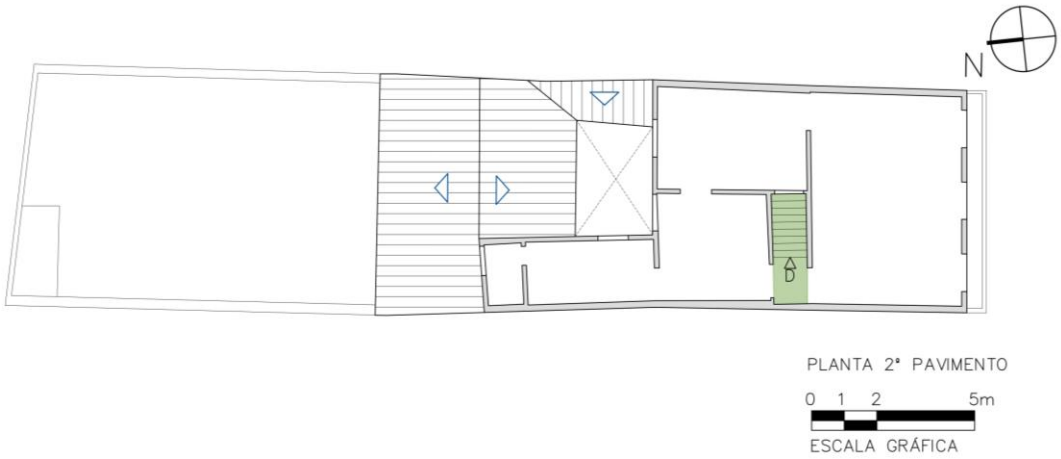
Fonte: Autora, 2026.

4.3.4 Segundo pavimento

4.3.4.1 Hall e escada

O acesso ao segundo pavimento ocorre por meio da escada, que conduz a um pequeno hall de acesso.

Desenho 11 - Mapa-chave Hall e Escada



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

A partir desse espaço, é possível acessar o setor administrativo, a sala da diretoria com banheiro privativo e as demais salas que integram o circuito expositivo do museu. Apresenta piso em tabuado corrido de madeira maciça com acabamento encerado e rodapé em madeira maciça com acabamento com pintura na cor branca. O forro é do tipo saia-e-camisa, com acabamento em pintura na cor branca compreendendo a escada. As paredes apresentam acabamento em pintura na cor branca, sendo identificadas ao longo da escada, três janelas de prospecção evidenciam a presença de pintura decorativa com a camada mais recente de acabamento, e corrimão em madeira maciça envernizada em apenas uma das paredes. Na escada, também, fica evidente a viga que faz a estrutura base do segundo pavimento (Figura 151).

O hall não possui portas de passagem, sendo os acessos aos ambientes adjacentes realizados a partir dele, os quais serão descritos em seus respectivos ambientes. Dispõe de uma pequena claraboia para iluminação e iluminação artificial fixada ao forro. A ventilação ocorre exclusivamente de forma natural, por meio dos ambientes de divisa.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes informações:

Forro:

- apresenta algumas fissuras nas junções entre as ripas;
- proliferação de fungo com a camada pictórica;
- mancha pontual na junção das ripas;

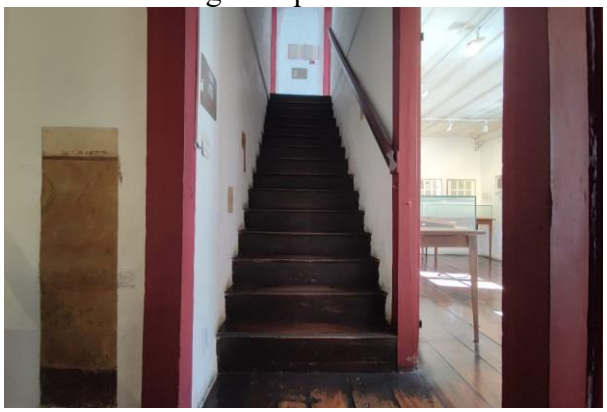
Paredes:

- mancha provocada pelo contato das mãos de uma pessoa;
- irregularidade superficial da parede;
- sujidade na parede localizada próxima aos degraus;
- canaleta para passagem de fiação e dispositivo de alarme fixada próxima ao forro no pé da escada;
- sujidade decorrente da ausência de corrimão em uma das paredes;
- trincas horizontais próximas ao rodapé do hall, possibilidade de destacamento do reboco;
- trincas verticais sobre a verga da porta de acesso à Sala de Exposição Permanente;

Piso e rodapé:

- piso desgastado pelo uso, com perda pontual de material;
- sujidade e pulverulência no rodapé;
- fixação protuberante ao piso, localizado no hall;
- desgaste da fita antiderrapante fixada na borda dos degraus;

Figura 150 – Acesso a escada para o segundo pavimento



Fonte: Autora, 2026.

Figura 151 – Vista da escada a partir do hall e viga estrutural do segundo pavimento



Fonte: Autora, 2026.

Figura 152 – Manchas possivelmente decorrentes de oxidação



Fonte: Autora, 2026.

Figura 153 – Perdas pontuais de material



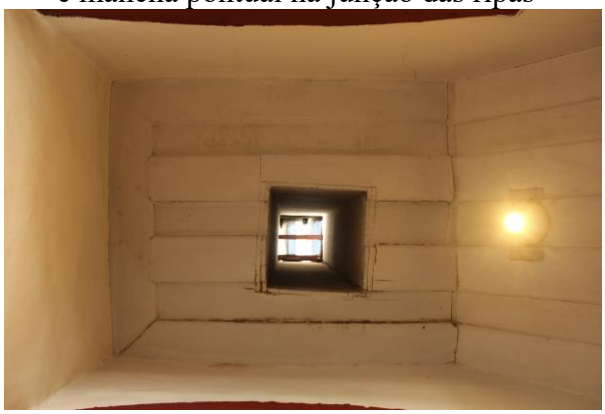
Fonte: Autora, 2026.

Figura 154 – Fixação protuberante ao piso



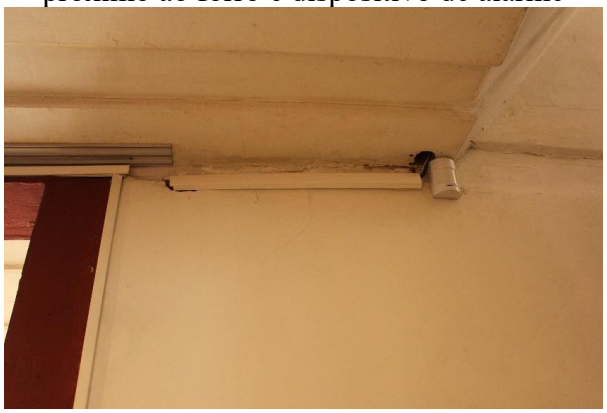
Fonte: Autora, 2026.

Figura 155 – Claraboia, iluminação artificial e mancha pontual na junção das ripas



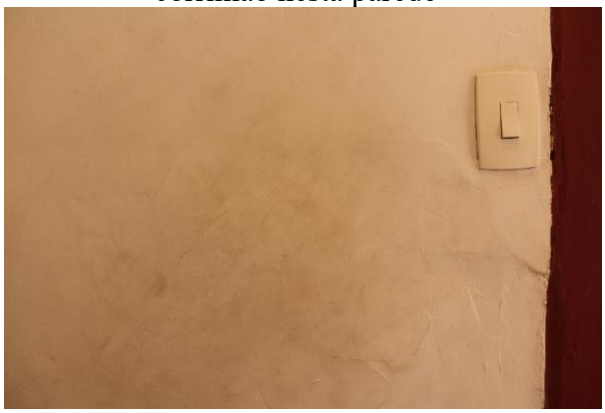
Fonte: Autora, 2026.

Figura 156 – Canaleta fixada à parede próximo ao forro e dispositivo de alarme



Fonte: Autora, 2026.

Figura 157 – Sujidade devida ausência de corrimão nesta parede



Fonte: Autora, 2026.

Figura 158 – Trincas na horizontal da parede, possível destacamento do reboco



Fonte: Autora, 2026.

Figura 159 – Trincas na vertical acima da verga



Fonte: Autora, 2026.

Figura 160 – Janelas de prospecções na parede no decorrer da escada

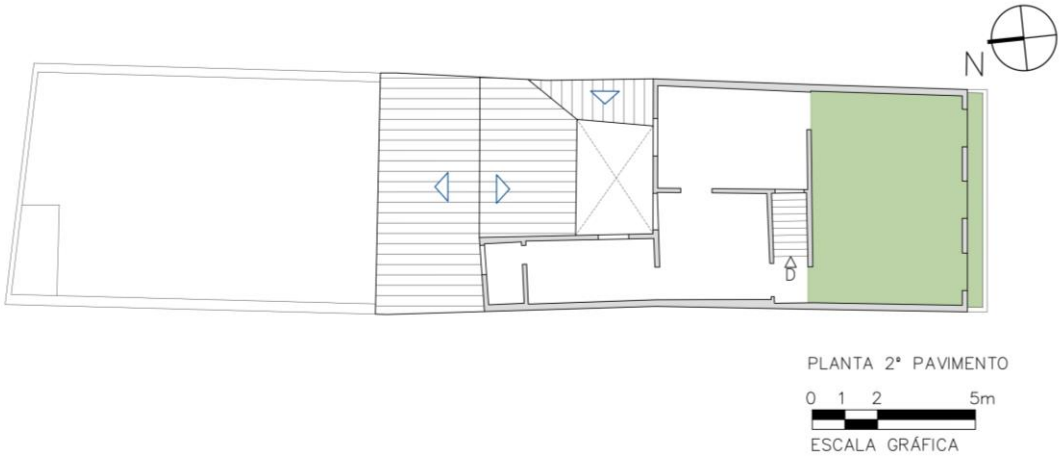


Fonte: Autora, 2026.

4.3.4.2 Sala Exposição Permanente

Constitui o primeiro ambiente do segundo pavimento que dá continuidade a expografia.

Desenho 12 - Mapa-chave Sala Exposição Permanente



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

Apresenta piso tabuado corrido de madeira maciça encerada, rodapé em madeira maciça com acabamento em pintura na cor branca, forro do tipo saia-e-camisa com rodateto e acabamento com pintura na cor branca, e paredes revestidas com pintura na mesma tonalidade.

O acesso é realizado por uma abertura de verga em arco abatido com pintura na cor vermelha. Conta com mais três esquadrias que dão acesso à sacada, sendo elas com a mesma tipologia, porta de madeira maciça de duas folhas almofadadas com postigo, acabamento em pintura na cor vermelha, sistema de abertura de giro, dobradiças em ferro com pintura na cor preta e sistema de travamento por trinco tipo ferrolho fixado na base de uma das folhas. Já o sistema de travamento do postigo é dado por trinco de encaixe fixados nas duas folhas, também em ferro com pintura na cor preta.

A sala conta com câmera de monitoramento e alarme, além de fita vermelha fixada no piso para demarcação de limite de aproximação das obras.

Por fim, o ambiente está orientado para a fachada sul da edificação, não recebendo incidência direta de radiação solar ao longo do dia. A iluminação artificial é composta por três trilhos na cor branca com spots direcionáveis voltados para os quadros expostos. O ambiente também recebe iluminação natural durante o dia por meio das portas da sacada, por onde também ocorre a ventilação.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes manifestações:

Forro:

- pontos de destacamento da camada pictórica;
- manchas retilíneas decorrentes de acabamento irregular da pintura, possivelmente correspondentes à antiga disposição dos trilhos de iluminação;
- fissura em ripa e junções;
- fixação de elementos não identificados.

Paredes:

- fissuras vertical e horizontal;
- intervenções para passagem da fiação elétrica com e sem canaleta;

Piso e rodapé:

- desgaste mecânico do piso, decorrente principalmente do atrito causado pela abertura das portas de acesso à sacada;

- adesivo vermelho fixado sobre o piso para demarcação de limite de aproximação das obras;
- sujidade e pulverulência no rodapé.

Esquadrias:

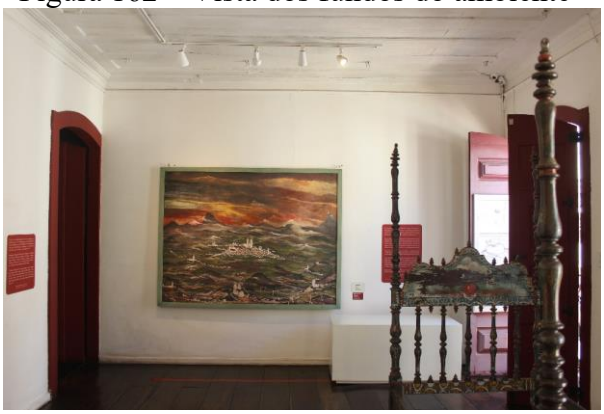
- alteração cromática e destacamento da camada pictórica na face externa;
- fixação inadequada de alarme na ombreira da porta de acesso ao ambiente;
- dano mecânico decorrente de impacto na base da ombreira da porta de acesso;
- ausência do puxador do trinco da base de uma das portas da sacada;
- perda de material na base da ombreira de uma das portas da sacada, possivelmente ataque por fungo apodrecedor;
- arame utilizado como puxador improvisado para abertura da porta de acesso a sacada;
- folga na trava do trinco de fechamento do postigo em uma das portas de acesso a sacada;
- adesivo fixado nos vidros das portas da sacada para impedir a passagem de iluminação externa.

Figura 161 – Vista da porta de acesso do ambiente



Fonte: Autora, 2026.

Figura 162 – Vista dos fundos do ambiente



Fonte: Autora, 2026.

Figura 163 – Trinca na junção do forro e intervenção para passagem de fiação elétrica



Fonte: Autora, 2026.

Figura 164 - Manchas retilíneas decorrentes de intervenção mal executada e fixação de elementos não identificados



Fonte: Autora, 2026.

Figura 165 – Fissuras vertical na extremidade da verga da porta



Fonte: Autora, 2026.

Figura 166 – Trinca vertical na extensão do cunhal e fissura na horizontal



Fonte: Autora, 2026.

Figura 167 – Fissuras vertical na alvenaria



Fonte: Autora, 2026.

Figura 168 – Intervenção inadequada para passagem de fiação



Fonte: Autora, 2026.

Figura 169 – Dano mecânico decorrente de desgaste do piso por atrito



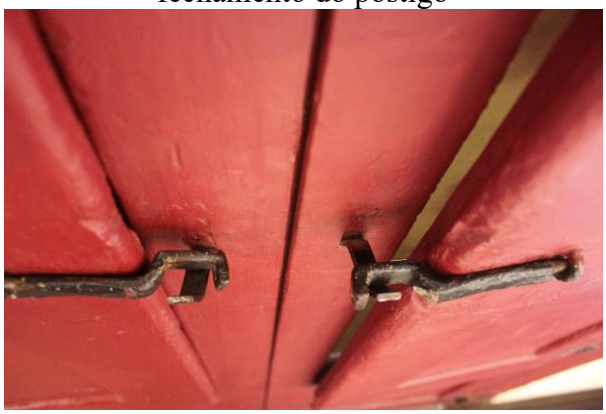
Fonte: Autora, 2026.

Figura 170 – Adesivo fixado nos vidros para impedir passagem de iluminação externa



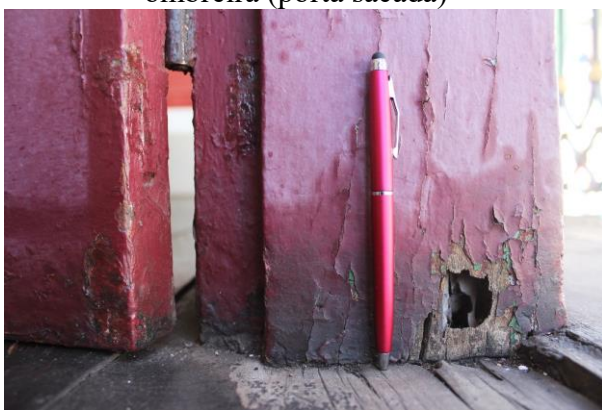
Fonte: Autora, 2026.

Figura 171 – Folga na trava do trinco de fechamento do postigo



Fonte: Autora, 2026.

Figura 172 – Perda de massa na base da ombreira (porta sacada)

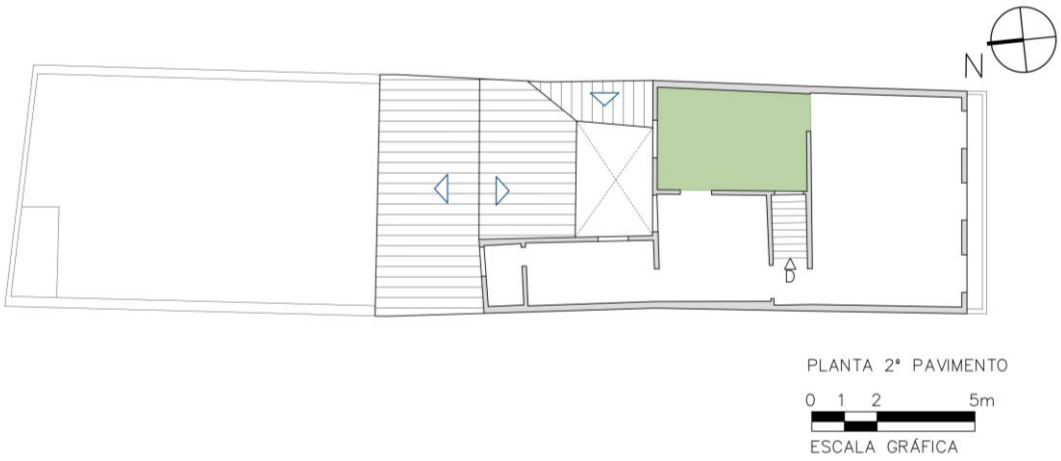


Fonte: Autora, 2026.

4.3.4.3 Sala de Cartões para Amalita

A sala possui função museológica, e apresenta piso em tabuado corrido de madeira maciça encerada, revestido por tecido. O ambiente possui ainda rodapé em madeira maciça com acabamento em pintura na cor preta, forro do tipo saia-e-camisa com acabamento em pintura na cor preta e paredes com acabamento em pintura na mesma tonalidade.

Desenho 13 - Mapa-chave Sala de Cartões para Amalita



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

A porta de acesso ao ambiente é de verga em arco abatido, de madeira maciça com duas folhas do tipo saia-e-camisa com acabamento em pintura na cor vermelha, sistema de abertura de giro, dobradiças em ferro com pintura preta e sistema de travamento composto por conjunto de maçaneta tipo bola com roseta, ambos em ferro com acabamento quadrado com pintura preta, fechadura de embutir acionada por chave com lingueta. Além disso, dispõe de uma janela de verga reta voltada para o átrio, em madeira maciça do tipo guilhotina, com acabamento em pintura na cor branca, marco em pintura vermelha e vidros translúcidos sobre o qual foi aplicado um adesivo que restringe a passagem da iluminação natural.

A sala conta com extintor de incêndio, câmera de monitoramento e sistema de alarme.

Embora esteja localizada na porção central da edificação, a sala é adjacente ao átrio, o que proporciona incidência solar direta ao longo de todo o dia.

Por fim, a iluminação é predominantemente artificial, realizada por trilho com spots direcionáveis na cor preta. A iluminação natural é restrita, uma vez que a janela permanece fechada e possui adesivos que impedem a passagem de luz. A ventilação ocorre exclusivamente de forma natural pela porta de acesso.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes manifestações:

Forro:

- manchas retilíneas decorrentes de acabamento irregular da pintura, possivelmente correspondentes à antiga disposição dos trilhos de iluminação;
- fissura em ripa e junções.

Paredes:

- fissuras vertical e horizontal abaixo da janela;
- intervenção e fixação de canaleta para passagem da fiação elétrica;
- Manchas opacas em toda a extensão da camada pictórica.

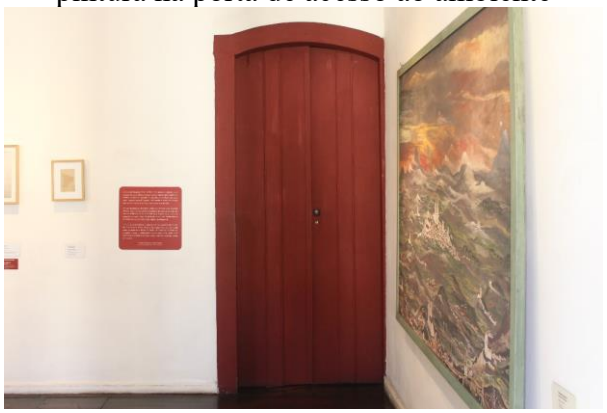
Piso e rodapé:

- desgaste do tecido fixado no piso;
- sujidade e pulverulência no rodapé.

Esquadrias:

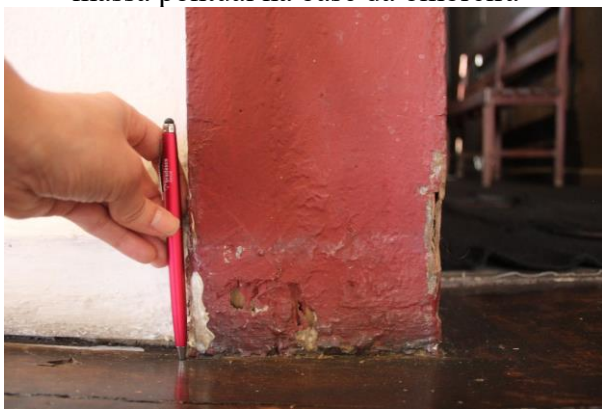
- alteração cromática e destacamento da camada pictórica na face externa;
- dano mecânico decorrente de impacto e perda de material na base da ombreira da porta de acesso, possivelmente ataque por fungo apodrecedor;
- acabamento irregular da pintura na porta de acesso ao ambiente;
- possível ataque de insetos xilófagos no marco da janela, sem evidências de atividade atual;
- intervenção para passagem de fiação no canto da esquadria de acesso à cobertura;
- vestígios de enxerto na folha da porta de acesso, na região da maçaneta, e ausência da roseta de acabamento do sistema de tranca.

Figura 173 – acabamento irregular da pintura na porta de acesso ao ambiente



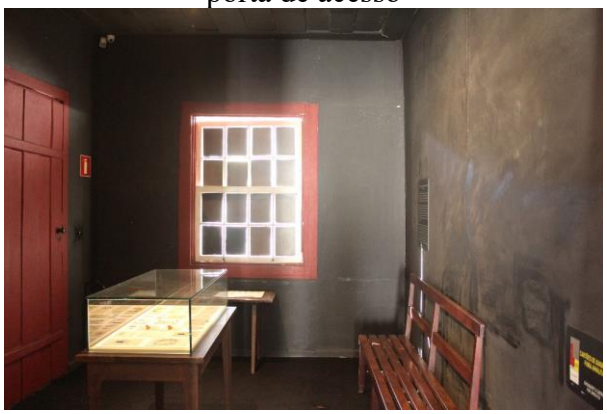
Fonte: Autora, 2026.

Figura 174 – Dano mecânico e perda de massa pontual na base da ombreira



Fonte: Autora, 2026.

Figura 175 – Vista do ambiente a partir da porta de acesso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 176 – Vista do ambiente a partir da parede perpendicular à janela



Fonte: Autora, 2026.

Figura 177 – Trinca vertical e horizontal abaixo da janela



Fonte: Autora, 2026.

Figura 178 – Incidência solar no ambiente



Fonte: Autora, 2026.

Figura 179 – Desgaste do tecido fixado ao piso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 180 – Ataque de insetos xilófagos no marco da janela



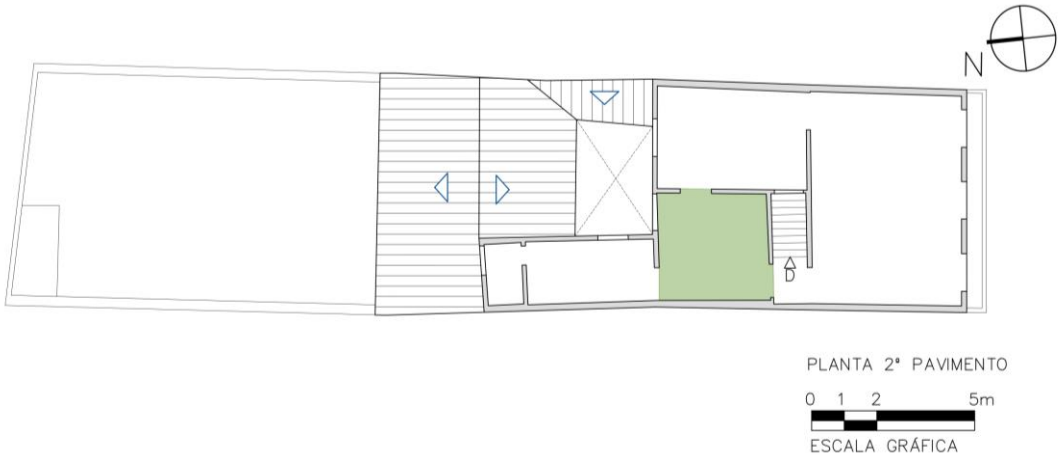
Fonte: Autora, 2026.

4.3.4.4 Sala Administrativa

Como o próprio nome diz, esse é um ambiente destinado as práticas administrativas do museu. Apresenta piso em tabuado corrido de madeira maciça encerada, rodapé em madeira

maciça com acabamento em pintura na cor branca, forro do tipo saia-e-camisa com acabamento em pintura na cor branca e paredes com acabamento em pintura na mesma tonalidade, destacando uma janela de prospecção em uma das paredes.

Desenho 14 - Mapa-chave Sala Administrativa



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

A porta de acesso ao ambiente é de verga com arco abatido, madeira maciça com folha única do tipo saia-e-camisa, acabamento em pintura na cor vermelha, sistema de abertura de giro, dobradiças em ferro com pintura preta e sistema de travamento composto por conjunto de maçaneta tipo bola com roseta, ambos em ferro com acabamento quadrado com pintura preta, e fechadura de embutir acionada por chave com lingueta. Além disso, dispõe de uma janela voltada para o átrio, de verga reta em madeira maciça do tipo guilhotina, com acabamento em pintura na cor branca, marco em pintura vermelha e vidros translúcidos sem película de proteção contra raio solar.

A sala conta com extintor de incêndio, sistema de alarme e iluminação de emergência.

Embora esteja localizada na porção central da edificação, a sala é adjacente ao átrio e, por se encontrar no segundo pavimento, mantém contato com a fachada sul, sem a interposição de outros ambientes nesse trecho. Essa configuração permite a incidência solar em parte do ambiente ao longo do dia. A iluminação natural ocorre por meio das esquadrias, que também possibilitam a ventilação natural, sendo complementada pela iluminação artificial.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes manifestações:

Forro:

- Fixação de suporte de trilho de iluminação sem uso;
- fissura em ripa e junções;
- manchas possivelmente de umidade na tábua substituída do forro, e sem camada de proteção;
- Fiação aparente para iluminação do ambiente.

Paredes:

- destacamento do reboco próximo ao rodapé e porta de acesso à Sala da Direção;
- intervenções e fixação de canaleta para passagem da fiação elétrica;
- móvel de madeira disposto sobre a janela de prospecção.

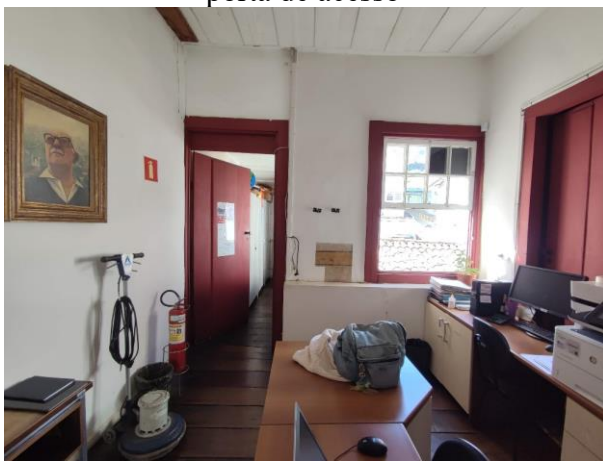
Piso e rodapé:

- desgaste mecânico do piso, principalmente ocasionado pela fricção dos pés das cadeiras;
- sujidade e pulverulência no rodapé.

Esquadrias:

- alteração cromática e destacamento da camada pictórica na face externa da janela;
- fissuras na direção do veio da madeira na contraverga da janela, possivelmente devido ao intemperismo.

Figura 181 – Vista do ambiente a partir da porta de acesso



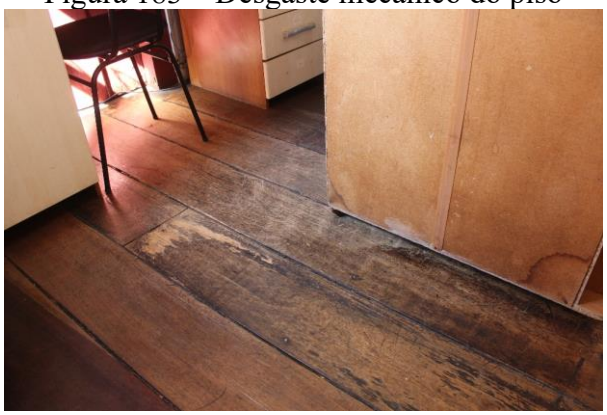
Fonte: Autora, 2026.

Figura 182 – Vista da porta de acesso do ambiente



Fonte: Autora, 2026.

Figura 183 – Desgaste mecânico do piso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 184 – Destacamento do reboco



Fonte: Autora, 2026.

Figura 185 – Fissura vertical na alvenaria, manchas de umidade na tábua substituída e fiação exposta



Fonte: Autora, 2026.

Figura 186 – Canaletas rente a esquadria



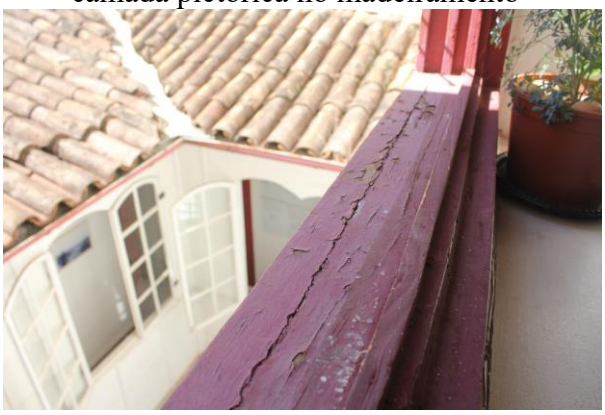
Fonte: Autora, 2026.

Figura 187 – Móvel sobreposto à janela de prospecção



Fonte: Autora, 2026.

Figura 188 – Fissuras e destacamento da camada pictórica no madeiramento



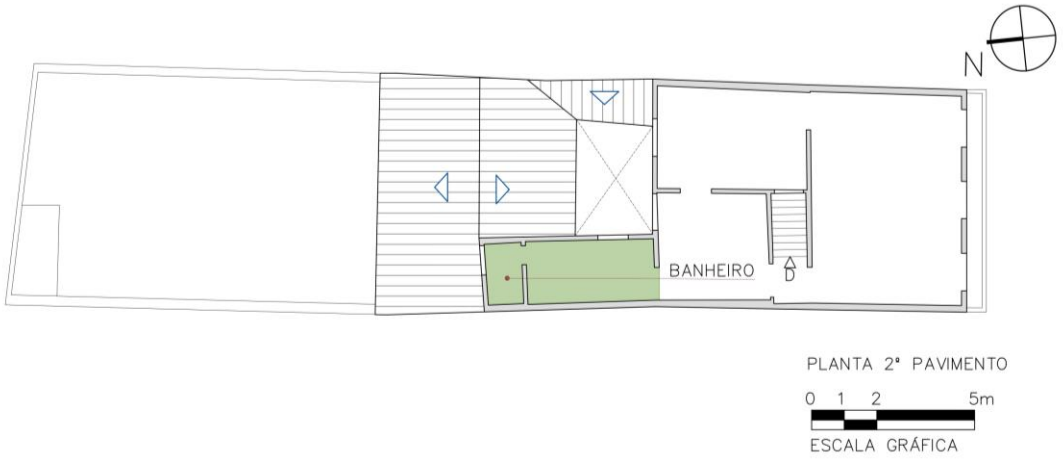
Fonte: Autora, 2026.

4.3.4.5 Sala da Direção

Esse ambiente faz parte da área administrativa. Apresenta piso em tabuado corrido de madeira maciça encerada, rodapé em madeira maciça com acabamento em pintura na cor

branca. O forro do tipo saia-e-camisa, com parte inclinada acompanhando a inclinação do telhado, acabamento em pintura na cor branca e paredes com acabamento em pintura na mesma tonalidade. As paredes apresentam acabamento em pintura na cor branca, sendo a vedação adjacente ao átrio constituída por estrutura de madeira composta por ripas dispostas verticalmente.

Desenho 15 - Mapa-chave Sala da Direção



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

A porta de acesso ao ambiente é de verga com arco abatido, madeira maciça com folha única do tipo saia-e-camisa, acabamento em pintura na cor vermelha, sistema de abertura de giro, dobradiças em ferro com pintura preta e sistema de travamento composto por conjunto de maçaneta tipo bola com roseta, ambos em ferro com acabamento quadrado com pintura preta, e fechadura de embutir acionada por chave com lingueta. Além disso, dispõe de uma janela voltada para o átrio, de verga reta em madeira maciça do tipo guilhotina, com acabamento em pintura na cor branca, marco em pintura vermelha e vidros translúcidos sem película de proteção contra raio solar.

O ambiente conta com banheiro que apresenta piso cerâmico em formato retangular em tonalidade clara, forro é inclinado acompanhando a caída do telhado, do tipo saia-e-camisa com acabamento em pintura na cor branca e paredes com acabamento em pintura na mesma tonalidade, sendo meia parede com revestimento cerâmico com formato quadrado e acabamento com ripa de madeira maciça com pintura na cor vermelha.

A porta de acesso possui verga reta, é confeccionada em madeira maciça, com folha única do tipo saia-e-camisa, acabamento em pintura na cor vermelha, sistema de abertura de giro, dobradiças em ferro com acabamento em pintura na cor preta e sistema de travamento

composto por conjunto de maçaneta tipo bola com roseta, ambos em ferro com acabamento quadrado com pintura preta, além de fechadura de embutir acionada por chave fixa com lingueta.

A janela é em madeira maciça, composta por duas folhas com vidro martelado, acabamento em pintura na cor branca e marco com acabamento em pintura na cor vermelha. O sistema de abertura é de giro, com dobradiças em ferro com pintura na cor preta. O sistema de travamento é composto por trincos em ferro e inox na parte superior das folhas e por um trinco retangular em madeira maciça, fixado ao marco na porção inferior da esquadria.

A sala conta com sistema de alarme. O ambiente não recebe incidência solar direta, mas dispõe de iluminação natural por meio da janela, complementada pela iluminação artificial. A ventilação ocorre exclusivamente de forma natural, por meio das esquadrias. O banheiro, por sua vez, recebe incidência solar direta, uma vez que está voltado para a fachada norte da edificação. Entretanto, por ser utilizado como depósito, a porta e a janela permanecem fechadas, restringindo a entrada de luz de ventilação.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes manifestações:

Forro:

- Fixação de suporte de trilho de iluminação sem uso;
- fissura em ripa e junções;
- manchas possivelmente de umidade na tábua substituída do forro, e sem camada de proteção;
- Fiação aparente para iluminação do ambiente.

Paredes:

- destacamento do reboco próximo ao rodapé e porta de acesso à Sala da Direção;
- intervenções e fixação de canaleta para passagem da fiação elétrica;
- móvel de madeira disposto sobre a janela de prospecção.
- Proliferação de fungos, caracterizada por pequenas manchas amareladas distribuídas por toda a extensão do forro;

Piso e rodapé:

- desgaste mecânico do piso, principalmente ocasionado pela fricção dos pés das cadeiras;

- sujidade e pulverulência no rodapé.

Esquadrias:

- alteração cromática e destacamento da camada pictórica na face externa da janela;
- fissuras na direção do veio da madeira na contraverga da janela, possivelmente devido ao intemperismo.

Figura 189 – Vista do ambiente a partir dos fundos



Fonte: Autora, 2026.

Figura 190 – Fiação exposta e uso de adaptador de tomada



Fonte: Autora, 2026.

Figura 191 – Destacamento da camada pictórica e proliferação de fungo



Fonte: Autora, 2026.

Figura 192 – Proliferação de fungo visível por manchas amarelas



Fonte: Autora, 2026.

Figura 193 – Mancha na junção do forro, possível infiltração. E destacamento da camada pictórica a cima da verga



Fonte: Autora, 2026.

Figura 194 – Marcas de escorrimento, possível infiltração



Fonte: Autora, 2026.

Figura 195 – Sujidade e vão acima do espelho da tomada



Fonte: Autora, 2026.

Figura 196 – Desgaste mecânico do piso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 197 – Vista do banheiro a partir da porta de acesso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 198 – Mancha na alvenaria por umidade inadequada e soquete solto



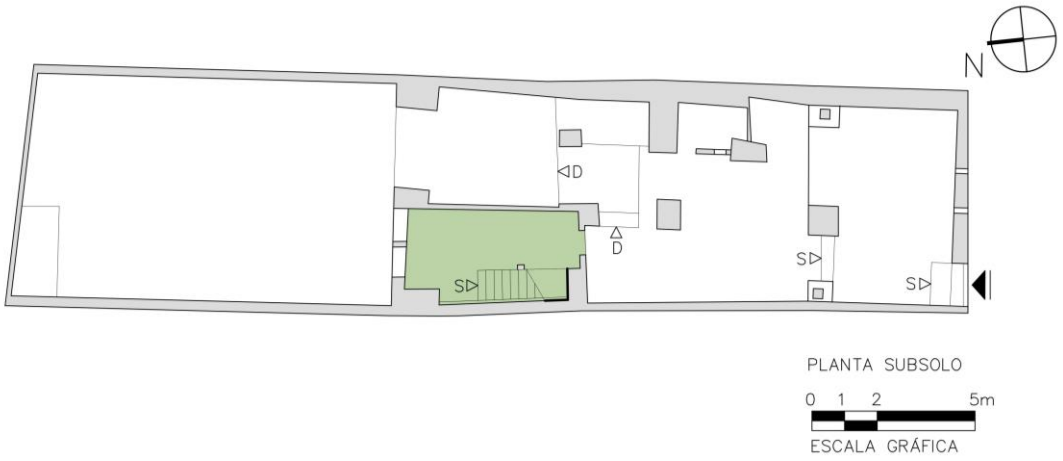
Fonte: Autora, 2026.

4.3.5 Subsolo

4.3.5.1 Sala de apoio

O ambiente exerce função de apoio às atividades do setor educativo. O acesso ao ambiente se dá por meio de escada em alvenaria de pedra insossa, que apresenta intervenções pontuais em argamassa. Apresenta piso lajeado em quartzito, composto por placas de dimensões relativamente uniformes, e não possui rodapé. O forro do tipo saia-e-camisa com acabamento em pintura na cor branca e paredes com acabamento em pintura na mesma tonalidade.

Desenho 16 - Mapa-chave Sala de apoio



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

Conta com uma porta de verga reta, madeira maciça com folha única do tipo saia-e-camisa, acabamento em pintura na cor vermelha, sistema de abertura de giro, dobradiças em ferro com pintura preta e sistema de travamento composto por conjunto de maçaneta tipo bola com roseta, ambos em ferro com acabamento quadrado com pintura preta, fechadura de embutir acionada por chave com lingueta, enquanto o sistema de travamento é composto por barra horizontal em ferro com pintura na cor preta. Além disso, dispõe de duas janelas em madeira maciça, inseridas em um mesmo vão e separadas por montante vertical, cada uma composta por duas folhas lisas articuladas, com acabamento em pintura na cor vermelha. O sistema de abertura é de giro, com dobradiças em ferro com pintura na cor preta. O sistema de travamento é composto por barra horizontal em ferro com pintura na cor preta e por trincos do tipo ferrolho em aço inox, localizados nas porções superior e inferior das esquadrias.

A sala conta com extintor de incêndio, câmera de segurança, sistema de alarme, placas e iluminação de emergência.

O ambiente está orientado para a fachada norte da edificação, recebendo incidência de radiação solar ao longo de todo o período diurno, sendo a iluminação predominantemente natural proveniente da janela, complementada pela luz artificial. A ventilação ocorre exclusivamente de forma natural, por meio dessas aberturas.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes manifestações:

Forro:

- pontos de destacamento da camada pictórica;
- fissura nas junções das ripas;
- fixação de canaleta para passagem de fiação elétrica.

Paredes:

- manchas na coloração rosa, próximo a janela, destacando possível proliferação de microrganismo;
- pontos de destacamento da camada pictórica;
- fixação de quadros diretamente à parede, favorecendo a proliferação de fungos;
- sujidade.

Piso e rodapé:

- ausência de rodapé;
- pontos de perda de material;
- incidência solar direta.

Esquadrias:

- fissuras na contraverga da janela e destacamento da camada pictórica, principalmente na face externa da esquadria, possivelmente decorrentes da exposição às intempéries;
- manchas brancas, possível proliferação de fungos;
- perda de material na porção inferior das ombreiras da porta que acessa as exposições temporárias, possivelmente associada a fungos apodrecedores;
- intervenção inadequada por parafusos para fixação das dobradiças, e ausência de roseta, acabamento do conjunto da maçaneta (porta que acessa as exposições temporárias).

Figura 199 – Vista do ambiente a partir da janela



Fonte: Autora, 2026.

Figura 200 – Vista do ambiente a partir da escada



Fonte: Autora, 2026.

Figura 201 – Fissuras na contraverga da janela



Fonte: Autora, 2026.

Figura 202 – Destacamento da camada pictórica da janela



Fonte: Autora, 2026.

Figura 203 – Manchas na coloração rosa, possível proliferação de microrganismo



Fonte: Autora, 2026.

Figura 204 – Perda de material na porção inferior das ombreiras



Fonte: Autora, 2026.

Figura 205 – Intervenção inadequada por parafusos



Fonte: Autora, 2026.

Figura 206 – Ausência de roseta (acabamento)

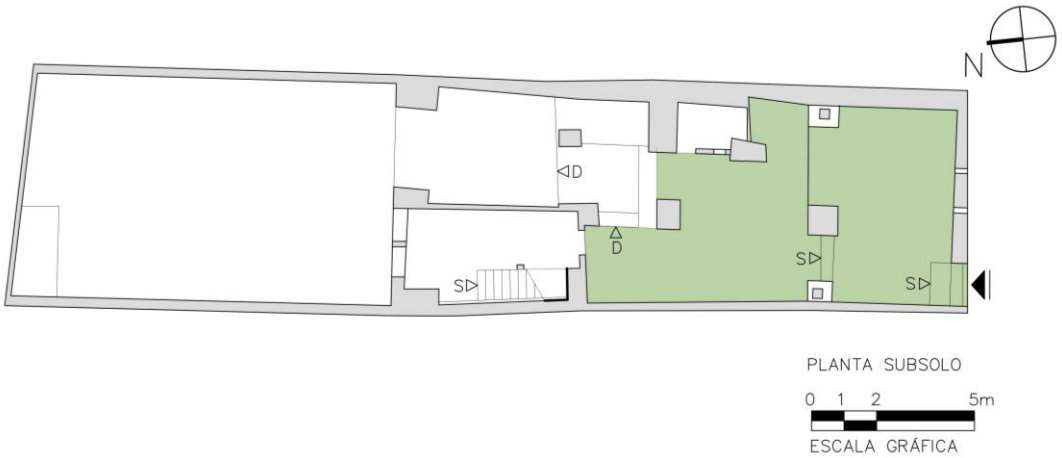


Fonte: Autora, 2026.

4.3.5.2 Exposições temporárias e Setor Educativo

O ambiente abriga as exposições temporárias, e exerce função às atividades do setor educativo. Apresenta piso lajeado em quartzito, composto por placas de dimensões variadas, sem a presença de rodapé. No ambiente que antecede o jardim, o piso apresenta maior irregularidade na forma e nas dimensões, assemelhando-se, em alguns trechos, ao calçamento do tipo pé de moleque.

Desenho 17 - Mapa-chave Exposições temporárias e Setor educativo



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

O ambiente não possui forro, permanecendo aparentes os barrotes do piso do pavimento superior. As paredes são constituídas por alvenaria de pedra argamassada aparente.

O acesso ao ambiente ocorre por meio da Sala de Apoio. Há também uma porta voltada para a fachada frontal da edificação, que permanece constantemente fechada. A porta é

de verga reta em madeira maciça, com folha do tipo saia-e-camisa, acabamento em pintura na cor vermelha e altura aproximada de 1,75 m. O sistema de abertura é de giro, com dobradiças em ferro com pintura na cor preta. O sistema de travamento é composto por um trinco e um fecho para cadeado em aço inox, além de barra horizontal em ferro com pintura na cor preta.

A sala conta com extintor de incêndio, câmera de segurança, sistema de alarme e placas de emergência.

O ambiente não recebe incidência direta de radiação solar, com exceção do cômodo que antecede o jardim, voltado para a fachada norte da edificação, o qual recebe insolação ao longo de todo o período diurno. A iluminação é predominantemente natural, proveniente do átrio e do jardim, sendo complementada pela iluminação artificial, composta por luminárias fixadas aos barrotes. A ventilação ocorre exclusivamente de forma natural, também por meio do átrio e do jardim.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes manifestações:

Barrotes:

- pontos de destacamento da camada pictórica;
- fissura nas junções das ripas;
- fixação de canaleta para passagem de fiação elétrica;
- perfurações e galerias, indicando indícios de ataque de insetos xilófagos em alguns barrotes.

Paredes:

- fixação de conduítes metálicos para passagem de fiação elétrica.

Piso e rodapé:

- ausência de rodapé;
- perda de material próximo ao degrau que acessa o último espaço do ambiente, e na quina do degrau que acessa a porta da fachada;
- fixação de fita antiderrapante nos degraus.

Esquadria:

- fixação de placa de emergência na verga da porta de acesso à fachada frontal, intervenção inadequada na ombreira para passagem de cano e desgaste superficial pontual.

Figura 207 – Vista do ambiente a partir da porta de acesso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 208 – Vista do espaço destinado às atividades do Setor Educativo



Fonte: Autora, 2026.

Figura 209 – Vista do último espaço do ambiente a partir dos degraus



Fonte: Autora, 2026.

Figura 210 – Alteração cromática na tábua, possível umidade



Fonte: Autora, 2026.

Figura 211 – Perda de material e fixação de fita antiderrapante nos degraus



Fonte: Autora, 2026.

Figura 212 – Perda de material no degrau da porta que acessa a fachada fontal



Fonte: Autora, 2026.

Figura 213 – Perfurações e galerias, indicando indícios de ataque de insetos xilófagos



Fonte: Autora, 2026.

Figura 214 – Manchas brancas que indicam proliferação de fungos



Fonte: Autora, 2026.

Figura 215 – Intervenção na ombreira para passagem de cano

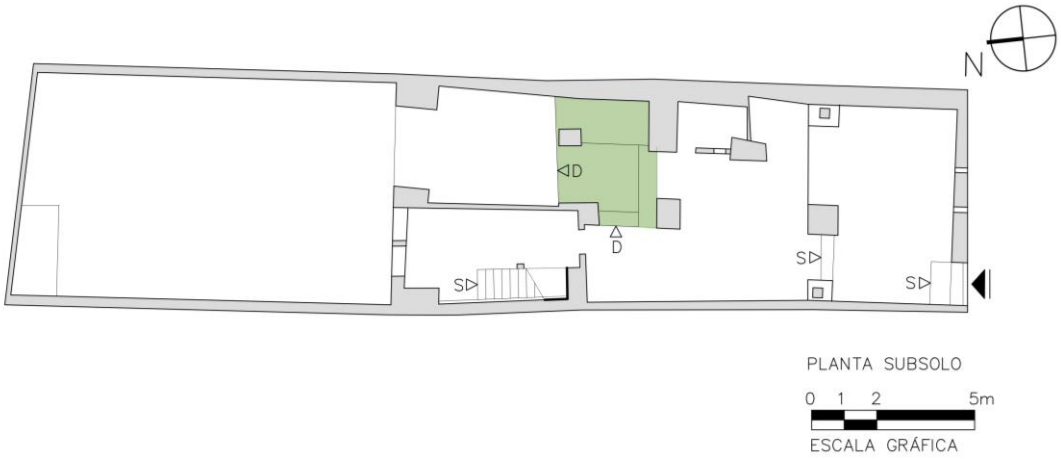


Fonte: Autora, 2026.

4.3.5.3 Átrio

Constitui um espaço central na edificação, destinado à iluminação e ventilação dos ambientes do museu, além de funcionar como área de transição no subsolo. Apresenta desnível de piso em relação aos ambientes adjacentes, sendo necessário vencê-lo por meio de degrau. O piso é composto por lajeado em quartzito, com características semelhantes ao restante do subsolo.

Desenho 18 - Mapa-chave Átrio



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

A estrutura é constituída por alvenaria de pedra argamassada aparente, enquanto a vedação dos pavimentos superiores é composta por estrutura de madeira formada por ripas dispostas horizontalmente, com acabamento em pintura na cor branca. O acesso ao ambiente ocorre por meio da Sala de Apoio e do subsolo.

Por não possuir cobertura, o átrio recebe incidência direta de radiação solar em determinados períodos do dia. Entretanto, devido à altura da edificação, a radiação solar não incide diretamente sobre o piso do ambiente. A iluminação e a ventilação são predominantemente naturais, provenientes do próprio átrio e do jardim adjacente, não havendo sistema de iluminação artificial.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes manifestações:

Barrotes:

- cavidades indicam ataque de inseto xilófago, sem evidências de atividade atual;
- manchas brancas indicam proliferação de fungo;
- fiação elétrica exposta, sem acondicionamento adequado;
- destacamento pontual da camada pictórica e indício de proliferação de fungo apodrecedor no barrote que contorna o átrio e sustenta o primeiro pavimento.

Beiral:

- perda pontual de material, destacando indício de fungo apodrecedor;
- oxidação e perda da camada pictórica do cano de descida de água pluvial

Paredes e vedação:

- colonização biológica principalmente na base das alvenarias de pedra;
- destacamento da camada pictórica;
- pontos de oxidação e perda de material na vedação em madeira;
- fissura e perda pontual da alvenaria.

Piso:

- proliferação de fungos e colonização biológica.

Esquadrias:

- embora o ambiente não possua esquadrias próprias, as esquadrias dos pavimentos superiores voltadas para o átrio apresentam suscetibilidade ao destacamento da camada pictórica, possivelmente em decorrência da exposição às intempéries. Destaca-se, ainda, a fixação de uma antena de internet no marco de uma das janelas.

Figura 216 – Vista a partir da porta de acesso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 217 – Barrote com indícios de ataque de inseto xilófago e proliferação de fungo



Fonte: Autora, 2026.

Figura 218 – Colonização biológica na alvenaria de pedra



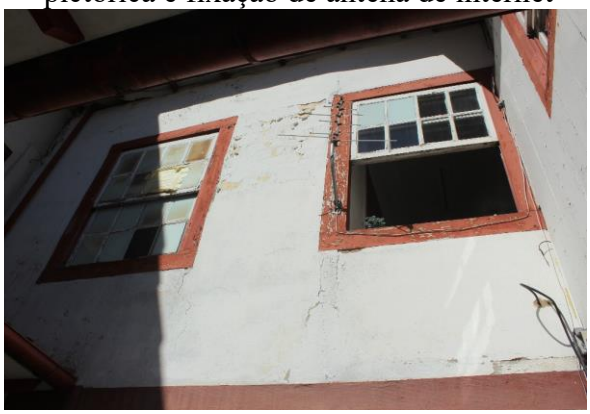
Fonte: Autora, 2026.

Figura 219 – Destacamento da camada pictórica e fiação elétrica exposta



Fonte: Autora, 2026.

Figura 220 – Destacamento da camada pictórica e fixação de antena de internet



Fonte: Autora, 2026.

Figura 221 – Indício de proliferação de fungo apodrecedor



Fonte: Autora, 2026.

Figura 222 – Fissura e perda pontual da alvenaria



Fonte: Autora, 2026.

Figura 223 – Fiação exposta, pontos de oxidação e perda pontual de material



Fonte: Autora, 2026.

Figura 224 – Perda de material, indício de fungo apodrecedor no beiral



Fonte: Autora, 2026.

Figura 225 – Oxidação e destacamento da camada pictórica

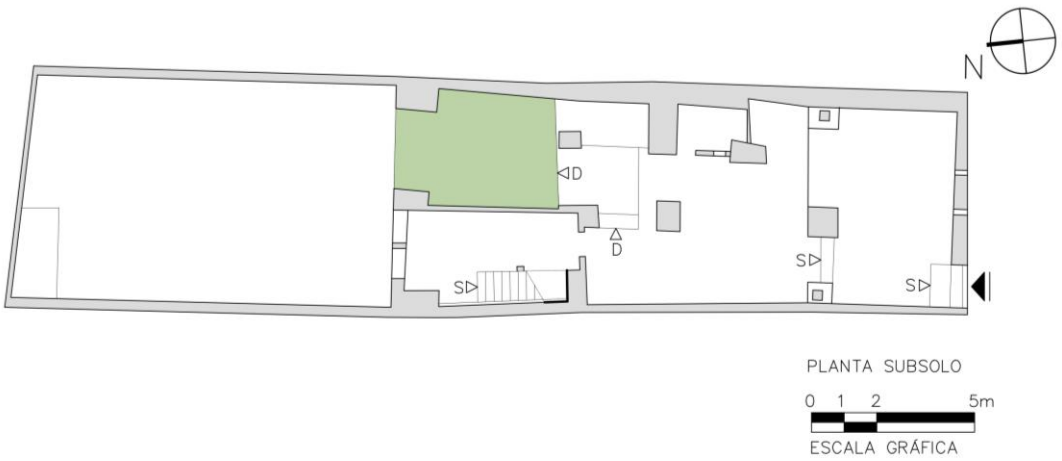


Fonte: Autora, 2026.

4.3.5.4 Ambiente de acesso ao Jardim

Esse espaço antecede o jardim, o acesso ocorre por meio do subsolo. Apresenta piso lajeado em quartzito, composto por placas de formato e dimensões irregulares, assemelhando-se, em alguns trechos, ao calçamento do tipo pé de moleque.

Desenho 19 - Mapa-chave ambiente de acesso ao Jardim



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

Não possui forro, permanecendo aparentes os barrotes do piso do pavimento superior. As vedações são constituídas por alvenaria de pedra argamassada aparente.

O ambiente dispõe de esquadria em gradil de madeira que permite a conexão com o jardim, composta por bandeira fixa superior e duas folhas móveis. O sistema de abertura é de giro, com dobradiças tipo pino em ferro sem pintura, e o sistema de travamento é composto por fecho para cadeado em aço inox.

Por estar voltado para a fachada norte da edificação, o ambiente recebe incidência direta de radiação solar ao longo de todo o período diurno. A iluminação e a ventilação são predominantemente naturais, provenientes do átrio e do jardim, sendo complementadas pela iluminação artificial fixada ao barrote.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes manifestações:

Barrotes:

- cavidades indicam ataque de inseto xilófago, sem evidências de atividade atual;
- manchas brancas indicam proliferação de fungo;
- tábuas com manchas possivelmente decorrentes de umidade.

Paredes e vedação:

- proliferação de fungos;
- colonização biológica;
- deformação pontual na porção superior da alvenaria;
- presença de tubulação de esgoto em PVC e de tubulação em ferro fundido, esta última aparentemente pertencente à configuração construtiva mais antiga do imóvel;
- presença de tubulação de água em PVC e torneira para alimentação da mangueira utilizada para limpeza.

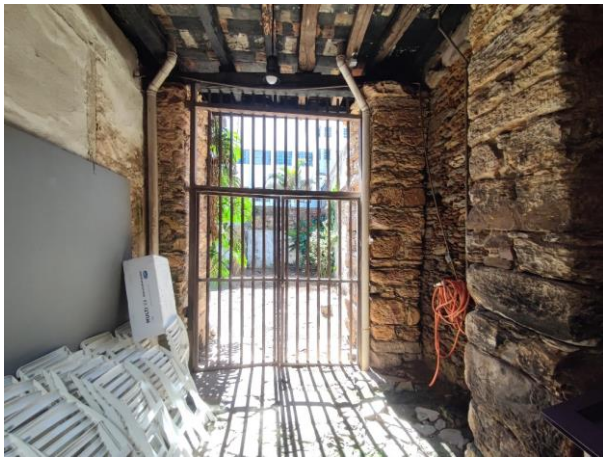
Piso:

- proliferação de colonização biológica;
- umidade acentuada na área próxima à torneira que alimenta a mangueira utilizada para limpeza.

Esquadria:

- sem camada de proteção, com fibras da madeira expostas às intempéries.

Figura 226 – Vista do ambiente a partir do átrio



Fonte: Autora, 2026.

Figura 227 – proliferação de fungos e colonização biológica



Fonte: Autora, 2026.

Figura 228 – Perfurações e galerias, indicando indícios de ataque de insetos xilófagos, e manchas esbranquiçadas, indicando possível proliferação de fungos



Fonte: Autora, 2026.

Figura 229 – Deformação na porção superior da alvenaria e colonização biológica



Fonte: Autora, 2026.

Figura 230 – Cano de ferro fundido e em pvc



Fonte: Autora, 2026.

4.3.5.5 Banheiro

Esse banheiro é destinado a uso dos visitantes. Apresenta piso cerâmico em formato quadrado com aparência que imita marmorizado com tonalidade clara, forro é do tipo saia-e-camisa com acabamento em pintura na cor branca. Duas das paredes são constituídas por alvenaria de pedra argamassada aparente, enquanto as demais apresentam acabamento em pintura na cor branca. Todas as paredes possuem revestimento cerâmico branco, de formato quadrado, aplicado em aproximadamente dois terços da altura.

Desenho 20 - Mapa-chave Banheiro



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

A porta de acesso possui verga reta, é confeccionada em madeira maciça, com folha única do tipo saia-e-camisa, acabamento em pintura na cor vermelha, sistema de abertura de giro, com dobradiças tipo pino em aço inox, e o sistema de travamento é composto por maçaneta tipo alavanca com espelho em aço inox, fechadura de embutir com lingueta acionada por chave fixa interna, e um trinco do tipo ferrolho em aço inox. Possui também uma janela fixa treliçada em madeira maciça, com acabamento em pintura na cor vermelha, destinada à ventilação permanente.

A iluminação é exclusivamente artificial, e a ventilação ocorre de forma natural, por meio das esquadrias.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes manifestações:

Forro:

- pontinhos com coloração amarelada em toda a extensão, possivelmente decorrentes da proliferação de fungos;

- fissura na junção das ripas.

Paredes e vedação:

- proliferação de fungos e colonização biológica principalmente na base das
- fissura e trinca vertical, com perda pontual da película protetora do revestimento cerâmico.

Piso:

- sem observações.

Esquadrias:

- Perda de parte da alavanca da maçaneta na face externa da esquadria, caracterizando dano mecânico;
- sistema de tranca realizado por meio de trinco tipo ferrolho, em razão da inoperância da lingueta.

Figura 231 – Vista do ambiente a partir da porta de acesso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 232 – Vista para as duas alvenarias com acabamento em pintura



Fonte: Autora, 2026.

Figura 233 – Fissura e trinca vertical com perda da película protetora da cerâmica



Fonte: Autora, 2026.

Figura 234 – Dano mecânico na maçaneta

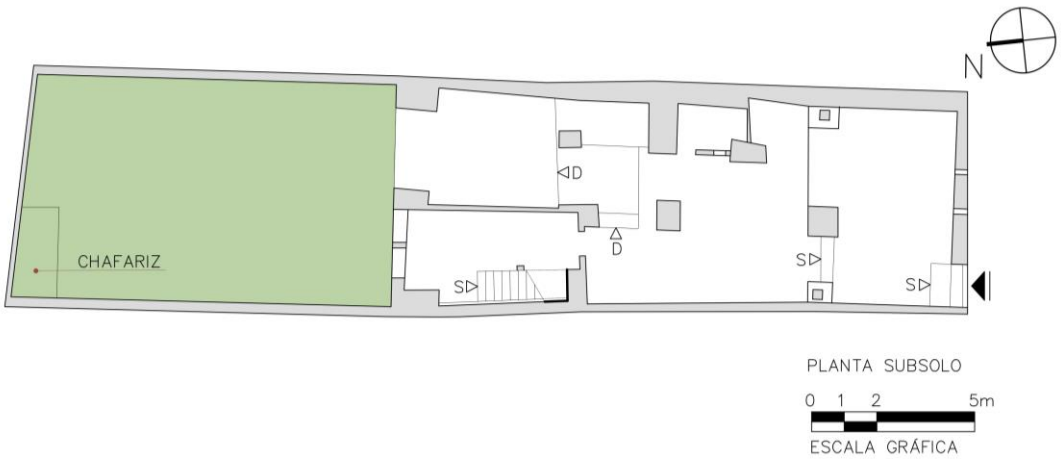


Fonte: Autora, 2026.

4.3.5.6 Jardim

O jardim exerce função museológica e contemplativa. O piso é composto por calçamento do tipo pé de moleque, formado por pedras de dimensões variadas, com maior concentração de peças de maiores dimensões próximas ao portão de acesso, além da presença de vegetação rasteira. Próximo à floreira dos fundos, observa-se no piso uma abertura sem identificação de origem, atualmente encoberta por pedra.

Desenho 21 - Mapa-chave Jardim



Fonte: Adaptado de UFMG (2001–2002). Elaboração da autora, com apoio gráfico de Catarina Evaristo, 2026.

Ao longo da extensão do muro de divisa lateral esquerda, correspondente ao Restaurante Escadabaixo e à Pousada Guignard, e em trecho perpendicular aos muros lateral direito, correspondente à Pousada Clássica Ouro Preto, e dos fundos, encontra-se floreira em pedra argamassada.

No muro de divisa dos fundos, situado na porção esquerda, localiza-se um chafariz em pedra sabão que se encontra desativado. De acordo com o Inventário do Centro Histórico de Ouro Preto (OURO PRETO, 2012), a bica e a estátua são atribuídas a Aleijadinho; entretanto, atualmente a estátua[1] encontra-se no Museu da Inconfidência. Complementando a composição do jardim, há ainda um menir fixado aproximadamente em sua porção central.

Figura 235 – Escultura Samaritana



Figura 236 – Montagem de como seria o chafariz com a escultura



Fonte: Século 30 Arquitetura e Restauro. Projeto de Readequação, v. 1, 2014. p. 57-58. Acervo do IPHAN Ouro Preto.

Os muros da lateral direita e dos fundos possuem menor altura em relação ao muro da lateral esquerda, sendo constituídos por alvenaria argamassada com acabamento em pintura na cor branca. Parte do muro lateral direito e dos fundos recebeu complemento superior em

[1] A estátua Samaritana havia sido vendida antes da aquisição do imóvel pelo IEPHA/MG e permaneceu em uma residência particular em Ouro Preto até meados de 1976. Posteriormente, seu paradeiro permaneceu desconhecido até 2013, quando a escultura foi localizada em uma residência em Belo Horizonte e apreendida pelo Ministério Público de Minas Gerais. Desde então, encontra-se sob guarda da reserva técnica do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto (OURO PRETO, 2012, p. 620, 623; SÉCULO 30, 2014, v. 1, p. 56-58).

pedra argamassada, nivelando sua altura com o muro lateral esquerdo. Foram identificados espelhos para espera de instalações elétricas nos muros de divisa das laterais direita e esquerda.

O ambiente não possui cobertura, e a iluminação e ventilação ocorrem exclusivamente de forma natural.

Durante a inspeção, foram observadas as seguintes manifestações:

Muros / vedação:

- Colonização biológica em toda extensão;
- presença de vegetação;
- pontos de erosão, principalmente no muro de divisa da lateral direita (lado da Pousada Clássica Ouro Preto);
- ausência de rufo sobre os muros de divisa, favorecendo a infiltração de água e, consequentemente, a ocorrência de umidade e proliferação biológica.

Piso:

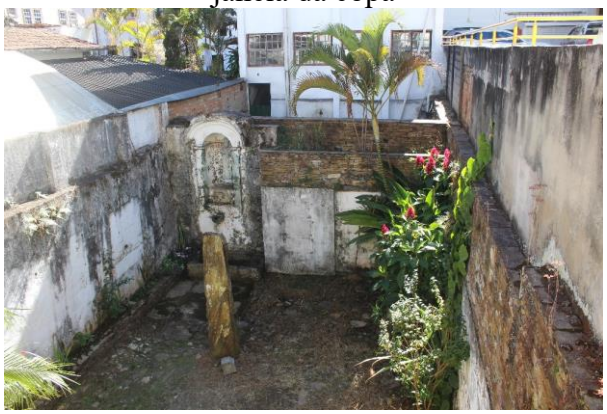
- pontos de colonização biológica, com maior extensão nas proximidades do chafariz, onde há menor incidência solar e dificuldade de escoamento das águas pluviais, em razão da presença de uma protuberância no entorno do ralo;
- presença de vegetação rasteira;
- abertura não identificada no piso, próximo a floreira situada aos fundos perpendicular ao muro de divisa da lateral direita (lado da Pousada Clássica Ouro Preto);
- deposição inadequada de objetos próximo a palmeira-fênix e a fachada posterior da edificação.

Chafariz:

- colonização biológica com aspecto alaranjado, rosado e escuro com ênfase no nicho;
- colonização biológica, pontos de líquens e vegetação fixada ao tanque;
- na peanha, pontos de erosão resultando na perda de detalhes principalmente no rosto do querubim e letra “a” da frase, fissura próximo a bica, manchas escuras indicando colonização biológica e oxidação da bica;

- na pia, presença de pátina biológica, manchas possivelmente decorrentes da remoção de líquens e fixação de vegetação.

Figura 237 – Vista do ambiente a partir da janela da copa



Fonte: Autora, 2026.

Figura 238 – Vista do ambiente a partir dos fundos do lote



Fonte: Autora, 2026.

Figura 239 – Erosão e fixação de vegetação



Fonte: Autora, 2026.

Figura 240 – Deposição inadequada de objetos



Fonte: Autora, 2026.

Figura 241 – Chafariz localizado junto ao muro de divisa posterior



Fonte: Autora, 2026.

Figura 242 – Abertura não identificada no piso



Fonte: Autora, 2026.

Figura 243 – Colonização biológica próximo ao chafariz



Fonte: Autora, 2026.

Figura 244 – Colonização biológica com aspecto alaranjado



Fonte: Autora, 2026.

5 PROPOSTA DE PLANO DE CONSERVAÇÃO

A partir do diagnóstico do estado de conservação da edificação e da identificação de diferentes agentes que podem comprometer a conservação da edificação e dos bens nela abrigados, destaca-se a umidade elevada e a entrada de água da chuva decorrente de falhas na vedação da cobertura. Essas condições favorecem a ocorrência de processos de deterioração e o desenvolvimento de agentes biológicos. Também foram observadas situações relacionadas à vegetação, destacando-se danos mecânicos e o favorecimento de umidade localizada. As forças físicas, por sua vez, relacionam-se às deformações identificadas em elementos construtivos.

No que se refere aos riscos de incêndio, foram identificadas instalações elétricas inadequadas e fiações sem proteção, que podem favorecer a ocorrência de curtos-circuitos e incêndios, constituindo um fator de risco à edificação e aos bens nela abrigados.

Diante os principais agentes e mecanismos de deterioração atuantes no Museu Casa Guignard, este capítulo apresenta a proposta deste trabalho: o Plano de Conservação. Esse Plano tem como objetivo estabelecer medidas que contribuam para a conservação dos elementos construtivos por meio de ações de rotina, com ênfase na limpeza e na inspeção periódica. Essas ações visam identificar, com antecedência, situações que possam favorecer processos de deterioração, os quais podem estar relacionados tanto à realização inadequada da limpeza e à ausência de cuidados regulares quanto à falta de monitoramento e inspeção dos elementos construtivos.

Atualmente, as atividades de limpeza do Museu são realizadas por uma funcionária responsável por essa rotina. A limpeza dos pisos de madeira ocorre uma vez por semana e consiste em varrer a superfície, passar pano úmido, aplicar cera e, por fim, utilizar a enceradeira. No subsolo, os pisos são varridos de segunda a sexta-feira e lavados com mangueira uma vez por semana. Os banheiros, por sua vez, são limpos diariamente. Nos ambientes com piso de madeira, utiliza-se pano úmido, enquanto os pisos cerâmicos são lavados com água.

De acordo com o coordenador do museu, a manutenção do jardim é realizada por um funcionário contratado, responsável pela poda do gramado e das plantas das floreiras, sempre que julgado necessário.

As práticas atualmente adotadas foram consideradas na elaboração do Plano, buscando adequá-las e complementá-las a partir das necessidades identificadas no diagnóstico da edificação.

Para sistematizar as ações propostas, o Plano foi organizado em uma tabela dividida em dois conjuntos principais: Edifício e Jardim. No conjunto Edifício, foram relacionados os diferentes elementos construtivos, como cobertura, vedações, pisos, forros e barrotes, vãos e

esquadrias, acompanhados dos respectivos procedimentos de conservação e da periodicidade indicada para sua realização.

Para o conjunto Jardim, foram considerados elementos como os muros, o piso e o chafariz, igualmente acompanhados dos procedimentos de conservação e das respectivas periodicidades.

Essa organização permite visualizar de forma integrada as ações necessárias e estabelecer uma rotina de inspeção e manutenção, contribuindo para que a conservação seja desenvolvida de maneira cíclica e contínua.

Considerando a extensão e o caráter técnico do Plano, foram desenvolvidas fichas com o objetivo de facilitar sua implementação e auxiliar os funcionários nas atividades do cotidiano. As fichas, apresentadas como apêndice deste trabalho, foram concebidas como instrumento de consulta direta e rápida, reunindo as principais orientações necessárias à execução e ao acompanhamento das ações. Quando as informações apresentadas nas fichas não forem suficientes para esclarecer determinado procedimento ou situação, o Plano deverá ser consultado como material de referência, por apresentar as orientações de forma mais detalhada.

As fichas foram organizadas de acordo com a frequência de realização das ações, distribuídas em períodos de dias, semanas, meses e anos. Para tornar a consulta mais intuitiva, também foi adotado um sistema de identificação por cores, conforme o tipo de ação: azul, para as atividades de inspeção; verde, para os procedimentos que podem ser executados pelos funcionários; e vermelho, para as situações que exigem atenção durante a execução ou a avaliação de profissional habilitado. Essa diferenciação busca orientar a aplicação dos procedimentos e estabelecer os limites de atuação da equipe do Museu.

5.1 Ações emergenciais

As ações emergenciais correspondem às medidas que devem ser priorizadas diante da identificação de situações que possam representar risco à edificação, bens integrados e a segurança dos visitantes e trabalhadores. Essas ações devem serem executadas por um profissional com capacidade técnica.

Na sequência, são apresentadas as situações identificadas durante o diagnóstico e as respectivas medidas recomendadas:

SITUAÇÃO IDENTIFICADA	RISCO	AÇÃO RECOMENDADA
Caixa d’água instalada sobre o forro	Possibilidade de vazamento, infiltração e sobrecarga	Retirar a caixa d’água instalada sobre o forro e avaliar a possibilidade de seu

		reposicionamento no jardim, em local tecnicamente adequado, considerando acesso para manutenção
Fiação elétrica exposta, conectores e réguas de extensão	Sobrecarga e inadequação da instalação elétrica, com possibilidade de aquecimento, curto-circuito e acidentes, colocando em risco a edificação, acervo e pessoas	Realizar revisão de toda a instalação elétrica da edificação e adequar as fiações soltas por meio da instalação de eletrodutos de aço galvanizado, garantindo sua condução e proteção. Substituir as tomadas existentes e acrescentar novos pontos, a fim de eliminar o uso de conectores e reduzir a necessidade de réguas de extensão.
Vegetação fixada na estrutura da edificação (costela de adão)	Retenção de umidade, favorecimento de colonização biológica e impacto estrutural da edificação	Realizar a remoção da vegetação com auxílio de biocida para retirada das raízes fixadas na estrutura da edificação
Cobertura com telhas quebradas e deslocadas	Entrada de água pluvial, favorecendo infiltrações, umidade e deterioração dos elementos da cobertura e dos ambientes internos	Substituir as telhas quebradas, reposicionando e fixando adequadamente as telhas deslocadas
Destacamento do reboco da fachada frontal, próximo à divisa com o Restaurante Escadabaixo	Exposição do substrato às intempéries, favorecendo a entrada de água e o agravamento da deterioração	Avaliar a extensão e as causas do destacamento e realizar o tratamento adequado do revestimento, com recomposição das áreas comprometidas
Deformação na parede da fachada frontal a baixo da sacada e na Sala de Fotografias	Possível comprometimento do elemento construtivo e risco de agravamento da deformação	Identificar as causas e a extensão da deformação, acompanhando sua evolução e definindo medidas de intervenção, quando necessárias
Pontos de perda de material no cunhal da fachada frontal, próximo à divisa com o Restaurante Escadabaixo	Comprometimento estrutural	Avaliar a extensão da perda de material e realizar a recomposição ou substituição do cunhal se necessário
Vestígio de excrementos de cupim na bandeira da abertura de passagem para a Sala de Fotografia, em frente a Sala de Vídeo	Deterioração do elemento de madeira e risco de propagação do inseto xilófago na edificação	Providenciar tratamento adequado e realizar a recomposição da madeira
Vazamento no sifão da cozinha	Possibilidade de danos aos elementos construtivos próximos e favorecimento da proliferação de agentes biológicos	Corrigir o vazamento
Deposição inadequada de objetos no jardim	Favorece o acúmulo de umidade, proliferação de agentes biológicos e animais roedores	Realizar o descarte correto dos materiais/objetos
Ausência de rufo nos muros de divisa do Jardim	Maior exposição dos muros à ação da água da chuva, favorecendo infiltrações	Avaliar a possibilidade da instalação de rufos
Destacamento e/ou ausência de pintura das fachadas e esquadrias externas	Exposição dos materiais às intempéries, favorecendo a absorção de água e o avanço de processos de deterioração	Avaliar as condições dos revestimentos e das esquadrias e realizar os serviços de conservação e pintura necessários, utilizando materiais e técnicas compatíveis com os existentes

5.2 Edifício

	PERIODICIDADE	PROCEDIMENTO
COBERTURA		
Ventilação	A cada 7 dias	Mantenha aberta a esquadria de acesso a estrutura interna da cobertura para favorecer a circulação de ar e reduzir as condições propícias à proliferação de fungos e outros microrganismos. Sugestão: mantenha a esquadria aberta às segundas-feiras, quando o museu não recebe visitantes, e se possível, diariamente após as 18h até a manhã seguinte.
Telhas	A cada 6 meses, especialmente antes do período de chuvas (agosto)	• Retire as folhas e materiais acumulados nas calhas e entre as telhas; • Certifique-se que todos os dutos se encontram desentupidos: jogue um balde de água pelo tubo de descida, para ver se está realmente livre. Nesse momento também é possível confirmar se as decidas de água estão com algum furo; • Retire as plantas crescendo sobre as telhas ou enraizadas nas calhas ou nas peças do telhado; • Substitua as telhas quebradas, realoque as telhas que deslizaram e confirme se ainda estão amarradas; • Observe se ocorre estagnação de água entre as telhas.
Calhas e condutores	A cada 6 meses, especialmente antes do período de chuvas (agosto)	• Certifique-se que todos os dutos se encontram desentupidos: jogue um balde de água pelo tubo de descida, para ver se está realmente livre. Nesse momento também é possível confirmar se as decidas de água estão com algum furo; • Retire as plantas crescendo ou enraizadas nas calhas; • Observe se ocorre estagnação de água próxima às calhas. • Verifique também se as calhas e os condutores de águas pluviais estão devidamente fixados, observando a presença de peças soltas, deslocadas ou com fixações comprometidas.
Reservatório de água	A cada 12 meses	Lave os reservatórios (caixa d'água) com sabão neutro e verifique vazamentos, vedações e a torneira da boia. Após a lavagem diluir na água hipoclorito de sódio na proporção de 1 litro para cada 1.000 litros de água. Tenha cuidado para não molhar a estrutura do telhado, pois a umidade abre possibilidade para o desenvolvimento de fungos.
Proteção do madeiramento	A cada 5 anos	Renovar camada de proteção do madeiramento com verniz
	A cada 6 meses	Reaplicar imunizante
Inspeção geral do madeiramento	A cada 6 meses	Faça inspeção visual no madeiramento • Ataque de inseto xilófago: percorra a estrutura interna da cobertura, verificando se existem galerias de cupim, excrementos, pó branco, perfurações circulares, presença de asas ou insetos mortos sobre as estruturas de madeira ou próximo; • Colonização biológica e umidade: verifique se as estruturas de madeira apresentam alteração na cor e crescimento de fungos (mofo, bolor ou cogumelos). Dê atenção especial às peças embutidas nas alvenarias ou em contato com ela, pois estão mais suscetíveis à umidade e por consequência, crescimento biológicos; • Encaixes e ligações entre peças: verifique as peças do telhado para ver se todos os encaixes estão intactos, e se tem alguma estrutura arqueada ou deformada. Caso encontre alguma inconsistência, marque com um profissional habilitado para avaliar a situação da estrutura. • Em caso de alterações, consulte o item 5.3.1.
PAREDES INTERNAS		

Superfícies com pintura	A cada mês	A remoção pontual de sujidades decorrentes do uso cotidiano pode ser realizada com esponja macia levemente umedecida em água e sabão neutro. Em seguida, remova os resíduos de sabão utilizando a esponja umedecida apenas com água e seque a área com um pano limpo e seco. No caso de paredes revestidas com argamassa e pintura, a limpeza com uso de água deve ser realizada apenas pontualmente e quando estritamente necessária, uma vez que esse tipo de superfície pode apresentar secagem mais lenta, favorecendo a permanência de umidade e, consequentemente, criando condições propícias à proliferação de fungos. Quando a limpeza for necessária, recomenda-se, após o procedimento, auxiliar a secagem da área utilizando aquecedor de ar associado a ventilador, de modo a acelerar a evaporação da umidade e reduzir as condições favoráveis ao desenvolvimento de fungos.
Pedra	A cada mês	As paredes com revestimento em pedra estão concentradas no subsolo. Dessa forma, opta-se por evitar limpeza com água, visto que o subsolo é uma área bastante úmida. Se necessário, retire a poeira com auxílio de um espanador.
Cerâmica	A cada mês	É suficiente o uso de uma esponja macia embebida em água e sabão neutro. Caso os rejuntes apresentem proliferação de fungo, pode realizar a remoção com água sanitária – consulte o item 5.3.3.
Pintura decorada (janela de prospecção)	A cada mês	Passe apenas um pincel de cerdas macias para retirar a poeira superficial. Em caso de manchas procure um profissional conservador-restaurador para não danificar a pintura.
Inspeção geral	A cada 6 meses	Faça inspeção visual nas paredes • Verifique se as paredes pintadas apresentam destacamento da tinta (camada pictórica), com aspecto escamado, soltando em placas; • Se o reboco apresenta-se destacando em placa ou estufado; • Se há presença de fissuras e rachaduras; • Se há sinais de umidade e infiltração. • Veja se as paredes de madeira ou fórmica (localizadas no Átrio e Copa) apresentam ataque por inseto xilófago ou ponto de umidade • Em caso de alterações, consulte o item 5.3.2.
Camada de proteção	A cada 3 anos	Reaplique a pintura das paredes para manter um bom estado de conservação. Obs.: o profissional deve preparar a superfície para receber a nova pintura.
PAREDES EXTERNAS (FACHADAS)		
Inspeção geral	A cada 6 meses, especialmente antes do período de chuvas (agosto)	Faça inspeção visual nas paredes • Destacamento da pintura: verifique se a camada de pintura apresenta escamação, desprendimento ou soltura em placas; • Destacamento ou estufamento do reboco: observe se existem áreas com perda de aderência, desprendimento em placas ou formação de estufamentos; • Trincas, fissuras ou perdas de material: verifique a presença dessas manifestações em toda a superfície da parede, observando sua localização e extensão; • Manchas e alterações de coloração: observe o aparecimento de manchas, especialmente manchas escuras, verificando se podem estar relacionadas à presença de umidade; • Sinais de umidade e infiltração: verifique a presença de áreas úmidas, manchas, marcas de escorrimento ou outras alterações que possam indicar entrada ou permanência de água; • Colonização biológica: observe a presença de alterações de cor, manchas, crescimento superficial, mofo ou odor característico

		que possam indicar condições favoráveis ao desenvolvimento de fungos ou outros agentes biológicos. • Em caso de alterações, consulte o item 5.3.2.
Camada de proteção	A cada 2 anos	Devido à ação das intempéries as paredes externas devem ser verificadas quanto a fissuras superficiais e repintadas. Obs.: o profissional deve preparar a superfície para receber a nova pintura.
PISOS		
Pedra	A cada 2 vezes na semana	Realize a limpeza preferencialmente a seco, utilizando vassoura de cerdas macias. Evite o uso de água: os pisos em pedra concentram-se no subsolo, ambiente que apresenta condições de umidade elevada. Como os materiais pétreos podem absorver e reter água em seus poros, o uso frequente ou excessivo de água durante a limpeza pode favorecer o aparecimento ou agravamento de manifestações de deterioração. Se o uso de água for indispensável: utilize a menor quantidade possível e realize a limpeza preferencialmente em dias mais quentes e secos, favorecendo a secagem da superfície.
Cerâmico	A cada 7 dias	Como os pisos cerâmicos estão localizados apenas nos banheiros, ambientes que possuem ralos para o escoamento da água, a limpeza pode ser realizada com vassoura, água e sabão neutro. Deve-se, entretanto, evitar o uso excessivo de água, impedindo que ela escoe por baixo das portas e atinja os ambientes adjacentes com pisos de madeira ou pedra. Durante a limpeza, deve-se também evitar o contato da água com as portas, marcos e demais elementos de madeira, prevenindo a absorção de umidade e possíveis danos ao material. Caso os rejuntes apresentem proliferação de fungo, pode realizar a remoção com água sanitária - consulte o item 5.3.3.
	A cada dia	Devido ao fluxo de visitantes e considerando a rotina de limpeza já adotada, recomenda-se realizar a limpeza diária apenas com pano úmido, utilizando água e sabão neutro. Para a desinfecção, utilizar uma solução de 50 ml de água sanitária para 1L de água, aplicando-a sobre o piso com auxílio de um pano umedecido na solução (Conselho Federal de Química, 2020, p. 11).
Tabuado (madeira)	A cada 2 vezes na semana	Com uma vassoura de cerdas macias, varra a superfície retirando a poeira. E finalize com um pano úmido (não enxarcado) e seque com outro pano logo em seguida.
	A cada 7 dias	Após a limpeza informado à cima, aplique o polidor (cera) à base de água. Não use polidor sintético ou outros produtos impermeáveis que impeçam a respiração da madeira.
	A cada 6 meses	Inspecionar: manchas de umidade, fungo, inseto xilófago
	A cada 2 anos	Realize a proteção da madeira com imunizante (contrate empresa especializada)
Inspeção geral	A cada 6 meses	Faça inspeção visual nos pisos • Trincas, fissuras, quebras ou perdas de material: verifique a presença dessas manifestações em toda a superfície, com atenção especial às quinas e bordas dos degraus, onde há maior possibilidade de ocorrência de danos mecânicos; • Manchas escuras: observe o aparecimento de manchas ou alterações de coloração em trechos do piso, verificando se podem estar associadas à presença de umidade; • Rejuntamentos: verifique se os rejuntamentos entre as peças estão íntegros, principalmente nos pisos cerâmicos e pétreos; • Peças soltas: observe se existem peças ou elementos do piso soltos. Durante o caminhamento, atente-se para movimentações, deslocamentos ou sons que possam indicar perda de aderência;

		• Sinais de umidade e infiltração: verifique a presença de áreas úmidas, manchas ou outras alterações que possam indicar contato recorrente com água; • Colonização biológica: observe alterações de cor, manchas, crescimento superficial, presença de mofo ou odor característico que possam indicar condições favoráveis ao desenvolvimento de fungos. • Em caso de alterações, consulte o item 5.3.1.
FORROS E BARROTES		
Saia-e-camisa (madeira)	Quando necessário	Quando houver manchas escuras e/ou amareladas, indica proliferação de fungos. Neste caso, a remoção pode ser executada com o uso de uma esponja ou pano macio embebida em água e sabão neutro. Tire o excesso do sabão com pano úmido por água e seque com outro pano.
Barrote - madeiramento do "teto" do subsolo	A cada mês	Com auxílio de uma vassoura de cerda macia, retire teias de aranha.
Proteção do madeiramento	A cada 2 anos	Recomenda-se repintar os forros e realize a proteção dos forros e barrotes com imunizante (contrate empresa especializada). Obs.: o profissional deve preparar a superfície para receber a nova pintura.
	A cada 5 anos	Recomenda-se envernizamento dos barrotes
Inspeção geral	A cada 6 meses	Faça inspeção visual no madeiramento • Ataque de inseto xilófago: percorra a estrutura interna da cobertura, verificando se existem galerias de cupim, excrementos, pó branco, perfurações circulares, presença de asas ou insetos mortos sobre as estruturas de madeira ou próximo; • Colonização biológica: verifique se as estruturas de madeira apresentam alteração na cor e crescimento de fungos (mofo, bolor ou cogumelos). Dê atenção especial às peças embutidas nas alvenarias ou em contato com ela, pois estão mais suscetíveis à umidade e por consequência, crescimento biológicos; • Sinais de umidade e infiltração: verifique a presença de áreas úmidas, manchas, destacamento da pintura (soltando em placas), se a pintura apresenta bolhas, outras alterações que possam indicar contato com água; • Arqueamento de peças: observe se há irregularidades no nivelamento. • Em caso de alterações, consulte o item 5.3.1.
VÃOS E ESQUADRIAS		
Estrutura de madeira	A cada 2 semanas	Com o auxílio de um aspirador de pó ou pano macio e seco, retire a poeira da superfície. Em seguida, passe um pano levemente umedecido, nunca encharcado, com água e sabão ou detergente neutro. Logo após, passe um pano seco para remover a umidade residual.
Vidros	A cada 2 semanas	Limpe com pano macio e úmido com água e sabão neutro ou produto específico para limpeza de vidro.
Ferragens	A cada 2 semanas	Limpe com um pano seco e periodicamente e quando julgar necessário, lubrificar com grafite as dobradiças e fechaduras.
Proteção do madeiramento	A cada 2 anos	Recomenda-se repintar e reaplicar imunizante. A pintura deve ser realizada principalmente na face externa das esquadrias, devido à ação das intempéries. Obs.: o profissional deve preparar a superfície para receber a nova pintura.
Inspeção geral	A cada 6 meses	Faça inspeção visual nas esquadrias

		• Ataque de inseto xilófago: percorra a estrutura interna da cobertura, verificando se existem galerias de cupim, excrementos, pó branco, perfurações circulares, presença de asas ou insetos mortos sobre as estruturas de madeira ou próximo; • Colonização biológica: verifique se as estruturas de madeira apresentam alteração na cor e crescimento de fungos (mofo, bolor ou cogumelos). Dê atenção especial às peças embutidas nas alvenarias ou em contato com ela, pois estão mais suscetíveis à umidade e por consequência, crescimento biológicos; • Sinais de umidade e infiltração: verifique a presença de áreas úmidas, manchas, destacamento da pintura (soltando em placas), se a pintura apresenta bolhas, outras alterações que possam indicar contato com água. Dê atenção ao peitoril, parte inferior da janela, pois é comum a infiltração de água da chuva nessa região. • Peças soltas ou empenadas: observe se existem peças ou elementos soltos ou que não estejam executando bem sua função; • Ferragens: verifique se as ferragens estão completas e apresentam oxidação; • Em caso de alterações na madeira, consulte o item 5.3.1.

5.3 Jardim

	PERIODICIDADE	**PROCEDIMENTO**
MUROS		
Inspeção geral	A cada 6 meses, especialmente antes do período de chuvas (agosto)	Faça inspeção visual nas paredes • Destacamento da pintura: verifique se a camada de pintura apresenta escamação, desprendimento ou soltura em placas; • Destacamento ou estufamento do reboco: observe se existem áreas com perda de aderência, desprendimento em placas ou formação de estufamentos; • Trincas, fissuras ou perdas de material: verifique a presença dessas manifestações em toda a superfície da parede, observando sua localização e extensão – consulte o item 5.3.2; • Manchas e alterações de coloração: observe o aparecimento de manchas, especialmente manchas escuras, verificando se podem estar relacionadas à presença de umidade; • Sinais de umidade e infiltração: verifique a presença de áreas úmidas, manchas, marcas de escorrimento ou outras alterações que possam indicar entrada ou permanência de água; • Colonização biológica: observe a presença de alterações de cor, manchas, crescimento superficial, mofo ou odor característico que possam indicar condições favoráveis ao desenvolvimento de fungos ou outros agentes biológicos.
Vegetação	A cada 2 semanas	Remova cuidadosamente a vegetação de pequeno porte. Vegetações enraizadas, de maior porte devem ser avaliadas e retirada por um profissional capacitado, visto que a remoção pode provocar danos estruturais
Camada de proteção	A cada 2 anos	Devido à ação das intempéries, a repintura deve ser realizada. Obs.: o profissional deve preparar a superfície para receber a nova pintura.
PISO		
Folhas e materiais entulhados	A cada 7 dias	Remova as folhas e outros materiais acumulados. Evite deixar materiais de construção, entulhos ou objetos dispersos, pois podem servir de abrigo e favorecer a presença e reprodução de roedores,

		insetos e outros animais de pequeno porte. Além disso, os materiais podem acumular água da chuva favorecendo à proliferação do mosquito transmissor da dengue.
Vegetação	A cada mês	Realize a poda do gramado; Sempre que as floreiras e palmeira começar a interferir provocando sombreamento principalmente na edificação, deve ser podada. Não deve haver vegetação arbustiva colada à edificação.
CHAFARIZ		
Vegetação	A cada 2 semanas	Remova cuidadosamente a vegetação de pequeno porte. Vegetações enraizadas, de maior porte devem ser avaliadas e retirada por um profissional capacitado, visto que a remoção pode provocar danos.
Camada de proteção	A cada 2 anos	Devido à ação das intempéries, a estrutura do arco em argamassa e pintura deve a repintada. Obs.: o profissional deve preparar a superfície para receber a nova pintura.
Colonização biológica	A cada 2 anos	Recomenda-se que a limpeza seja precedida de avaliação por profissional conservador-restaurador, a fim de definir os procedimentos adequados para a remoção dos agentes de deterioração, especialmente nas superfícies de cantaria.

5.4 Orientações complementares

A seguir, são apresentadas orientações sobre os procedimentos a serem adotados quando forem identificadas alterações durante as inspeções previstas no Plano de Conservação.

5.4.1 Elementos de madeira

- Em caso de indícios de ataque por insetos xilófagos:

Com auxílio de um estilete, verifique cuidadosamente se a madeira permanece firme e sólida. Quando possível, abra as galerias e verifique a presença de cupins ou brocas vivas. Caso sejam identificados insetos ativos ou comprometimento da madeira, solicite imediatamente a avaliação de profissional habilitado para definir o tratamento adequado e, quando necessário, a substituição da peça.

- Em caso de manchas de umidade ou proliferação de fungos:

A presença de fungos na madeira pode estar associada à umidade. Portanto, ao identificar manchas de umidade ou proliferação de fungos, procure inicialmente identificar e solucionar a possível fonte de umidade.

Após a solução da causa, verifique cuidadosamente, com auxílio de um estilete, se a área afetada permanece firme e sólida. Caso a madeira apresente amolecimento ou perda aparente de resistência, solicite avaliação de profissional habilitado para verificar o estado de conservação da peça e a necessidade de intervenção.

Quando houver proliferação de fungos, mesmo que a madeira permaneça firme, recomenda-se que a limpeza e o tratamento sejam realizados por profissional capacitado, que deverá definir o procedimento e os produtos adequados ao estado de conservação da peça.

5.4.2 Fissuras e trincas em vedações e muros

Ao identificar fissuras ou trincas, registre a manifestação na Ficha de Monitoramento (disponível no apêndice deste trabalho), indicando sua localização, data de identificação e aspecto. Realize o registro fotográfico e, quando possível, meça sua abertura. O acompanhamento deve ser realizado semanalmente, observando possíveis alterações na abertura, extensão ou aspecto da manifestação.

Caso seja constatado aumento progressivo, surgimento de novas fissuras ou trincas ou qualquer outra alteração significativa, solicite avaliação de profissional habilitado para identificar as possíveis causas e a necessidade de intervenção.

5.4.3 Remoção de agentes biológicos

- Superfície em argamassa e pintura:

Após identificar e solucionar a fonte de umidade, realize a limpeza da superfície com uma solução composta por 1 parte de água sanitária para 9 partes de água, aplicada com auxílio de esponja macia. Em seguida, lave a superfície com água limpa e aguarde sua secagem completa. Após a secagem, solicite que um profissional realize a aplicação de fungicida antes de refazer o acabamento e a pintura da superfície (KLÜPPEL; SANTANA, s.d., p. 156). Para acelerar a secagem e reduzir as condições favoráveis à proliferação de agentes biológicos, podem ser adotadas as orientações apresentadas no tópico 5.3.4.

- Rejunte de cerâmica:

Realize a limpeza da superfície com uma solução composta por 1 parte de água sanitária para 9 partes de água, aplicada com auxílio de esponja macia. Em seguida, lave a superfície com água limpa e aguarde sua secagem completa.

5.4.4 Secagem de superfícies de argamassa

Após identificar e solucionar a fonte da umidade, promova a secagem adequada da região afetada. Quando necessário, posicione um aquecedor de ar próximo à superfície. O uso associado de ventilador pode favorecer a circulação do ar e acelerar a secagem.

6 REFLEXÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Conclui-se que a conservação não se restringe à intervenção sobre danos já existentes, mas compreende um conjunto de ações voltadas à permanência do bem e de seus valores ao longo do tempo, envolvendo o conhecimento do bem, o acompanhamento de suas condições e a adoção de cuidados contínuos. No contexto museológico, essa compreensão adquire ainda outra dimensão, uma vez que a edificação, além de constituir um bem a ser preservado, integra o sistema de proteção do acervo que abriga, funcionando como uma das camadas de seu envoltório de proteção, conforme discutido por Gonçalves et al. (2020, p. 5), com base na metodologia de gerenciamento de riscos do ICCROM (2017). Dessa forma, as condições de conservação do edifício podem interferir diretamente nas condições ambientais internas e, consequentemente, na preservação do acervo.

A partir desse entendimento, o diagnóstico realizado no Museu Casa Guignard permitiu identificar manifestações de deterioração em diferentes elementos construtivos e compreender possíveis fatores associados à sua ocorrência, evidenciando a importância do acompanhamento contínuo das condições da edificação.

Nesse sentido, o Plano de Conservação desenvolvido busca contribuir para esse acompanhamento, sistematizando práticas que já fazem parte da rotina do Museu e incorporando novos cuidados a partir das necessidades identificadas no diagnóstico. No entanto, sua efetividade depende da participação das pessoas envolvidas na rotina cotidiana da instituição e da incorporação das ações propostas às atividades diárias. Além disso, o Plano não deve ser entendido como um documento definitivo, mas como um instrumento contínuo, que deve ser revisto e atualizado de acordo com as mudanças na edificação, em seu uso e nas condições às quais está submetida.

Destaca-se também que o diagnóstico do estado de conservação da edificação constitui um registro de suas características construtivas, materiais e condições de conservação no período analisado. Essas informações poderão servir como referência para monitoramentos futuros, auxiliando na identificação de novos danos, no agravamento daqueles já existentes e em possíveis descaracterizações.

As limitações encontradas durante o desenvolvimento da pesquisa também apontam possibilidades para estudos e ações futuras. Entre elas, destaca-se a necessidade de aprofundar a avaliação da relação entre o Museu e os imóveis vizinhos, especialmente aqueles confrontantes, considerando que suas condições de conservação podem interferir diretamente na edificação estudada. Embora tenham sido realizados contatos com os estabelecimentos

vizinhos, não foi possível dar continuidade a essa análise em razão do prazo para conclusão deste trabalho. Dessa forma, recomenda-se que essa investigação seja retomada futuramente.

Também se considera pertinente a realização de investigações complementares que auxiliem na identificação da origem e da extensão de determinadas manifestações observadas, especialmente aquelas relacionadas à presença de umidade. Nesse contexto, o emprego de recursos como a câmera termográfica pode contribuir para ampliar a compreensão das condições da edificação por meio de uma análise não invasiva. Da mesma forma, recomenda-se a continuidade do monitoramento da temperatura e da umidade relativa por meio de termo-higrômetro, sendo ideal, futuramente, a implantação de um datalogger, por possibilitar o registro contínuo dos dados e, consequentemente, uma compreensão mais precisa das variações ambientais internas ao longo do dia.

Espera-se, dessa forma, que este trabalho contribua para a conservação do Museu Casa Guignard e para o fortalecimento de uma abordagem preventiva, na qual conhecer o bem, acompanhar suas condições e agir de forma antecipada sejam compreendidos como partes fundamentais do processo de preservação do patrimônio edificado e, consequentemente, do acervo por ele protegido

REFERÊNCIAS

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Ficha de Cadastro e Lançamento Predial e Territorial Urbano** (1974). Registro n.º 01183. Ouro Preto, 1974.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Ficha de Cadastro e Lançamento Predial e Territorial Urbano** (2ª via). Registro n.º 1183. Ouro Preto, [s. d.].

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Livro de lançamento de dívida ativa de foros (1830-1888) – Freguesia de Ouro Preto**. Registro n.º 0781. Ouro Preto, [1830-1888].

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Livro de recebimento de foro (1887)**. Registro n.º 292. Ouro Preto, 1887.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Livro de registro de foros (1912-1937)**. Registro n.º 01135. Ouro Preto, [1912-1937].

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Livro de tombo de terrenos (1892)**. Registro n.º 0945. Ouro Preto, 1892.

AUSTRALIA ICOMOS. **Burra Charter archival documents**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: https://australia.icomos.org/publications/burra-charter-practice-notes/burra-charter-archival-documents/. Acesso em: 3 ago. 2026.

AUSTRALIA ICOMOS. **The Burra Charter: the Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance**. Burwood, VIC: Australia ICOMOS, 2013. Disponível em: https://australia.icomos.org/publications/burra-charter-practice-notes/. Acesso em: 3 ago. 2026.

BRASIL. Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. **Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional**. Diário Oficial da União: seção 1, Rio de Janeiro, RJ, 6 dez. 1937. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em: 18 jun. 2026.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. **Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências**. Brasília, DF: Presidência da República, 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm. Acesso em: 15 set. 2026.

CALDEIRA, Cleide Cristina. **Conservação preventiva: histórico**. *Revista CPC*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 91–102, nov. 2005/abr. 2006. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0i1p91-102. Disponível em: https://revistas.usp.br/cpc/pt_BR/article/view/15582?utm_source=chatgpt.com.Acesso em: 1 jun. 2025.

CARVALHO, Claudia Rodrigues. **Conservação preventiva de edifícios e sítios históricos: pesquisa e prática**. *Revista CPC*, São Paulo, n. 18, p. 141–153, dez. 2014/abr. 2015. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0i18p141-153. Disponível em: https://revistas.usp.br/cpc/pt_BR/article/view/88655?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 1 jun. 2025.

CARVALHO, Cláudia Rodrigues. **O projeto de conservação preventiva do Museu Casa de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, [s.d.]. Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_ClaudiaCarvalho_Projeto_de_conservacao_preventiva_do_museu_Casa_de_Rui_Barbosa.pdf. Acesso em: 30 jun. 2026.

CARVALHO, Claudia S. Rodrigues de; PASSOS, Isabel Fernandes; FONSECA, Victoria Vieira da. **Instruções técnicas: uma ferramenta para conservação de edifícios históricos**. Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: Acesso em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/forumpatrimo/article/view/34037

CHOAY, Françoise. **A alegoria do património**. Tradução de Teresa Castro. Lisboa: Edições 70, 2014.

CLAVIR, Miriam. **The social and historic construction of professional values in conserva tion**. Studies in Conservation, v. 43, n. 1, p. 1–8, 1998. DOI: 10.1080/00393630.1998.12068815.

CLIMATEMPO. **Climatologia e histórico de previsão do tempo em Ouro Preto**. [S. l.], [s.d.]. Disponível em: https://www.climatempo.com.br/climatologia/170/ouropreto-mg. Acesso em: 17 ago. 2026.

COELHO, Carla T.; ANDRADE, Inês E. J.; CHAVES, Elisabete E.; BRUNO, T.; PINHEIRO, Marcos José. **Plano de conservação preventiva para o Pavilhão Mourisco da Fiocruz**. In: SIMPÓSIO CIENTÍFICO DO ICOMOS BRASIL, 3., 2019, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE QUÍMICA. **Perguntas e respostas: água sanitária**. [S. l.]: CFQ, 2020. Disponível em: https://cfq.org.br/wp-content/uploads/2020/05/020-05-04_cartilha-perguntas-e-respostas-CFQ-V2-baixa-3.pdf. Acesso em: 11 ago. 2026.

Enciclopedia Broto de patologías de la construcción. [S. l.]: Links, [s. d.]. 1389 p.

FRONER, Yacy-Ara. **Memória e preservação: a construção epistemológica da ciência da conservação**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007. Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/memo_info/mi_2007/FCRB_MI_Memoria_e_Preservacao_A_construcao_epistemologica_da_Ciencia_da_Conservacao.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025.

GETTY CONSERVATION INSTITUTE. **Conservation Institute**. Los Angeles: J. Paul Getty Trust, [s. d.]. Disponível em: https://www.getty.edu/conservation-institute/. Acesso em: 29 jun. 2026.

GONÇALVES, Willi de Barros. **Interfaces e conflitos entre o conforto ambiental humano e a conservação preventiva do acervo em edifícios que abrigam coleções**. Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 9-25, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/eb72e5a5-70d9-49be-b213-c82269cec0f4/content. Acesso em: 7 jul. 2026.

GONÇALVES, W. B.; ARAÚJO, D. M.; SILVEIRA, R. V.; MACHADO, A. E. A. C.; MORAES, C. S.; OLIVEIRA, L. L. S.; TORRES, M. A. L. **Diagnóstico do entorno e envoltórias do edifício da Biblioteca Central da UFMG, visando a preservação do acervo**

de obras raras. In: SIMPÓSIO CIENTÍFICO DO ICOMOS BRASIL, 4.; SIMPÓSIO CIENTÍFICO ICOMOS-LAC, 1., 2020, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro, 2020. p. 1-22. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/6e6d1bc9-c49a-4e53-9b5a-387057ff405b/content. Acesso em: 7 jul. 2026.

ICOM-CC. **Terminología para definir la conservación del patrimonio cultural tangible**. Traducción de la versión original en inglés de 25 mar. 2008, rev. 23. Disponível em: https://www.icom-cc.org/en/terminology-for-conservation. Acesso em: 22 jun. 2026.

ICOMOS. **Carta de Veneza sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios**. Veneza, Itália, 25 a 31 maio 1964. Tradução de Flávio Lopes e Miguel Brito Correia. Disponível em: https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/11%20Carta%20de%20Veneza%20-%20ICOMOS%201964.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025.

ICOMOS-ISCS – INTERNATIONAL SCIENTIFIC COMMITTEE FOR STONE. **Illustrated glossary on stone deterioration patterns = Glossário ilustrado das formas de deterioração da pedra**. Edição e coordenação de Véronique Vergès-Belmin. Tradução de José Delgado Rodrigues e Maria João Revez. Paris: ICOMOS, 2016. 78 p. (Monuments and Sites, v. XV). Disponível em: https://publ.icomos.org/publicomos/jlbSai?html=Bur&base=technica&ref=42930&file=1610.pdf&path=Portuguese_glossary.pdf&utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 29 jul. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Gestão de riscos ao patrimônio musealizado brasileiro**. Brasília, DF: IBRAM, 2013. Disponível em: https://cedoc.museus.gov.br/wp-content/uploads/tainacan-items/113506/114721/cartilha_PGRPMB_web.pdf. Acesso em: 15 set. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Guia para projetos de arquitetura de museus**. 2. ed. Brasília, DF: IBRAM, 2023. 69 p. Disponível em: https://cedoc.museus.gov.br/publicacoes-ibram/guia-para-projetos-de-arquitetura-de-museus/?perpage=12&order=DESC&orderby=date&pos=3&source_list=repository&ref=%2Fitens%2F%3Fperpage%3D12%26view_mode%3Dmasonry%26paged%3D1%26order%3DDESC%26orderby%3Ddate%26fetch_only%3Dthumbnail%252Ccreation_date%252Ctitle%252Cdescription%26fetch_only_meta%3D. Acesso em: 15 set. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Subsídios para a elaboração de planos museológicos**. Brasília, DF: IBRAM, 2016. Disponível em: https://cedoc.museus.gov.br/publicacoes-ibram/subsidios-para-a-elaboracao-de-planos-museologicos/. Acesso em: 15 set. 2026.

KLÜPPEL, Griselda Pinheiro; SANTANA, Mariely Cabral de. **Manual de conservação preventiva para edificações**. [S. l.]: Ministério da Cultura; IPHAN; Programa Monumenta, [s. d.]. Disponível em: https://asec.eng.br/wp-content/uploads/2017/10/MANUAL-DE-CONSERVA%C3%87%C3%83O-PREVENTIVA-DE-EDIFICA%C3%87%C3%95ES-1.pdf. Acesso em: 20.jun. 2026

KÜHL, Beatriz Mugayar. **A restauração de monumentos históricos na França após a Revolução Francesa e durante o século XIX: um período crucial para o amadurecimento teórico**. *Revista CPC*, São Paulo, n. 3, p. 110–144, nov. 2006/abr. 2007. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0i3p110-144. Disponível em: https://revistas.usp.br/cpc/es/article/view/15601?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 1 jun. 2025.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. **A Inspetoria de Monumentos Nacionais do Museu Histórico Nacional e a proteção de monumentos em Ouro Preto (1934-1937)**. Anais do Museu Paulista, São Paulo, Nova Série, v. 25, n. 3, p. 233-290, set./dez. 2017. DOI: 10.1590/1982-02672017v25n0308. Disponível em: https://revistas.usp.br/anaismp/pt_BR/article/view/146199. Acesso em: 6 jun. 2026.

MARTINS, Régis Eduardo. **A casa corrente luso-brasileira em Minas Gerais: releitura sobre a casa urbana das regiões de Vila Rica e do Rio das Mortes (séculos XVIII e XIX)**. 2021. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/items/4408e658-00dc-40e7-9861-29f7df80589c. Acesso em: 21 jun. 2026.

MATTAR, Denise. **Alberto da Veiga Guignard: Sonhos e sussurros**. São Paulo: Almeida & Dale, 2014. Catálogo de exposição. Disponível em: https://almeidaedale.com.br/wp-content/uploads/2025/04/2014_alberto_da_veiga_guignard_sonhos-e-sussurros.pdf. Acesso em: 3 jul. 2026.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Cultura. Superintendência de Museus e Artes Visuais. **Plano museológico: Museu Casa Guignard**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura, 2015. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/images/2014/Sumav/guignard_digital.pdf. Acesso em: 15 set. 2026.

MINAS GERAIS. Sistema Estadual de Museus de Minas Gerais. **Museu Casa Guignard**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, [s.d.]. Disponível em: http://www.sistemademuseus.mg.gov.br/museus-de-minas/museus-estaduais/museu-casa-guignard/. Acesso em: 18 jun. 2026.

MUÑOZ VIÑAS, Salvador. **Teoria contemporânea da restauração**. Tradução de Flávio de Lemos Carsalade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.

MUSEU CASA GUIGNARD. **Diagnóstico do Museu Casa Guignard**. Ouro Preto, 2025. Relatório técnico interno não publicado.

OURO PRETO. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. **Dados geográficos**. Ouro Preto, [s. d.]. Disponível em: https://www.ouropreto.mg.gov.br/turismo/dados-geograficos. Acesso em: 30 jul. 2026.

OURO PRETO. Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano (SMPDU). **Inventário de Proteção ao Acervo Cultural – IPAC: Quadro II, volumes 02, 03 e 04/08, distrito sede – bairro Centro**. Ouro Preto, dez. 2012.

PATISSI, Eliezer; NEVES, Rafael Burlani. **Políticas públicas sustentáveis para o patrimônio cultural edificado, estudo das contribuições de modelos de conservação preventiva aplicados no Brasil e Espanha**. Mix Sustentável, Florianópolis, v. 9, n. 4, p. 297-309, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/269140/artigo-12.pdf?sequence=1. Acesso em: 1 jul. 2026.

PINHEIRO, Marcos José de Araújo; LOURENÇO, Bettina Collaro Goerlich de; DUARTE, Maria Cristina Coelho; FRAGUEIRA, Márcia Lopes Moraes; LOPES, Débora S. **Metodologia e tecnologia na área de manutenção e conservação de bens edificados**. Rio

de Janeiro: Fiocruz; Casa de Oswaldo Cruz, 2009. Disponível em: https://arca.fiocruz.br/items/0d061765-9f16-463e-855f-739a76fafac2/full. Acesso em: 30 jun. 2025.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SÉCULO 30 ARQUITETURA E RESTAURO. **Projeto de Readequação do Museu Casa Guignard: Arquitetura - levantamento/diagnóstico**. Ouro Preto, 2014. v. 1. Documento técnico. Acervo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Ouro Preto (IPHAN/OP).

SERVIÇO INTERNACIONAL DE MUSEUS. **Carta de Atenas sobre o restauro de monumentos**. Atenas, Grécia, 21 a 30 de outubro de 1931. Tradução de Flávio Lopes e Miguel Brito Correia. In: LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito. Património Cultural: critérios e normas internacionais de proteção. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014. Disponível em: https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/3%20Carta%20de%20Atenas%20restauro%20monumentos%201931.pdf. Acesso em: 1 jun. 2025.

SOUZA, Luiz Antônio Cruz; FRONER, Yacy-Ara (org.). **Roteiro de avaliação e diagnóstico em conservação preventiva**. Belo Horizonte: LACICOR–EBA–UFMG, 2008. 43 p. (Tópicos em Conservação Preventiva, 1).

UNI – Ente Nazionale Italiano di Unificazione. **UNI 11182:2006: Beni culturali – Materiali lapidei naturali ed artificiali – Descrizione della forma di alterazione – Termini e definizioni.** [S. l.]: UNI, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Escola de Arquitetura. Laboratório de Conforto Ambiental (LABCON). **Cartas solares**. Belo Horizonte: UFMG, [s. d.]. Disponível em: https://sites.arq.ufmg.br/tau/labcon/cs/. Acesso em: 2 out. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). **Inventário Nacional de Bens Imóveis e Sítios Urbanos Tombados: Ouro Preto e Mariana**. [S. l.]: UFMG, 2001–2002. Arquivo digital em formato DWG.

APÊNDICE

COMO USAR AS FICHAS

A frequência organiza a rotina. As cores indicam o tipo de ação.

OBSERVE / INSPECIONE	Verifique a condição do elemento e procure os sinais indicados
PODE EXECUTAR	Ação de rotina descrita no manual
ATENÇÃO	Indica cuidados específicos durante a execução ou situações que exigem avaliação/intervenção de profissional habilitado.

A CADA DIA

PISO CERÂMICO (BANHEIROS)

PODE EXECUTAR

☐ Limpar com pano úmido, utilizando água e sabão neutro;

☐ Para a desinfecção, utilizar 50 ml de água sanitária para 1L de água e aplicar com o pano umedecido na solução (Conselho Federal de Química, 2020, p. 11).

PISO TABUADO DE MADEIRA (BANHEIROS)

PODE EXECUTAR

☐ Varrer com vassoura de cerdas macias;

☐ Finalizar com pano úmido, não encharcado, e secar logo em seguida com outro pano.

A CADA 2X NA SEMANA

PISO TABUADO DE MADEIRA

PODE EXECUTAR
☐ Varrer com vassoura de cerdas macias;
☐ Finalizar com pano úmido, não encharcado, e secar logo em seguida com outro pano.

PISO DE PEDRA

PODE EXECUTAR
☐ Realizar a limpeza preferencialmente a seco, com vassoura de cerdas macias;
☐ Se o uso de água for indispensável, utilizar a menor quantidade possível e realizar essa limpeza preferencialmente em dias mais quentes e secos. A limpeza com água não deve ser realizada nas duas limpezas semanais previstas, devendo ocorrer apenas quando estritamente necessária.

ATENÇÃO
☐ Evitar o uso de água sempre que possível, pois os pisos de pedra concentram-se no subsolo, ambiente de umidade elevada.

A CADA 7 DIAS

PISO TABUADO DE MADEIRA

PODE EXECUTAR
☐ Após a limpeza, aplicar polidor (cera) à base de água.

ATENÇÃO
☐ Não usar polidor sintético ou outros produtos impermeáveis que impeçam a respiração da madeira.

PISO CERÂMICO

PODE EXECUTAR
☐ Limpar com vassoura de cerda macia, água e sabão neutro;
☐ Finalizar secando com pano.

ATENÇÃO
☐ **Evite** utilizar água em excesso durante a limpeza, impedindo que ela escoe por baixo das portas e atinja os ambientes adjacentes com pisos de madeira ou pedra. Evite também o contato da água com portas, marcos e demais elementos de madeira, prevenindo a absorção de umidade e possíveis danos ao material.

JARDIM

PODE EXECUTAR
☐ Remover folhas e outros materiais acumulados;
☐ Evitar deixar materiais de construção, entulhos ou objetos disperses no jardim.

COBERTURA

PODE EXECUTAR
☐ Manter aberta a esquadria de acesso à estrutura interna da cobertura às segundas-feiras, quando o museu está fechado à visitação, para favorecer a circulação de ar e reduzir a proliferação de microrganismos;
☐ Se possível, manter aberta diariamente após às 18h até a manhã seguinte.

A CADA 2 SEMANAS

VÃOS E ESQUADRIAS

PODE EXECUTAR
☐ Retirar a poeira com aspirador de pó ou pano macio e seco;
☐ Passar pano levemente umedecido, nunca encharcado, com água e sabão ou detergente neutro;
☐ Passar pano seco logo em seguida para remover a umidade residual;
☐ Limpe os vidros com pano macio e úmido, água e sabão neutro ou produto específico para vidro;
☐ Limpe as ferragens com pano seco. E quando necessário, lubrificar dobradiças e fechaduras com grafite.

MUROS E CHAFARIZ - JARDIM

PODE EXECUTAR
☐ Remover cuidadosamente vegetação de pequeno porte.

ATENÇÃO
☐ Vegetação enraizada ou de maior porte deve ser avaliada e retirada por profissional capacitado, pois a remoção pode provocar danos estruturais.

A CADA MÊS

VEDAÇÕES INTERNAS - SUPERFÍCIES COM PINTURA

PODE EXECUTAR
☐ Remover pontualmente sujidades com esponja macia levemente umedecida em água e sabão neutro;
☐ Remover resíduos de sabão com esponja umedecida apenas com água e secar com pano limpo e seco;
☐ Quando a limpeza com água for estritamente necessária em argamassa pintada, auxiliar a secagem com aquecedor de ar associado a ventilador.

ATENÇÃO
☐ Evitar limpeza frequente com água, pois a secagem lenta pode favorecer permanência de umidade e proliferação de fungos.

VEDAÇÕES INTERNAS - PEDRA

PODE EXECUTAR
☐ Quando necessário, retirar a poeira com espanador.

ATENÇÃO
☐ Evitar limpeza com água nas paredes de pedra do subsolo, devido à elevada umidade do ambiente.

VEDAÇÕES INTERNAS - CERÂMICA

PODE EXECUTAR
☐ Limpar com esponja macia, água e sabão neutro.

VEDAÇÕES - PINTURA DECORADA (JANELA DE PROSPECÇÃO)

PODE EXECUTAR
☐ Retirar apenas a poeira superficial com pincel de cerdas macias.

ATENÇÃO
☐ Em caso de manchas, procurar profissional conservador-restaurador para evitar danos à pintura.

BARROTES - MADEIRAMENTO DO TETO DO SUBSOLO

PODE EXECUTAR
☐ Retirar teias de aranha com vassoura de cerdas macias.

JARDIM

OBSERVE / INSPECIONE
☐ Observar se floreiras ou palmeira começam a provocar sombreamento, principalmente sobre a edificação.

PODE EXECUTAR
☐ Realizar a poda do gramado;
☐ Podar floreiras e palmeira quando começarem a interferir por sombreamento.

ATENÇÃO
☐ Não deve haver vegetação colada à edificação.

A CADA 6 MESES

Inspeção geral - com atenção especial antes do período de chuvas (agosto)

ENCONTROU ALGUMA ALTERAÇÃO?

Fotografe e registre a data, o local e a alteração observada – Ficha de monitoramento no final deste apêndice.

Durante as inspeções, consulte as orientações complementares quando identificar:
Ataque de insetos xilófagos, umidade ou fungos em elementos de madeira - item 5.3.1
Fissuras ou trincas em vedações - item 5.3.2
Agentes biológicos - item 5.3.3
Umidade em superfícies de argamassa - item 5.3.4

COBERTURA

☐ Folhas, resíduos ou outros materiais acumulados entre as telhas;
☐ Vegetação crescendo sobre a cobertura, calhas ou enraizada nos elementos;
☐ Telhas quebradas, deslocadas ou sem amarração;
☐ Acúmulo ou estagnação de água na cobertura e próximo às calhas;
☐ Obstruções nos dutos de descida de águas pluviais;
☐ Furos, rompimentos ou outros danos nos condutores de águas pluviais;
☐ Calhas, condutores ou demais peças soltas, deslocadas ou com fixações comprometidas;
☐ Sinais de ataque de insetos xilófagos: galerias, excrementos, pó, perfurações circulares, asas ou insetos mortos;
☐ Alterações de cor ou crescimento de fungos nas peças de madeira, especialmente nas embutidas ou em contato com alvenarias;
☐ Encaixes e ligações entre as peças da estrutura;
☐ Peças arqueadas, empenadas ou com outras deformações aparentes.

PODE EXECUTAR
☐ Retirar folhas e materiais acumulados;
☐ Substituir telhas quebradas e realocar telhas que deslizaram, confirmando as amarrações;
☐ Testar a desobstrução jogando um balde de água pelo tubo de descida;
☐ Retirar vegetação fixada nos telhados e calhas.

ATENÇÃO
☐ Realizar imunização do madeiramento;
☐ Caso encontre inconsistência nos encaixes, arqueamento ou deformação, marcar avaliação com profissional habilitado.

VEDAÇÕES INTERNAS, EXTERNAS E MUROS

OBSERVE / INSPECIONE
☐ Destacamento, escamação ou soltura da pintura em placas;
☐ Destacamento ou estufamento do reboco;
☐ Trincas, fissuras ou perdas de material;
☐ Manchas ou alterações de coloração;
☐ Áreas úmidas, marcas de escorrimento ou outros sinais de infiltração;
☐ Colonização biológica: manchas, alterações de cor, crescimento superficial ou presença de mofo;
☐ Nas paredes de madeira ou fórmica do Átrio e da Copa: sinais de ataque de insetos xilófagos ou presença de umidade.

PISO TABUADO DE MADEIRA

OBSERVE / INSPECIONE
☐ Trincas, fissuras, quebras ou perdas de material, especialmente nas quinas e bordas dos degraus;
☐ Manchas, alterações de coloração ou sinais de umidade e infiltração;
☐ Colonização biológica: manchas, crescimento superficial ou presença de fungos;
☐ Peças soltas, movimentações, deslocamentos ou sons que possam indicar perda de aderência;
☐ Nos pisos cerâmicos e de pedra: integridade dos rejuntamentos entre as peças;
☐ Nos pisos de madeira: sinais de ataque de insetos xilófagos, como perfurações, galerias, pó ou excrementos.

FORROS E BARROTES

OBSERVE / INSPECIONE
☐ Sinais de ataque de insetos xilófagos: galerias, excrementos, pó, perfurações circulares, asas ou insetos mortos;
☐ Alterações de cor ou crescimento de fungos;
☐ Áreas úmidas, manchas, bolhas ou destacamento da pintura;
☐ Irregularidades no nivelamento, arqueamento, empenamento ou outras deformações das peças.

VÃOS E ESQUADRIAS

OBSERVE / INSPECIONE
☐ Sinais de ataque de insetos xilófagos: galerias, excrementos, pó, perfurações circulares, asas ou insetos mortos;
☐ Alterações de cor ou crescimento de fungos;
☐ Áreas úmidas, manchas, bolhas ou destacamento da pintura, com atenção especial aos peitoris e às regiões de contato com a alvenaria;
☐ Peças soltas, deslocadas, empenadas ou com dificuldade de abertura e fechamento;
☐ Ferragens ausentes, incompletas, soltas ou com sinais de oxidação.

A CADA 1 ANO

RESERVATÓRIO DE ÁGUA (CAIXA D'ÁGUA)

OBSERVE / INSPECIONE
☐ Vazamentos, condição das vedações e funcionamento da torneira e da boia.

PODE EXECUTAR
☐ Lavar o reservatório com sabão neutro;
☐ Após a lavagem, diluir hipoclorito de sódio na água na proporção indicada no manual: 1 litro para cada 1.000 litros de água.

ATENÇÃO
☐ Evitar molhar a estrutura do telhado, pois a umidade favorece o desenvolvimento de fungos.

A CADA 2 ANOS

REPINTURA

ATENÇÃO
☐ Repintar muros e paredes externas devido à ação das intempéries;
☐ Repintar os forros;
☐ Repintar vãos e esquadrias, principalmente a face externa devido à ação das intempéries;
☐ A superfície deve ser preparada pelo professional especializado para receber a nova pintura.

IMUNIZAÇÃO

ATENÇÃO
☐ Realizar a proteção dos elementos de madeira – forro, piso, vãos e esquadrias – com imunizante por empresa especializada.

CHAFARIZ

ATENÇÃO
☐ Repintar a estrutura do arco em argamassa do Chafariz;
☐ A limpeza deve ser precedida de avaliação por conservador-restaurador, especialmente nas superfícies de cantaria.

A CADA 3 ANOS

VEDAÇÕES INTERNAS

ATENÇÃO
☐ Reaplicar a pintura das paredes e vedações internas para manter bom estado de conservação;
☐ O profissional deve preparar a superfície para receber a nova pintura.

A CADA 5 ANOS

COBERTURA E BARROTES

ATENÇÃO
☐ Renovar a camada de proteção do madeiramento com verniz.

QUANDO NECESSÁRIO

FORRO SAIA-E-CAMISA

PODE EXECUTAR

☐ Quando identificado manchas escuras e/ou amareladas na superfície da pintura do forro, pode realizar a remoção com esponja ou pano macio embebido em água e sabão neutro;

☐ Retirar o excesso de sabão com pano úmido em água e secar com outro pano.

FICHA DE MONITORAMENTO – Museu Casa Guignard			
DATA: / /	RESPONSÁVEL:	AMBIENTE / SALA:	LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA:

ORIENTAÇÃO: Registre apenas alterações visíveis. Não é necessário identificar a causa ou realizar diagnóstico técnico. Use o campo de “OBSERVAÇÕES” para registrar como a alteração se encontra.

ITEM	ALTERAÇÃO OBSERVADA		OBSERVAÇÕES	Nº / IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO FOTOGRÁFICO:
1	Manchas ou alteração de cor		Alteração nova, alteração existente, alteração parece ter aumentado…	
2	Sujidade / acúmulo de resíduos			
3	Umidade / infiltração / condensação			
4	Proliferação de fungos / mofos			
5	Proliferação de plantas			
6	Trincas / fissuras			
7	Partes soltas, desprendidas ou faltantes			
8	Desgaste			
9	Deformação / empenamento / deslocamento			

10	Ferrugem / oxidação			
11	Corrosão			
12	Sinais de insetos ou outras pragas			
13	Pintura ou acabamento descascando			
14	Intervenção inadequada			
15	Outra alteração			

EXEMPLO DE IMPLEMENTAÇÃO DA FICHA

FICHA DE MONITORAMENTO – Museu Casa Guignard			
DATA: 01 / 08 / 2026	RESPONSÁVEL: Jéssica Queiroz	AMBIENTE / SALA: Sala de Retratos	LOCALIZAÇÃO ESPECÍFICA: Porta

ORIENTAÇÃO: Registre apenas alterações visíveis. Não é necessário identificar a causa ou realizar diagnóstico técnico. Use o campo de "OBSERVAÇÕES" para registrar como a alteração se encontra.

ITEM	ALTERAÇÃO OBSERVADA		OBSERVAÇÕES	Nº / IDENTIFICAÇÃO DO REGISTRO FOTOGRÁFICO Obs.: Criar uma pasta na nuvem para armazenar esses registros, garantindo a preservação do histórico da edificação e facilitando sua consulta futura
1	Manchas ou alteração de cor			
2	Sujidade / acúmulo de resíduos			
3	Umidade / infiltração / condensação	X	Descreva o que foi encontrado. Ex.: Indício de umidade concentrada no forro próximo a janela.	nome do ambiente_ano +mês+dia Ex.: SalaRetratos_20260801
4	Proliferação de fungos / mofos			
5	Proliferação de plantas			

6	Trincas / fissuras	X	Descreva o que foi encontrado. Ex.: Fissura na parede próximo a porta de acesso; fissura aumentou em relação a último monitoramento.	SalaRetratos_20260801
7	Partes soltas, desprendidas ou faltantes			
8	Desgaste			
9	Deformação / empenamento / deslocamento			
10	Ferrugem / oxidação			
11	Corrosão			
12	Sinais de insetos ou outras pragas	X	Descreva o que foi encontrado. Ex.: Indício de inseto xilófago; excrementos de inseto xilófago...	SalaFotografias_20260801
13	Pintura ou acabamento descascando			
14	Intervenção inadequada			
15	Outra alteração			